

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO MUSEU NACIONAL

MESTRADO PROFISSIONAL EM LINGUISTICA E LÍNGUAS INDÍGENAS (PROFLLIND)

O FENÔMENO DA ALTERNÂNCIA DE CÓDIGO NA ALDEIA TICUNA UMARIAÇU

Nilson Alexandre Ferreira – Ticuna

(Waiyeücü)

Rio de Janeiro

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO MUSEU NACIONAL

MESTRADO PROFISSIONAL EM LINGUISTICA E LÍNGUAS INDÍGENAS (PROFLLIND)

O FENÔMENO DA ALTERNÂNCIA DE CÓDIGO NA ALDEIA TICUNA UMARIAÇU

Nilson Alexandre Ferreira – Ticuna

(Waiyeücü)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Mestre em Linguística em Linguística e Línguas Indígenas.

Orientador: Prof. Dr. Andrew Ira Nevins
Linha de pesquisa: Descrição, Análise e Documentação de Línguas Indígenas.

Rio de Janeiro

2025

Ficha catalográfica

Ferreira, Nilson Alexandre (Ticuna Waiyeücü)
F383f O fenômeno da alternância de código na aldeia Ticuna Umariaçu / Nilson Alexandre Ferreira – (Ticuna Waiyeücü). – Rio de Janeiro, 2025.

124f. : il. (color.)

Orientador: Prof. Dr. Andrew Ira Nevins

Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Rio de Janeiro : Museu Nacional, Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas - PROFLLIND, 2025.

1.Línguas indígenas. 2.Língua Ticuna. 3. Alternância (linguística). I. Nevins, Andrew Ira. II. Título.

CDD 498



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

MUSEU NACIONAL
UFRJ

MESTRADO PROFISSIONAL EM LINGUÍSTICA E LÍNGUAS INDÍGENAS

MUSEU NACIONAL

MESTRADO PROFISSIONAL EM LINGUISTICA E LÍNGUAS INDÍGENAS (PROFLLIND)

O FENÔMENO DA ALTERNÂNCIA DE CÓDIGO NA ALDEIA TICUNA UMARIAÇU

Nilson Alexandre Ferreira – Ticuna

(Waiyeücü)

Banca Examinadora

Presidente - Prof. Dr. Andrew Ira Nevins (PROFLLIND- MN- UFRJ)

Prof. Dr. Gean Nunes Damulakis (PROFLLIND- MN- UFRJ)

Prof. Dr. Adam Roth Singerman (SYRACUSE - UNIVERSIT)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus filhos, que são meu maior tesouro. Que este título sirva de exemplo e motivação para que nunca deixem de sonhar e de lutar pelos seus objetivos. Que sigam sempre em frente com coragem, determinação e esperança no coração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, ao Deus Supremo, por me conceder a vida e a oportunidade de ser quem sou hoje.

Estendo minha gratidão à minha família, de modo geral, e às lideranças indígenas da região do Alto Rio Solimões, pelo apoio e acolhimento ao longo da minha trajetória.

Um agradecimento especial à minha mãe, que, como mãe solo, enfrentou muitas dificuldades para me criar e, mesmo assim, me deu a oportunidade de seguir esse caminho de conhecimentos. Sua força e dedicação foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

Sou grato também aos meus professores da graduação e da pós-graduação, que me incentivaram e contribuíram de forma significativa para minha formação acadêmica.

Por fim, agradeço aos docentes e à coordenação do PROFLLIND, pela oportunidade, orientação e apoio ao longo deste percurso.

A todos, o meu mais profundo agradecimento.

.

RESUMO

O fenômeno da alternância de código (code-switching), presente atualmente na fala dos Ticuna da aldeia Umariaçu, localizada na tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru, manifesta-se por meio da utilização simultânea das línguas Ticuna, português e espanhol. Trata-se de uma prática que, embora passe despercebida por muitos falantes, tem despertado a atenção e a preocupação de professores e lideranças indígenas da comunidade. Por um lado, essa alternância pode ser vista como uma habilidade comunicativa criativa, refletindo o domínio multilíngue dos falantes; por outro, pode ser interpretada como um indicativo do enfraquecimento da língua materna.

A compreensão da atual interação linguística entre o Ticuna, o português e o espanhol em Umariaçu — que resultou na adoção desse fenômeno pela geração atual — requer a análise do contexto histórico, social e linguístico desde os primeiros contatos com os exploradores até os dias atuais. Este é o caminho investigado pelo presente estudo, que propõe uma reflexão crítica sobre esse processo.

Esta pesquisa teve como objetivo investigar as causas da ocorrência desse fenômeno em um contexto de contato linguístico intenso. Foram analisados exemplos de alternância de código ocorridos em interações sociais diversas entre falantes Ticuna. A metodologia adotada foi de natureza qualitativa, com a coleta de dados realizada por meio de gravações de áudio e anotações em caderno de campo. A partir desse material, foram selecionados 24 trechos de fala que compuseram o corpus da análise. Esses trechos foram examinados com base em autores que discutem a alternância de código, considerando aspectos gramaticais e discursivos nos níveis da palavra, da frase e da oração, tanto em português quanto em espanhol.

Os resultados apontam que a alternância de códigos ocorre como consequência do contato intenso com as línguas da sociedade envolvente. Nesse cenário, a alternância emerge como uma estratégia de sobrevivência linguística, por meio da qual a língua Ticuna busca manter-se viva diante das pressões externas.

Palavras-chave: Línguas Indígenas; Língua Ticuna; Alternância de código.

ABSTRACT

The phenomenon of code-switching, observed in the speech of the Ticuna people from Umariaçu village, located at the tri-border region between Brazil, Colombia, and Peru, manifests itself through the simultaneous use of Ticuna, Portuguese, and Spanish. This practice, although often unnoticed by speakers, has drawn the attention and concern of local teachers and indigenous leaders. On the one hand, code-switching can be seen as a creative communicative skill, reflecting the community's multilingual competence; on the other hand, it may indicate the weakening of the native language.

Understanding this phenomenon requires analyzing the historical, social, and linguistic context of the village, from the first contacts with explorers to the present day. This study critically examines this process, aiming to identify the factors that have led the current generation to adopt code-switching.

This qualitative research analyzed spontaneous social interactions among Ticuna speakers. Data were collected through audio recordings and field notes, resulting in a corpus of 24 speech excerpts. The analysis, based on authors who discuss code-switching, considered grammatical and discursive aspects at the word, phrase, and sentence levels in both Portuguese and Spanish.

The results indicate that code-switching arises from intense contact with the surrounding majority languages and emerges as a linguistic survival strategy through which the Ticuna language seeks to remain alive under external pressures.

Keywords: Indigenous Languages; Ticuna Language; Code-Switching.

IRAÃTCHI

Ngema de'a i tomagawa yu'tchigüü (code-switching) nhu'ma i Ticuna i mariwatchucãgü nawa i de'agüü, i tamaepü naane i ngemaüwa: Brasil, Colômbia rü Peru. Nhema nangougu ngeguma ya deagügu i nhema duugü i tamaepü ya conüwá: Ticuna, português rü espanhol. Mu'ema ya dueegü nawá tide'agü, notürü tama nüü tadaugü ninhunhaüca' ni nhema inangupetüü. Notürü, i ã'egacügü rü ngueruugü rü naca inaoegaeegü nhema nacüma. Wüicüwawá rü ngema de'a rü wüi cua' meü nii, nherü mucü ya conüwa ti de'a, notürü tocüwawá rü nanawe' niaturaãtchi i yima conü i ticunagüarü.

Na nü'ü i cua'üca' ni tacüca' nhuma nhemaacü ya de'agüü i nhema duugü, nawá ya conü nügüwa ya dagücü, Ticuna, portugues rü espanhol, rü nanawae ni nagu rü inüe i nhema nüiraügüü duugü, ni nhunhacü natanüwá nangu'u yima conügü, rü tacüca ni'i nawá nanhagagüü nheguma ya de'agügu.

Ngema nhãa ngu' rü naca nadau na tacü nangupetüee i nhema de'a tomagawa i yu'tchigüü (code-suiching) i ticunagawa rü portugueswá nhumatchi espanholwá, nhumatchi tacü ya toamaatchiraü i ticunagü arü deagüwá.

Nhema nacüma nhaa ngu' nina nutaquee i natchiga rü nangupetü nawá i yaugatae rü wüetae i poperawá i ngaütanüwa. Natanüwa nhema naga ta nutaqueei, rü niadeetchi i 24 i naga i nhema ni'i ya nguutchieeü i nhaã ngu'. Nhema deagü rü nü'ü nidaugügü rü nanangugü rü nügü nanangugü i yatügü wümatügüümaa i nhema alternância de código, nawa i wüi de'a rü wüi de'atchimaü rü nhumatchi wüi de'a rü tamaepü, nawa ya conü português rü espanhol nhumatchi ticunagügawa.

Norü nguutchi nü'ü niu ni nhema alternância de código nangupetüü nherü aurima natanüwa nange'ma ya conü tomagüarü. Nhema tomagawa ya yutchigüü i Ticunagüga (code-swiching), rü wüi nacüma i i'ü ni'i, nama'ü ya norü conü natanüwá i poraüma nagagü i tomagüarü.

De'agü – naeru i igüü: Maiyugüga; Ticunagüga; De'a i tomagawa yu'tchigüü.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Representação fonética das vogais Ticuna.....25
Quadro 2 – Representação fonética das consoantes Ticuna.....26
Quadro 3 - Tonalidade Tomacatchi.....31
Quadro 4 - Tonalidade woramacuri.....32
Quadro 5 - Tonalidade Ãgümücü.....32
Quadro 6 - Tonalidade Liderãsagü.....33
Quadro 7 - adaptação caciques.....33
Quadro 8 – adaptação oportunidade.....33
Quadro 9 – adaptação: para saúde e direito.....34
Quadro 10- adaptação: para o social.....34
Quadro 11 – adaptação: para ocuparmos.....34
Quadro 12 – adaptação: setores.....35
Quadro 13 – adaptação: presidente.....35
Quadro 14 – adaptação: Funai.....35
Quadro 15 – adaptação: na Sesai.....35
Quadro 16 – adaptação: para comandarmos.....36
Quadro 17 – nação com penas e sem penas variação de clãs.....62
Quadro 18 – nação com e sem penas em Umariaçu.....63
Quadro 19 - adaptação morfológica **/s/ para [ʧ].....93**
Quadro 20 - adaptação morfológica: inclusão da vogal nas silabas mal formadas.....94
Quadro 21: adaptação morfológica /l/ para /r/ e / ʃ / para [ts].....94
Quadro 22 - adaptação morfológica inclusão de vogal nas silabas mal formadas.....94

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa da região do Alto Rio Solimões.....20
Figura 2: Mapa das aldeias Ticuna Peruanas.....21
Figura 3: Figura 3: Mapa das aldeias Ticuna colombianas.....22
Figura 4: Imagem de uma oitava de um piano musical.....32
Figura 5: Mapa da Terra Indígena Tikuna Umariaçu.....45
Figura 6: Mapa de Localização da Terra Indígena Umariaçu no mapa do Brasil.....46
Figura 7: Banda Cultural Aitcha.....52
Figura 8: Aniversariantes do mês na escola.....54
Figura 9: Atletas veteranos da equipe Castanhal de Umariaçu I.....55
Figura 10: Torcida da equipe Santa Cruz de Umariaçu II.....56
Figura 11: Banda Marcial Ticuna de Umariaçu.....57
Figura 12: Quadrilha os bonecos na roça.....58
Figura 13: 1ª Igreja da Santa Cruz de Umariaçu II.....61
Figura 14: Bairro da Comara.....74
Figura 15: Mapa do Bairro Castanhal – Umariaçu I.....75

LISTA DE SIGLAS

AC – Alternância de código

ARS – Alto Rio Solimões

DIASI – Divisão de Atenção À Saúde indígena

DSEI – Distrito Sanitário e Especial Indígena

L1 – Língua Um

L2 – Língua Dois

MS – Ministério da Saúde

OGPTB – Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngues

SEMED – Secretaria Municipal de Educação

SESAI – Secretaria de Saúde Indígena

SIASI – Sistema de informação de atenção a saúde indígena

UEA – Universidade do Estado do Amazonas

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO.....16
1.1 – O problema.....17
1.2 – Justificativa.....17
1.3 – Situação Prblema.....18
1.4 - Objetivos.....18
1.4.1 – Geral.....18
1.4.2 – Especificos.....19
2 – O POVO TICUNA.....19
2.1 - A Língua Ticuna e suas características.....24
2.2 – O Alfabeto Ticuna.....25
2.3 – A Representação fonética das letras do alfabeto Ticuna.....25
2.4 – A Silaba Ticuna.....26
2.5 – A Ordem de palavras no Ticuna.....27
2.6 - A Composição das palavras para formar frases.....30
2.7 – As Tonalidades das palavras na Língua Ticuna.....31
2.8 – As Palavras homónimas homógrafas na língua Ticuna.....36
2.9 – O processo de epêntese das vogais nas palavras emprestadas.....38
3- A TERRA INDIGENA UMARIAÇU.....40
3.1 – a Cultura Tradicional.....48
3.2 – A Cultura Ocidental.....53
3.3 – As Seitas Religiosas..... 59
3.4 - A Organização Social dos Clãs.....61
3.5 – A Origem Mitológica do Povo Ticuna.....64
3.6 - Forma de sobrevivência da Comunidade Umariaçu.....65
3.7 - A importância da língua portuguesa e Ticuna em Umariaçu.....66
3.8 - A importância da preservação da cultura em Umariaçu.....67
3.9 - A educação escolar indígena na aldeia Umariaçu.....68
4 - A SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DE UMARIAÇU.....72
4.1 - Castanhal e Comara: o contato linguístico e cultural nas fronteiras de Umariaçu I.....74

5 – QUEM SÃO OS ATORES QUE ALTERNAM OS CODIGOS NAS NARRATIVAS TICUNAS NA ALDEIA UMARIAÇU?....76
5.1 – o Ticuna Brasileiro....76
5.2 – O Ticuna Colombiano ou Peruano....77
5.3 – As Lideranças Indigenas....78
5.4 – Os Jovens da Atualidade....79
5.5 – Os Alunos indígenas que estudam em escolas não-indígenas....79
5.6 – O feirantes....80
6 – REVISÃO DA LITERATURA....82
6.1 - O contato das línguas portuguesa e Ticuna na região do Alto Rio Solimões....82
6.2 - O Contato linguístico do português com a língua Ticuna na aldeia Umariaçu....83
6.3 - Consequências do contato linguístico....84
6.4 - Empréstimo Linguístico....85
6.5 - Adaptação de palavras das línguas de contato na língua base....86
6.6 - A alternância de código....91
6.7 - Morte Linguística....93
7 – METODOLOGIA....95
7.1 – Delimitação do Estudo....95
7.2 – Tipo de Pesquisa....95
7.3 – População e amostra....96
7.4 – Instrumento e Coleta de dados....96
8 - DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS....97
9 - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS....115
10 – POSSÍVEIS EXTENSÕES PARA AS ESCOLAS INDIGENAS....116
11 - CONCLUSÃO....118
REFERÊNCIAS....120

MEMORIAL

Nasci em 23 de novembro de 1976, na Aldeia Indígena Umariaçu II, localizada no município de Tabatinga-AM, na região do Alto Rio Solimões. Pertencente à etnia Ticuna, sou integrante do Clã de Boi, sendo o meu nome indígena **WAIEICÜ**, cujo significado é "aquele que está dentro da cerca".

Minha trajetória escolar iniciou-se aos seis anos de idade, em 1982, na pré-escola localizada na sede municipal, na Escola Casulo. Aos sete anos, ingressei na 1ª série do ensino fundamental na Escola Almirante Tamandaré, instituição militar situada na própria aldeia, onde concluí o 1º grau em 1996. Devido à ausência de oferta do ensino médio na comunidade, no ano seguinte passei a frequentar a Escola Estadual Duque de Caxias, na sede do município de Tabatinga. Considerando a carência de professores indígenas na aldeia, optei por cursar o magistério, concluído em 1999.

Entre os anos de 1998 e 2001, participei da formação de professores indígenas Ticuna Bilíngue, oferecida pela Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngue (OGPTB), na aldeia Filadélfia, município de Benjamin Constant-AM. Essa formação, voltada à educação indígena, proporcionou aprofundamento em temas educacionais e culturais específicos. Durante esse período, atuei também como secretário institucional da OGPTB e colaborei na elaboração de diversos materiais didáticos, com destaque para o *Livro dos Peixes*, publicado em 2017.

Em 2000, iniciei minha atuação profissional como educador, assumindo a gestão de uma pequena escola com três salas de aula em minha aldeia. Embora não tivesse experiência anterior na função, desempenhei um trabalho reconhecido pela comunidade, permanecendo como gestor até 2008. De 2004 a 2008, exerci também a função de professor do Ensino Fundamental II na Escola Estadual Indígena Almirante Tamandaré, concretizando o compromisso de retornar à escola como docente.

Em 2002, fui aprovado no vestibular da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), onde cursei o Curso Normal Superior, finalizado em 2005. Em 2006, fui aprovado em concurso público municipal como professor indígena, e em 2007 iniciei a pós-graduação em Psicopedagogia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), concluída em 2008.

No período de 2009 a 2012, atuei como coordenador municipal de educação indígena junto à Secretaria Municipal de Educação de Tabatinga (SEMED), sendo responsável por 43 escolas indígenas. Nesse cargo, desenvolvi ações administrativas e pedagógicas voltadas à valorização da educação diferenciada. Posteriormente, em 2013 e 2014, exerci a função de apoio

pedagógico da Coordenação de Educação Indígena do município. No mesmo ano, fui novamente aprovado em concurso público municipal. Em 2015, assumi uma turma do 4º ano na Escola Municipal Indígena João Ayres da Cruz, onde cumpri o período probatório. Em 2016, fui convidado a assumir a gestão da escola, permanecendo posteriormente como apoio pedagógico nos anos de 2017 e 2018. Nesse contexto, participei da elaboração do livro *Nós Ticunas e o Ensino Bilíngue: religação de saberes aos processos pedagógicos*, junto a colegas professores da referida instituição.

Em 2023, fui convidado a assumir a chefia da Divisão de Atenção à Saúde Indígena (DIASI), vinculada ao Distrito Especial de Saúde Indígena do Alto Rio Solimões (DSEI-ARS). Permanecei na função por quatro meses, sendo posteriormente designado, em setembro do mesmo ano, para o cargo de Apoiador Técnico em Saúde, o qual exerço atualmente.

Paralelamente às funções profissionais, mantenho constante militância no movimento indígena, especialmente nas áreas da educação e saúde. Ao longo dos anos, participei de reuniões, seminários, oficinas, palestras e eventos em diferentes níveis – local, regional e estadual – como representante de minha comunidade. Atuei diretamente na articulação política junto a autoridades municipais e estaduais, defendendo melhorias nas políticas públicas voltadas aos povos indígenas.

Sou defensor da valorização da cultura Ticuna por meio da educação escolar específica e diferenciada. Organizei eventos culturais e participei de apresentações em outros municípios, acompanhado por jovens da comunidade, com o objetivo de preservar e divulgar a cultura tradicional. Preocupo-me também com o meio ambiente e desenvolvo ações educativas voltadas à conscientização ecológica, tanto em sala de aula quanto nas atividades comunitárias. Além disso, componho músicas na língua Ticuna, com temáticas culturais e ambientais. Fundador da Banda Cultural Ai'tcha e do grupo MN SOM, produzo conteúdos audiovisuais disponíveis na internet. Acredito na força da arte como ferramenta de preservação e transmissão cultural.

Desde jovem, sou praticante e incentivador do esporte, promovendo campeonatos de futebol em diferentes categorias – infantil, juvenil, livre e veterano – como forma de combater a vulnerabilidade social, especialmente em relação ao alcoolismo e às drogas. Implantei diversos projetos na comunidade, em parceria com a Prefeitura de Tabatinga, como: *Revelando Talento na Escola Indígena* (2009–2012), *Esporte na Escola* (2014–2016) e *Inclusão Digital para Jovens em Situação de Risco Social* (2018–2019).

Minha atuação sempre esteve pautada na valorização do conhecimento tradicional: os mitos, lendas, rituais, a medicina indígena e a organização social Ticuna. Como professor-pesquisador, registro saberes por meio de entrevistas, gravações e registros audiovisuais, organizando um acervo que serve de base para produções didáticas e musicais.

Em 2019, ingressei no Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas, do Programa PROFLLIND/UFRJ. Esse ingresso representou a realização de um grande objetivo: aprofundar meus conhecimentos linguísticos e contribuir de forma mais qualificada para minha comunidade e para o movimento indígena. Acredito que compreender as questões linguísticas dos povos originários é essencial para a formação crítica, a valorização cultural e a promoção de políticas públicas justas e específicas.

1 – INTRODUÇÃO

A língua portuguesa foi a primeira língua de contato com a população Ticuna, por meio dos exploradores que chegaram à região. Desde então, muitas palavras do português começaram a ser introduzidas no vocabulário oral dos Ticuna, especialmente os nomes de produtos industrializados trazidos pelos invasores para comercialização.

Este estudo foi realizado na Terra Indígena Umariaçu, localizada no município de Tabatinga, na região do Alto Rio Solimões, estado do Amazonas, especificamente nas comunidades de Umariaçu I e II, situadas a aproximadamente 5 km da sede municipal. Trata-se de duas aldeias pertencentes à etnia Ticuna, que mantém viva sua língua e parte de sua cultura.

A pesquisa surgiu da preocupação do autor ao perceber que a língua materna está em constante modificação em sua forma de falar e escrever, tanto dentro quanto fora do contexto escolar, especialmente entre os mais jovens.

Neste trabalho, o objeto de investigação é a alternância de código (doravante AC), que ocorre entre o Ticuna, o português e o espanhol nas falas dos diferentes atores sociais Ticuna, refletindo as variedades linguísticas presentes na comunidade da aldeia Umariaçu. Ressalta-se que se trata de uma localidade bilíngue, em constante contato com a língua majoritária. A população é falante da língua Ticuna e tem como segunda língua o português, falado e escrito pela maioria dos moradores. Segundo Bragio (1992), cada terra indígena possui particularidades sociolinguísticas, sendo possível classificá-las como bilíngues, uma vez que a maioria de seus membros domina e utiliza tanto a língua nativa quanto o português.

Apresentamos, neste estudo, exemplos de alternância de códigos identificados em contextos de bilinguismo ou trilinguismo – Ticuna, português e espanhol – e, em alguns casos, até mesmo o inglês, na Terra Indígena Umariaçu (doravante TIU). Os dados foram obtidos por meio de pesquisa de campo, com gravações e anotações de conversas realizadas em diferentes contextos: no ambiente familiar do pesquisador, em reuniões de lideranças indígenas, em interações entre feirantes, em partidas de futebol com atletas Ticuna e em conversas de grupos de WhatsApp sobre diversos temas. A partir desses dados, foram selecionados trechos de áudio, posteriormente transcritos e analisados.

Buscamos investigar as causas desse fenômeno linguístico na língua Ticuna, identificando os atores sociais que o realizam e em quais circunstâncias. Entre esses atores, destacam-se as lideranças indígenas, profissionais de saúde e educação, pequenos comerciantes (como

feirantes e autônomos) e a juventude em geral. Também são considerados os Ticuna estrangeiros já nacionalizados e os não indígenas que se relacionam com a comunidade.

Nesse contexto de contato linguístico — no qual uma das línguas é a oficial do país e a outra pertence à comunidade indígena, que luta por sua preservação — destaca-se o fato de Umariaçu estar localizada na tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru. Há grande circulação de indígenas e não indígenas peruanos e colombianos na comunidade, vindos das cidades de Letícia (Colômbia) e Santa Rosa (Peru), além de comunidades Ticuna desses países vizinhos, que visitam familiares ou frequentam a feira indígena. Nessa dinâmica, o espanhol é uma terceira língua de contato, usada pelos Ticuna brasileiros no ambiente de trabalho e, por vezes, no contexto familiar. Quanto ao inglês, trata-se de uma língua acessada predominantemente por meio da internet e de outros meios de comunicação, refletindo a crescente presença das tecnologias de informação na comunidade.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2005), a alternância de código é um fenômeno natural em comunidades bilíngues e pode refletir estratégias identitárias e sociocomunicativas dos falantes. Da mesma forma, Hornberger (2003) enfatiza que contextos multilíngues, como o das comunidades indígenas na tríplice fronteira, potencializam práticas linguísticas híbridas e dinâmicas, em que o uso das línguas varia conforme o domínio de uso, o interlocutor e a intenção comunicativa.

1.1 - O problema

Quais são os impactos da alternância de código entre o Ticuna, o português e o espanhol na comunidade indígena Umariaçu, e de que maneira esse fenômeno influencia o uso, a valorização e a preservação da língua Ticuna entre os falantes locais?

1.2 - Justificativa

Falar a língua Ticuna, para mim, é motivo de orgulho e alegria, pois ela representa a identidade cultural do meu povo. Ser capaz de falar o Ticuna, o português e o espanhol simultaneamente é algo impressionante. Isso demonstra que o indígena não permaneceu parado no tempo, mas evoluiu e acompanhou as transformações do mundo, afinal, a cultura de um povo não é estática.

Entretanto, quando um povo deixa de praticar sua cultura, substituindo-a por outra que não o identifica como indígena, isso se torna motivo de grande preocupação.

Nas últimas duas décadas, a cultura Ticuna na comunidade Umariaçu tem se enfraquecido a ponto de comprometer a identidade de seu povo. A língua é o principal elemento vivo que mantém viva essa identidade indígena. No entanto, nos últimos anos, a variedade da língua Ticuna falada em Umariaçu tem sofrido diversas alterações em sua forma oral e escrita. Como resultado, muitos jovens enfrentam dificuldades tanto para falar quanto para escrever na língua.

A variedade linguística presente hoje na comunidade é caracterizada por uma forma de Ticuna alternado com o português, com adaptações fonológicas perceptíveis. Em algumas áreas da aldeia Umariaçu I, há inclusive moradores que já não falam mais a língua Ticuna. Essa realidade tem me causado profunda preocupação e motivou a realização desta pesquisa.

1.3 – Situação Problema

A comunidade indígena Ticuna Umariaçu é uma das mais populosas do município de Tabatinga-AM, situada na região do Alto Rio Solimões, na tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru. Devido ao contato intenso com populações falantes de português e espanhol — provenientes principalmente do Peru e da Colômbia —, os moradores mais jovens e adultos da comunidade passaram a adotar, além do português, o espanhol como língua de uso cotidiano. O bilinguismo nessa localidade ocorre de forma natural, resultado da convivência contínua com falantes das línguas de contato. Assim, é comum que os Ticuna residentes na comunidade apresentem, em suas falas, a alternância de código, ou seja, a mescla de elementos linguísticos do Ticuna, do português e do espanhol em uma mesma interação comunicativa. Tal fenômeno, embora seja característico de contextos multilíngues, pode contribuir para o enfraquecimento da língua materna, especialmente entre os mais jovens, refletindo-se em dificuldades na leitura e na escrita em Ticuna.

Atualmente, é possível constatar, *in loco,* em diversas comunidades indígenas da região, que já existem falantes Ticuna que privilegiam as línguas de contato — português e espanhol — em detrimento de sua língua originária, o que acende um alerta para a necessidade de políticas linguísticas e educativas voltadas à preservação e valorização da língua Ticuna.

1.4 - Objetivos

1.4.1 – Geral

- Analisar os impactos da alternância de código entre o Ticuna, o português e o espanhol na comunidade indígena Umariaçu, considerando suas implicações para a preservação da língua Ticuna e para as práticas linguísticas dos falantes.

1.4.2 – Específicos

- Descrever as situações comunicativas em que ocorre a alternância de código na comunidade Umariaçu;
- Identificar quais grupos etários mais utilizam a alternância de código e de que forma ela se manifesta;
- Identificar quais os tipos de alternância ocorre na fala dos Ticuna;
- Mostrar como ocorre a alternância de código entre a Língua Ticuna, portuguesa e espanhola;
- Refletir sobre possíveis estratégias de valorização e fortalecimento da língua Ticuna diante do contexto multilíngue local.

2 – O POVO TICUNA

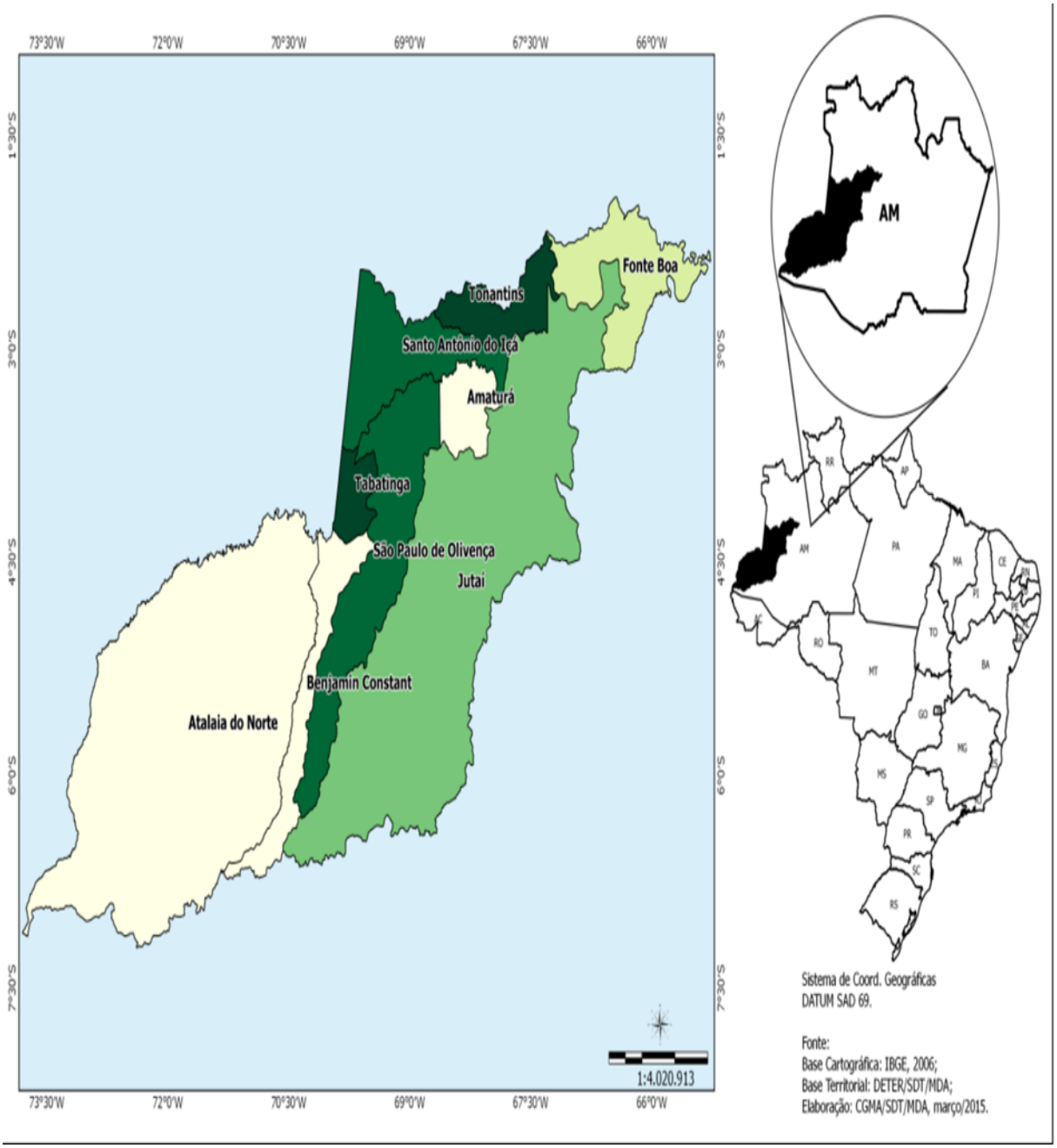
Segundo a origem mitológica, o povo Ticuna originou-se na pesca dos irmãos Yoi e Ipi nas águas do Igarapé Eware, hoje localizado nas cabeceiras do Igarapé de Tunetü, afluente da margem esquerda do rio Solimões no limite entre o município de Tabatinga e São Paulo de Olivença, localidade nas quais atualmente estão concentrados o maior número de Ticuna nesta região.

O povo Ticuna habita a tríplice fronteira do Brasil, Colômbia e Peru. No Brasil, eles são encontrados em todos os municípios da mesorregião do Alto Solimões no estado do Amazonas. É o povo indígena mais populoso da região norte brasileira. Sua população é de 51.604 em 132 aldeias somente na região do Alto Rio Solimões segundo dados da (SIASI-DSEI-ARS/SESAI/MS, 2023). De acordo com Flores (2018, capítulo 1, seção 1.3), o povo Ticuna,

> Espalhou-se pelos municípios da Região do Alto Rio Solimões - Tabatinga, Benjamin Constant, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Içá, Tonantins, Jutaí e Fonte Boa; e por municípios do Médio Solimões - Tefé, Coari, Beruri, Anamã, Manacapuru; e ainda no Baixo Solimões, em Manaus e entorno

Na visão de Flores (ibidem), o número de municípios Ticuna já seria superior, numericamente, a uma dezena.

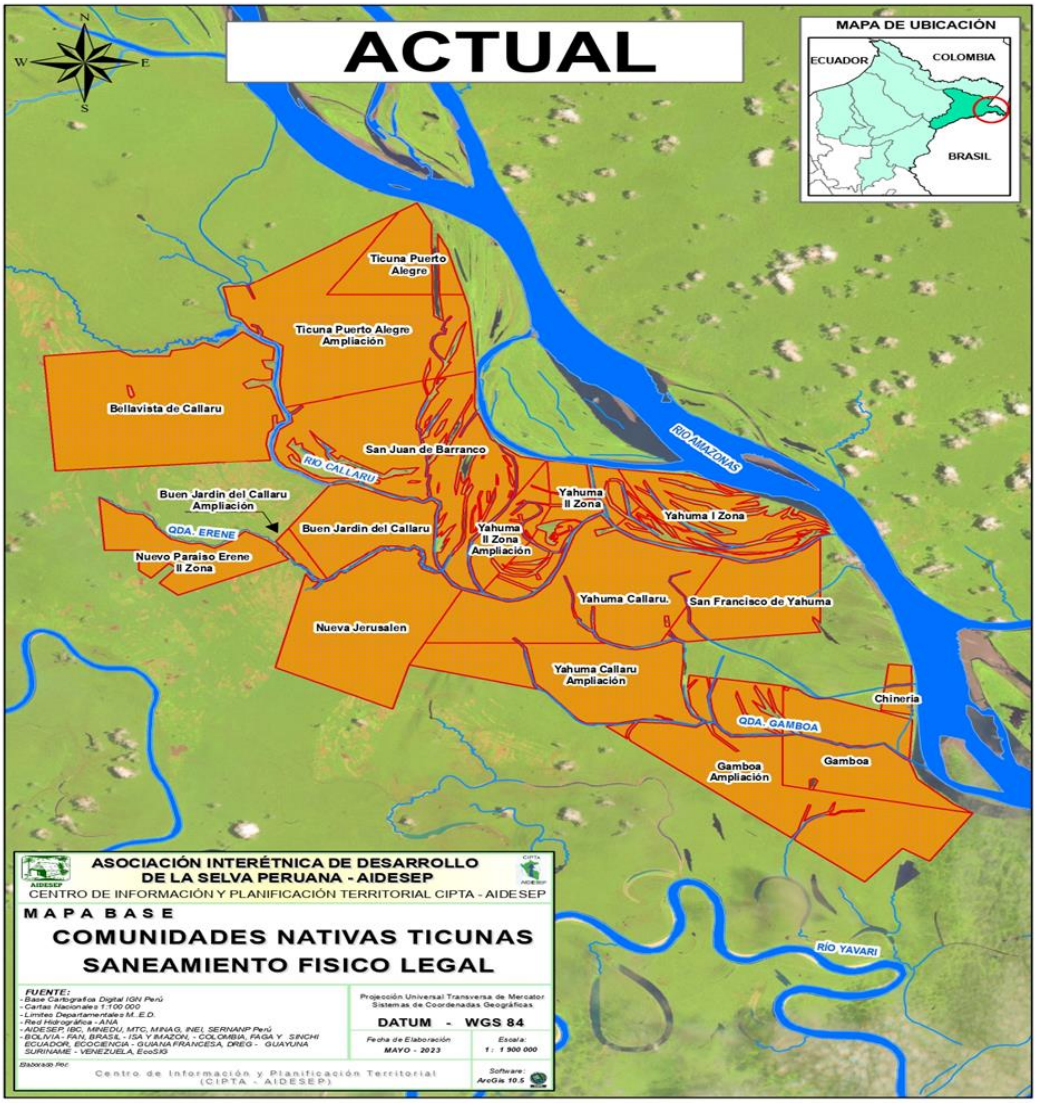
Figura 1: Mapa da região do Alto Rio Solimões



Fonte: Google

Segundo Acosta y Camacho (1996), as comunidades indígenas Ticuna do lado peruano estão localizadas nas margens do rio Amazonas do Peru em 15 comunidades, distribuídas nos distritos de Ramon Castilla, Javarí e Putumayo, onde eles mantêm a língua e a cultura viva. A estimativas de população é de 9.492 indivíduos segundo os dados do Ministério da Cultura Peruana.

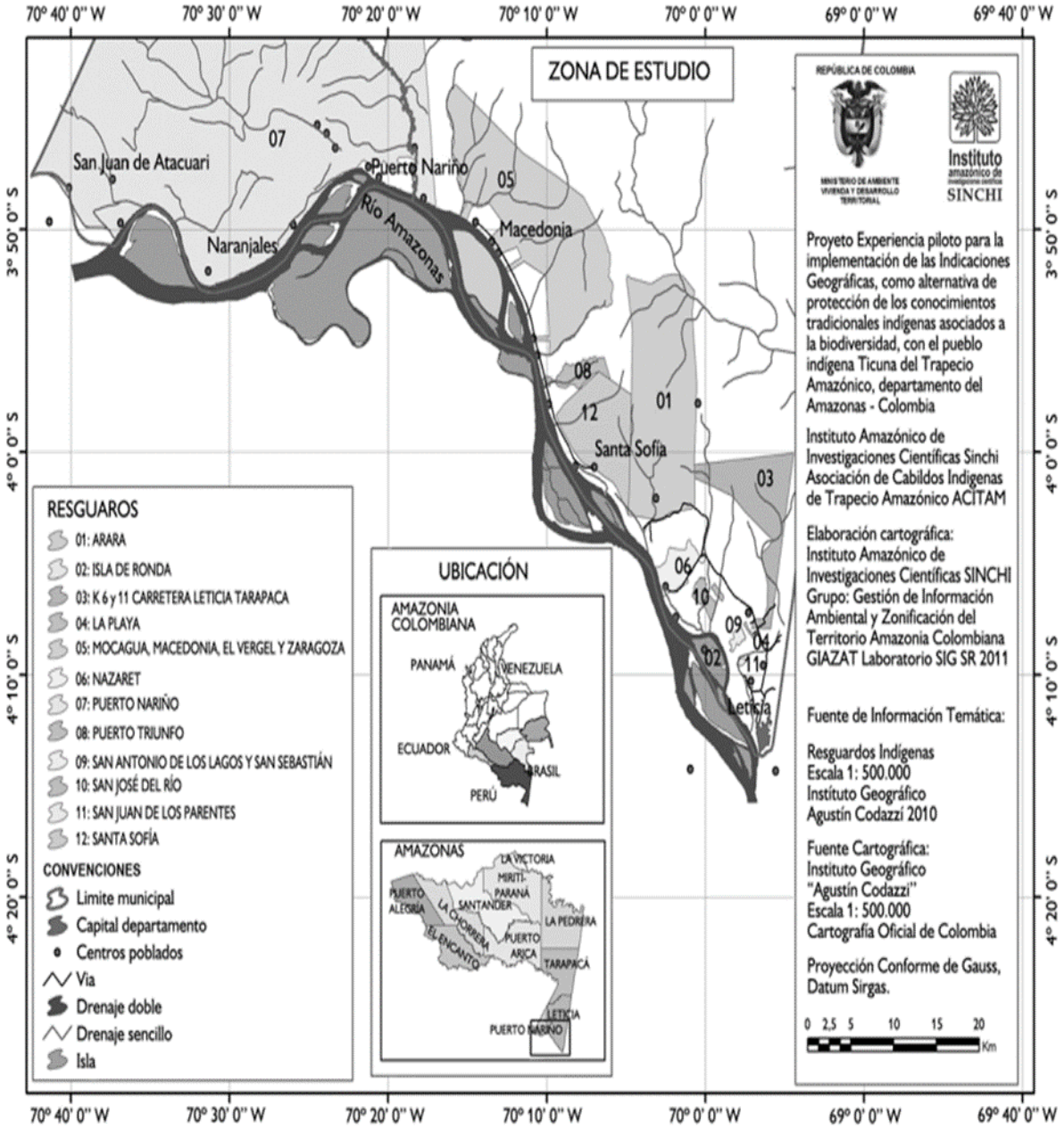
Figura 2: Mapa das aldeias Ticuna Peruanas



FONTE: DANE-CNPV (2018)

Na Colômbia a população Ticuna é de aproximadamente 13.842, segundo DANE-CNPV (2018), eles estão localizadas nos 33 assentamentos na região do departamento do Amazonas, nos municípios de Puerto Nariño e Leticia, onde eles estão organizados politicamente e socialmente em comunidades mantendo a sobrevivência da língua e cultura Ticuna.

Figura 3: Mapa das aldeias Ticuna colombianas



FONTE: DANE-CNPV (2018)

De acordo com Acuña (1994), as primeiras informações acerca sobre os Ticuna se aconteceram no início do século XVII, os quais foram registradas por Cristóbal de Acuña no livro Novo Descobrimento do Grande Rio das Amazonas. Nimuendajú (1952) afirma que, em tempos anteriores à conquista do alto Solimões por portugueses e espanhóis, os Ticuna mantinham constantes enfrentamentos com os Omáguas, habitantes das ilhas e margens do Solimões, e por isso refugiavam-se nas partes mais altas dos afluentes do rio Solimões.

O termo *Ticuna* foi conferido a esse povo por seus vizinhos, na língua Tupi “taco-uma” significa “homens pintados de preto”, que se refere a sua tradição de pintura corporal a base de jenipapo, Villarejo (1988). É um povo que se autodenomina como MAGÜTA, “povo fisgado ou povo pescado”. Segundo a tradição oral da origem mitológica do povo Ticuna, eles foram pescados pelos irmãos Yo’i e Ipi, deuses da mitologia Ticuna no igarapé Eware, segundo Gruber, 1997.

Quando a piracema passou, Yo’i fez um caniço e foi pescar, usando caroço de tucumã maduro. Mas os peixes, quando caíam na terra, viravam animais: queixada, anta, veado, caititu e muitos outros. Aí Yo'i usou isca de macaxeira, e com essa isca os peixinhos se transformavam em gente. Yo’i aproveitou e pescou muita gente. Mas seu irmão não estava entre essas pessoas. Yo’i então, entregou o caniço para Tetchi arü Ngu’i e ela conseguiu fisgar um peixinho que tinha uma mancha de ouro na testa. Era Ipi. Ipi saltou em terra, pegou caniço e pescou os peruanos e outros povos. Esse pessoal foi embora com Ipi para o lado onde o sol se põe. Da gente pescada por Yo’i descendem os Ticuna e também outros povos que rumaram para o lado onde o sol nasce, inclusive os brancos e os negros.

Desde os primeiros contatos, os povos indígenas desta região sofreram as consequências, que se reduziu por conta da dizimação e o genocídio dos invasores. Muitos povos originários, simplesmente desapareceram. O povo Ticuna fugiu dos inimigos e dos invasores para o alto dos igarapés e habitava a mata fechada, e somente depois quando os invasores foram embora é que eles saíram para a margem do rio. Conforme Soares (2021),

Também segundo Curt Nimuendajú, o etnólogo alemão que, em 1929, fez sua primeira viagem ao alto Solimões, os Ticuna são citados pela primeira vez como os inimigos dos Omágua, moradores da margem esquerda do rio Solimões. Os Ticuna, que já fugiam das agressões deste povo, refugiando-se nos altos dos igarapés e afluentes da margem esquerda do Solimões, fazem o mesmo com a chegada dos espanhóis.

Segundo Oliveira Filho (1988), o objetivo dos invasores era acabar com a sua cultura em prol da absorção dos mesmos e assim serem dependentes de seus costumes impostos por eles. Hoje, o povo Ticuna habita quase em todos os municípios da região do Alto Rio Solimões e alguns municípios do médio Solimões, inclusive na capital do estado do Amazonas, onde já tem uma comunidade somente deles. Apesar de ter um histórico de contato linguístico muito intenso com a cultura e língua dominante, as comunidades maiores ainda mantêm a cultura, e

o uso da língua materna dentro das aldeias usada intensamente que não chega a ser ameaçada de extinção.

2.1 - A Língua Ticuna e suas características

Segundo Rodrigues (1996), quando os invasores europeus aqui chegaram a cerca de 500 anos, falava-se o dobro do que se fala hoje. Estas línguas sumiram em virtude da exploração e o extermínio das populações indígenas que as falavam. Atualmente, o Brasil registra apenas 274 línguas indígenas faladas por 305 etnias e uma população de 900.00 indígenas segundo (IBGE, 2022).

Língua Ticuna é a língua ancestral do povo Ticuna, faladada imensamente por toda sua população dentro ou fora das aldeias. Soares (2021) afirma que é uma língua tonal e considerada geneticamente isolada. Além disso, apresenta complexidades em sua fonologia e em sua sintaxe. A autora ainda afirma que além do Brasil, esta língua também é falada no Peru e Colômbia:

> A língua Ticuna é amplamente falada em uma área extensa por numerosos falantes (acima de 30.000) cujas comunidades se distribuem por três países: Brasil, Peru e Colômbia. No lado brasileiro, o número de comunidades ascende a um alto número de aldeias (cerca de 100) contidas em diversas áreas localizadas em vários municípios do estado do Amazonas (entre os quais estão Benjamin Constant, Tabatinga, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antonio do Içá, Jutaí, Fonte Boa, Tonantins, Beruri). A maior parte das aldeias encontra-se ao longo/ nas proximidades do rio Solimões.

Nas comunidades de Umariaçu I e II, a língua Ticuna é a Língua 1 (L1) da população local e as línguas de contatos são as línguas portuguesa, a espanhola, e por último momento a língua inglesa por conta da internet e do mundo tecnológico que faz a introdução de muitas palavras em inglês no vocabulário dos usuários desta tecnologia, principalmente dos jovens. A Língua portuguesa por ser a língua oficial do país, por obrigação e por necessidade, toda a população tem o dever de falar, pois as instituições, o comércio e principalmente a escola funcionam com a língua oficial do país.

Atualmente, o Ticuna falado nas comunidades Ticuna, principalmente aquelas que ficam próximas as cidades, é aquele Ticuna misturado com o português, ou seja, a introdução de palavras do português e de outras línguas na língua base. E no caso dos Ticuna peruano e colombiano é o Ticuna misturado com o espanhol. Os que misturam mais as palavras são os mais letrados, como os professores, lideranças e os jovens da atualidade. Ainda é possível ouvir

o Ticuna puro, pelas pessoas monolíngues em Ticuna, que não tiveram muito contato com o português e que não tiveram oportunidade de estudar. E também, os Ticuna mais tradicionais que se localizam em aldeias mais distantes das cidades.

Em todas as escolas das aldeias, a língua portuguesa, a língua portuguesa e a língua espanhola faz parte do currículo. Todas elas são ensinadas, onde os alunos aprendem na forma oral e escrita. A seguir, apresentamos as letras utilizadas na expressão oral e escrita pelos Ticuna. Vale ressaltar que a língua Ticuna no lado brasileiro, ainda não há uma gramática ou um dicionário legal juridicamente que sirva de referência para os professores e alunos. O que se tem hoje é a tradução de gramática da língua portuguesa acrescida dos fonemas e letras da língua Ticuna. Os Ticuna brasileiro possui um quadro diferente do alfabeto peruano e colombiano em consequência da língua espanhola.

2.2 - O Alfabeto Ticuna

O alfabeto Ticuna possui 22 letras, a saber:

A, B, C, D, E, F, G, I, M, N, NH, NG, O, P, Q, R, T, TCH, U, Ü, W e Y. Está classificado em:

a) Vogais Orais: A, E, I, O, U, Ü.

b) Vogais Nasais: Ã, Ẽ, Ĩ, Õ, Ũ, ʊ̃.

c) Laringais: A’, E’, I’, O’, U’, Ü’.

d) As Consoantes B, C, D, F, G, M, N, NH, NG, P, Q, R, T, TCH.

e) e as vogais internacionais que fazem função de consoantes W, Y.

2.3 - A representação fonética das letras do alfabeto Ticuna

As vogais

Quadro 1 – Representação fonética das vogais Ticuna

Grafia	Realização fonética	Representação fonológica
u	[u],[ʊ],[o]	/u/
i	[i],[i]	/i/
ü	[ɨ],[ə]	/ ɨ /
o	[ɔ]	/o/
e	[ɛ], [e]	/ ɛ/

a	[a]	/a/

As Consoantes

Quadro 2 – Representação fonética das consoantes Ticuna

Grafia	Realização fonética	Representação fonológica
b	[b]	/b/
c, qu	[k]	/k/
d	[d]	/d/
f	[ɸ]	/k/
g	[g]	/g/
m	[m]	/m/
n	[n]	/n/
nh	[ɲ]	/ɲ/
ng	[ŋ]	/ŋ/
p	[p]	/p/
r	[ɾ]	/ɾ/
t	[t]	/t/
tch	[tʃ]	/tʃ/
w	[w],[β],[β̪]	/w/
y	[dʒ]	/dʒ/

2.4 - A sílaba no Ticuna

As palavras da língua Ticuna são formadas por dois classe de silabas a saber:

a) Silabas simples: formadas pelas consoantes B, C, D, F, G, M, N, P, Q, R, T seguidas das vogais orais, nasais ou laringais que são pronunciadas normalmente, ou seja, muito idêntica a pronuncias das silabas da língua portuguesa. Exemplos:

bo-ru-a’= abacaba
cu’-ma-ca = cumatê
fe-ne-e-cü = caçador
go-na-gü = voar
mu-ra-pe-wa = tabua/madeira
na’e’mü-ü = remo
pu-ra-cü = trabalho
que-tu-re = maracajá
ta-ru-ma = veia/artéria

b) As sílabas complexas são formadas pelas consoantes nh, ng, tch e as vogais internacionais w, y, que fazem a função de consoantes quando são acompanhadas pelas vogais orais, nasais ou laringais que são pronunciadas com mais especificidades.
Exemplos:
nha-ã-**tch**i = correr
ngai-te = bicho
ngo-bü = jabuti
wo-ra-**tch**ia = melancia
yü-ta = armadilha
wai-na-**y**u = peixe-cachorro

2.5 - A Ordem de palavras no Ticuna

Segundo Soares 1992, a Língua Ticuna apresenta uma estrutura gramatical nominativo-acusativa, com flexibilidade na ordem dos constituintes da sentença, embora a ordem SOV seja recorrente. A sintaxe da língua revela uma assimetria marcante entre sujeitos e objetos: enquanto sujeitos podem ser omitidos estruturalmente, objetos exigem maior marcação, inclusive com fenômenos como o redobro de clíticos. Ela afirma ainda que o sistema de clíticos do Ticuna também desafia padrões conhecidos, já que esses não se associam diretamente à categoria funcional de Tempo, como ocorre em outras línguas. Essa peculiaridade levanta implicações teóricas importantes para o entendimento das categorias funcionais nas línguas naturais.

Segundo Timoneda (2012), a tradução fiel busca reproduzir o significado contextual da língua de origem, mantendo as estruturas gramaticais e formais na língua de chegada o mais próximas possível. Por outro lado, a tradução aproximada, também chamada de tradução livre, prioriza o sentido geral da mensagem, permitindo ao tradutor maior liberdade na escolha de estruturas mais naturais e adequadas ao idioma de destino. Veja os seguintes exemplos:

1) **A Ordem SOV:**

a)De'reecü ai nima'.

De'reecü a onça matou. (Tradução fiel)

De'reecü matou a onça. (Tradução aproximada)

De’reecü: sujeito

Ai: objeto

ni: marca de pessoa

ma' : verbo (verbo matar)

b) Papai rü motu tinha'ẽẽ

Papai moto dirigi (tradução fiel)

Papai dirigi moto (aproximado)

Papai: Sujeito

Rü: partícula de junção (conector) sujeito e objeto

Moto: objeto

ti: marca de pessoa

nha'ẽẽ: (verbo dirigir)

2) Ordem OVS

A ordem OBJETO VERBO SUJEITTO (OVS) é a segunda ordem mais utilizadas pelos Ticuna para falar e escrever as afirmações. Vejamos alguns exemplos:

a) **Ai nima’ ya De’reecü.**

Onça matou o De’reecü. (Tradução fiel)

O De’reecü matou a onça (tradução aproximada)

Ai = **objeto**

nima’ = **verbo**

ya **= artigo**

Dereecü = **sujeito**

b) De'tchi natchu'u ya papa.

Pirarucu o flechar o papai. (Tradução fiel)

Papai flechou pirarucu (tradução aproximada)

de'tchi: objeto

na: marca de pessoa

tchu'u: (verbo flechar)

ya = artigo

papa = papai

c) Escola naü ya prefeito.

Escola faz o prefeito (tradução fiel)

O prefeito faz a escola (tradução aproximada)

escola: objeto

na: marca de pessoa

ü: (verbo fazer)

ya: artigo

prefeito: sujeito

3) **A Ordem VOS**

Esta ordem é a inversa das duas primeiras acima apresentadas. Muito difícil de se escutar em falantes da língua Ticuna que já possuem uma base definida. Podemos ouvir sim, mas nas pessoas que estão em processo de aprendizagem da língua materna, que são as crianças e algumas pessoas que adentram na comunidade e que precisam aprender por necessidade.

a) **Niama' i ai ya De'reecü.**

Matou a onça, o De'reecü. (Tradução fiel)

De'reecü matou a onça. (Tradução aproximada)

Nia: marca de pessoa

ma' (verbo matar)

ai**:** objeto

ya: artigo

De’reecü: sujeito

b) Niapo'otchi i De'tchi ya Tureecü.

Pescou o pirarucu o Tureecü (tradução fiel)

O Tureecü pescou o pirarucu (tradução aproximada)

Nia: marca de pessoa

I: artigo que indica o objeto

po'otchi: (verbo pescar)

de'tchi: objeto

ya: atigo que indica o sujeito

Tureecü: Sujeito

c) Niapi' taragu ya Yutche

Se feriu no terçado o José (tradução fiel)

O José se feriu com terçado. (Tradução aproximada)

Nia: marca de pessoa

pi': (verbo ferir)

ya: artigo que indica o sujeito

Yuche: sujeito

Tara: terçado

Gu: no

2.6 - A Composição das palavras para formar uma frase

As palavras da língua Ticuna, quando são escritas para fazer uma tradução, elas sofrem uma alteração morfológica, diferente quando elas são escritas como palavras soltas. O sujeito, o objeto e o verbo sofrem alterações dependendo da ordem onde eles se encontram.

Exemplo 1: **sujeito e verbo** sofrem afixos:

Yutche/ü na/ngo’ ya ãtape

José, o picou a cobra. (Tradução aproximada)

Yutche = sujeito

ü = marca de pessoa (sufixo)

na = 3a pessoa (prefixo)

ngo’ = verbo (morder/picar)

ya = artigo (a)

ã’tape = a cobra (objeto)

Exemplo 2: **objeto e verbo** sofrem afixo

<u>Ai/ü</u> <u>ni/ma’</u> ya De’reecü

Matou a onça, o De’reecü. (tradução aproximada)

ai = objeto (onça)

ü = marca de pessoa (sufixo)

ni = 3ª pessoa (prefixo)

ma’ = verbo (matar)

ya = artigo (o)

De’reecü (sujeito) nome de próprio.

2.7 - As tonalidades das palavras na Língua Ticuna

Não podemos esquecer que a língua Ticuna é uma língua tonal. As sílabas em Ticuna podem apresentar até cinco níveis distintos de altura tonal, o que torna insuficiente uma classificação baseada apenas em três níveis: baixo, médio e alto. Segundo Soares (1986), existem cinco níveis de altura tonal, variando do tom mais baixo ao mais alto, incluindo os níveis intermediários de meio-baixo e meio-alto. A autora ainda afirma que esses mesmos níveis de altura já haviam sido reconhecidos por Anderson (1959) e Montes (1987).

Portanto, é possível afirmar que a pronúncia de uma palavra em Ticuna pode ser representada pelas notas musicais de qualquer instrumento musical. Veja, a seguir, alguns exemplos em uma escala tonal de 1 a 5.

Quadro 3 – Tonalidade: Tomacatchi

TICUNA	TO.MA.CA.TCHI
PORTUGUES	TAM.BA.QUI

FONÉTICA	[to.ma.ˈka.tʃi]
ALTURA	4.4.4.1

Quadro 04: Tonalidade woramacuri

TICUNA	WO.RA.MA.CU.RI
PORTUGUES	Estrela cadente
FONÉTICA	/wo.ra.ma.ku.ri/
ALTURA	4.4.4.4.1

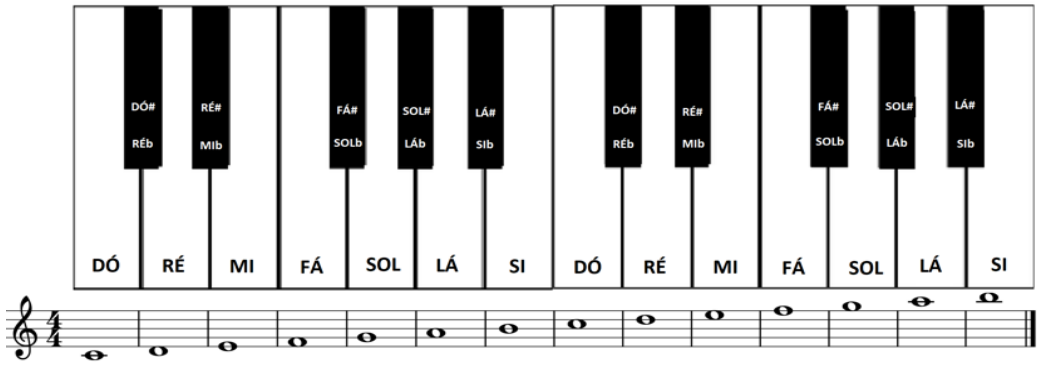
Quadro 05: Tonalidade Ãgümücü

TICUNA	Ã.GÜ.MÜ.CÜ
PORTUGUES	QUA.TRO
FONÉTICA	[ã.gɨ.mɨ.kɨ]
NIVEL DE ALTURA	4.5.2.4

Destacamos que, quando palavras da língua portuguesa são adaptadas à língua Ticuna pelos falantes nativos, elas passam por alterações na tonalidade. As alturas das sílabas dessas palavras podem ser associadas a uma faixa de notas musicais de um instrumento, como as notas de uma oitava no piano, que incluem teclas brancas e pretas, de Dó a Dó.

O termo "oitava" refere-se à sequência de oito notas da escala maior: dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó, sendo este último uma repetição do primeiro em um tom mais agudo. Mais informações podem ser encontradas em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Oitava.

Figura 4: Imagem de uma oitava de um piano musical



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Oitava

Os quadros a seguir apresentam palavras resultantes da alternância de código, adaptadas à língua base pelos falantes de Ticuna. Nessas representações, são mostradas a forma escrita em português, a forma correspondente em Ticuna, a transcrição fonética, as notas musicais e a altura das sílabas na escala maior de uma oitava no piano. Para essa demonstração, utilizamos os dados nº 01 da nossa coleta de pesquisa

Quadro 06 – adaptação: Lideranças

Português	Lideranças				
Ticuna	Liderãsagü				
Transcrição fonética	[li.dɛ.ɾã.sa.gɨ]				
Notas musicais das silabas	fa	fa	sol	la	do
Altura na escala maior	4	4	5	1	5

Quadro 7 - adaptação: caciques

Português	Caciques				
Ticuna	Caciquigü				
Transcrição fonética	[Ka.si.ki.gɨ]				
Notas musicais das silabas	fa	sol	do	sol	
Altura na escala maior	4	5	1	5	

Quadro 8 - adaptação: oportunidade

Português	Oportunidade				
Ticuna	putunidayi				
Transcrição fonética	[pu.tu.ni.ˈda.ʤi]				
Notas musicais das silabas	fa	fa	fa	sol	do
Altura na escala maior	4	4	4	5	1

Quadro 9: adaptação: para saúde e direito

Português	Para a saúde				
Ticuna	Sauyica’				
Transcrição fonética	[sa.ˈu. dʒi.ka?]				
notas musicais das silabas	fa	sol	fa	fa	
Altura na escala maior	4	5	4	4	
Português	direito				
Ticuna	yireitu				
Transcrição fonética	[dʒiˈ.ɾej.tu]				
notas musicais das silabas	fa	sol	re		
Altura na escala maior	4	5	2		

Quadro 10 – adaptação: para o social

Português	Para o social				
Ticuna	Sociau**gü**ca’				
Transcrição fonética	[so.siˈ.aw.gɨ.ka?]				
notas musicais das silabas	fa	fa	sol	re	do
Altura na escala maior	4	4	5	2	1

Quadro 11: adaptação para ocuparmos

Português	Para ocuparmos					
Ticuna	nanaocupagüüca'					
Transcrição fonética	[na.na.ɔ.ku.pa.gɨ.ɨ.ka?]					
notas musicais das silabas	fa	mi	mi	fa	do	fa
Altura na escala maior	4	3	3	4	1	4

Quadro 12: adaptação de palavras do PB

Português	setores				
Ticuna	seturigü				
Transcrição fonética	[sɔ.to.ɾi.gɨ]				
notas musicais das silabas	fa	sol	re	sol	
Altura na escala maior	4	5	2	5	

Quadro 13 - adaptação: presidente

Português	presidente				
Ticuna	Pisideetchi				
Transcrição fonética	[pɨ.ziˈ.dẽ.tɨ]				
notas musicais das silabas	fa	fa	sol	mi	re
Altura na escala maior	4	4	5	3	2

Quadro 14 – adaptação: na Funai

Português	Na Funai				
Ticuna	funaiwá				
Transcrição fonética	[fu.naj.ua]				
notas musicais das silabas	sol	la	mi	do-2	
Altura na escala maior	5	6	3	8	

Obs:Para mostrar o tom da palavra funaiwá precisou usar duas oitavas de um teclado musical.

Quadro 15 – adaptação: na Sesai

Português	Na Sesai				
Ticuna	sesaiwá				
Transcrição fonética	[se.sa.iˈwa]				
notas musicais das silabas	sol	la	mi	do-2	
Altura na escala maior	5	6	3	8	

Obs.: para demostrar a tonalidade da palavra sesaiwá, usamos dois oitavas de um piano.

Quadro 16 – adaptação: para comandarmos

Português	Para comandarmos							
Ticuna	nanacumandagüũca’							
Transcrição fonética	[ne.ne.ku.mẽ.da.g.ɨ.ɨ.ka?]							
notas musicais das silabas	sol	fa	fa	sol	re	si	sol	re
Altura na escala maior	5	4	4	5	2	7-sus. preta	5	2

Obs: para identificar os tons da palavra nanacumandagüũca’, foi necessário duas oitavas de um piano.

Os dados apresentados evidenciam que a língua Ticuna é tonal, e que qualquer palavra oriunda de outras línguas passa por um processo de adaptação morfológica e fonológica. Isso significa que elementos lexicais da língua Ticuna são incorporados à palavra introduzida, a qual é, então, pronunciada de acordo com os padrões tonais da língua, preservando, assim, a originalidade do sistema linguístico Ticuna.

2.8 - As Palavras homônimas homógrafas na língua Ticuna

Palavras homônimas homógrafas na língua portuguesa, são aquelas que possuem a mesma grafia (forma escrita), mas significados e/ou pronúncias diferentes. Em geral, a distinção entre elas acontece na acentuação tônica (ou seja, na sílaba pronunciada com mais intensidade).

Exemplos:
Sabia: verbo saber
Sabiá: pássaro
Para: verbo parar
Pará: estado do Pará

Na língua Ticuna, existem palavras que se distinguem pela altura do tom em uma determinada sílaba ou pelo contexto em que estão inseridas. Para identificá-las corretamente, é necessário que o leitor compreenda tanto o contexto quanto a variação tonal das sílabas. A

seguir, apresentamos alguns pares de palavras que ilustram essa distinção tonal, com variações que podem atingir de quatro a seis contrastes de tom.

a) Jogo de palavra com "**o**":

Ni**ó** curü daparina = **apagou** a sua lamparina (tom 5)

Na**o** yima curü narana = está com **frutas** a sua laranjeira (tom 4)

Na**o** napuracüü = está com **preguiça** de trabalhar (tom 3)

Nia**õ** cu'u = ele **crê** pra você (tom 2)

Narü**o**' nacutüwá= está com **ferida** no pé (tom 1)

b) Jogo de palavra **nai:**

Yima **nai** marü nanatu'gü!= aquela árvore já derrubaram! (tom 3)

Na**nai** yima curü me'e?= a sua pimenta **arde**? (tom 4)

Marü **nai** iãnewa nau = já foi para **outra** cidade (tom 5)

Na**nai**emü ya Yutche = está com **cecê** o José. (tom 1)

Nai ya tomatchi = **outro** tambaqui (tom 1)

Norü cutchi ni**nai'** ya Yutche = amarrou o porco dele, o José. (tom 1)

Curü airú ni**nãi** = o teu cachorro **soltou o gás. (**tom 2**)**

A Dra. Amalia Skilton, colaboradora deste estudo, apresentou um esquema para anotar os diferentes tons da língua Ticuna, baseado no conhecimento de Lilia Witancort G. e de seus familiares, uma família indígena Ticuna do Peru. Segundo Skilton, ao menos em sua variante peruana, a língua Ticuna apresenta cinco tons simples. Esses tons são representados por números de 1 a 5, sendo o número 1 correspondente ao tom mais baixo e o número 5 ao tom mais alto.

A autora destaca ainda que apenas um falante da língua Ticuna é capaz de perceber e distinguir com precisão os contrastes tonais presentes em um enunciado. Segue como exemplo a seguinte jogo com a palavra mu.

• Tom 1 **mu'**(mais baixo): 'comer fruta'. Ta'ü **namu'.** 'comer abil': /mu1

• Tom 2 **mu** 'mandar': cu'ũ na**mu** 'mandar você': /mu2/

• Tom 3 **mu** ‘tecer’: Pe’tchi na**mu** ‘tecer cesta’: /mu3/

• Tom 4: **mu** ‘ser muitos’ na**mu** ‘há muitos’: /mu4

Os exemplos acima nos mostra que existem pelo menos 4 tons. E desta forma, não seria suficiente diferenciar apenas com um sistema de 3 contrastes de tons, Alto – Médio – Baixo.

2.9 - O processo de epêntese das vogais nas palavras emprestadas

A estrutura das silabas Tikuna são compostas por **CV, VV e CVV** no início das palavras, sendo que no meio e final permanecem **VC**. Vejamos os exemplos a seguir:

CA.WI.YA (curimatã)

AI’.TÜ (arirana)

CAU.RE (nome do pássaro japiin)

Quando a língua base recebe uma palavra emprestada do português brasileiro **PB** cujas silabas sejam CCV iniciais ou finais, na posição de ataque ou posição de coda, estas palavras serão corrigidas com a vogal epentética. Nesse caso, a Língua Ticuna recorre a epêntese e ao apagamento. É a estratégia que retomam as sílabas Ticuna em CV.

Abaixo apresentamos alguns exemplos que demonstram a ocorrência das vogais epentéticas /u/ e /a/:

Português	Ticuna
Prato [pɾato]	Porato [p[ɔ]ɾatu]
Pedro [pedɾu]	Peduru [pe.d[**u**].ɾu]
Metro [me.tɾu]	Meturu [me.t[**u**].ɾu]
Doutor [dow.toh]	Duturu [du.tuɾ[**u**]]
Motor [mo.toh]	Muturu [mu.tu.ɾ[**u**]]
Artur [aɾtuh]	Araturu [aɾ[**a**]tuɾ[**u**]]
Arpão [ahpɜ̃w]	Arapãu [aɾ[**a**]pãw]

Açucar [asukah]	Atchucara [aʧukaɾ[**a**]
Barco a vapor [wapoh]	wapuru [wapuɾ[**u**]]
Cruz [kruʃ]	cu.ru.tcha [k[**u**]ɾuʧa]

Conforme Alberto (2021), a sílaba da palavra que entra por empréstimo no Ticuna é adaptada à sua gramática, sofrem uma adaptação fonológica. Como podemos analisar nos exemplos acima. Ou seja, a sílaba malformada em Ticuna é alterada para se tornar bem formada nesta língua, tornando-as as silabas CV, inserindo uma vogal. Desse modo, as sílabas com ataque complexo em português ou mesmo sílabas travada, necessariamente tendem a passar por uma fase de ressilabificação, o que significa dizer que na língua Ticuna, enquanto a recepção de novos segmentos é permitida, a forma de origem também será restringida pela língua para que dessa forma a gramática dela seja respeitada.

As palavras emprestadas e adaptadas a língua base dos Ticuna, somente sofrerão adaptação fonológica quando são pronunciadas pelos falantes que tiveram pouco contato com o português ou que tiveram pouco contato com a escola. Vejamos alguns exemplos em frases de pessoa analfabeta na língua portuguesa.

a) **Papá** rü **pretchimu** taütá nherü tümaarü **muturu** nita ta'etchaü, nhumatchi **tchimetu**, nherü torü **cutchiã** tingueetchaü.

Tradução: **Papai** vai fazer **empréstimo** porque quer comprar **motor** dele, e também **cimento**, porque quer apronta a **cozinha** dele.

b) Aurima na**peretchiya** nhuma i **itenetchi**, nherü nhematamani cungu'u i **tcherura**watama, pa tchaune!

Tradução: É muito preciso agora termos **internet**, pois se estuda no **celular** mesmo, meu filho!

c) Mo'ü rü **framegu** nacugütae, torü t**cheweyaca**' tata'egü.

Tradução: Amanhã **Flamengo** joga, vamos comprar nossa cerveja.

d) Mea tawotugü nhama **eresãugu**, torü **weriadu** ta**ereyi**gü wenaarü.

Tradução: vamos votar direito nesta **eleição**. Vamos **eleger** nosso **vereador** novamente.

Com a chegada da tecnologia, muitas palavras do estrangeirismos tornaram-se verbos na língua base dos Ticuna, que é muito comum nas suas conversas dos Ticuna. Mesmo as pessoas mais conservadoras, que é o caso das pessoas menos alfabetizadas, ainda introduzem estas palavras,

exemplo em cima da letra (b). No caso dos jovens estas palavras são pronunciadas como no português padrão. Vejamos a seguir alguns exemplos:

a) na**baicha**taeca' **musica** ngewacaü tanadau!

Tradução: baixa (arquivos), procura novas músicas!

b) Mano ina**enviatae** tchorü **celula**wa

Tradução: o Mano está **enviando** (arquivo) no meu celular.

c) Marü cuna**posta** ngema foto ine cuyauu **reunião**wa?

Tradução: Já **postou** aquela foto que tu tirou na reunião?

d) Tchaã tcha**pesquisa**tae nherü tchorü **trabalho** tama ninguega.

Tradução: Eu estou **pesquisando**, porque o meu trabalho não está pronto ainda

3 - A TERRA INDIGENA UMARIAÇU

A Terra Indígena Umariaçu está situada no território indígena brasileiro, margem esquerda do rio Solimões, no município de Tabatinga, estado do Amazonas, na tríplice fronteira do Brasil, Colômbia e Perú.

Foi a primeira terra indígena na região do Alto Rio Solimões a ser declarada no ano de 1997 e homologada no ano seguinte conforme a portaria nº 1112 de 12 de novembro de 1997 do Ministério da Justiça do Brasil.

"O MINISTRO DE ESTADO DA JUSTIÇA, no uso de suas atribuições e tendo em vista o disposto no Decreto n° 1.796, de 24 de janeiro de 1996, combinado com o Decreto n° 1.775, de 8 de janeiro de 1996 e diante da proposta apresentada pela Fundação Nacional do Índio - FUNAI, objetivando a definição de limites da Terra Indígena TUKUNA UMARIAÇU, constante do processo FUNAI/BSB/1552/97;

CONSIDERANDO que a Terra Indígena localizada no Município de Tabatinga, Estado do Amazonas ficou identificada nos termos do § Io do art. 231 da Constituição Federal e inciso I do art. 17. da Lei n° 6.001, de 19 de dezembro de 1973, como sendo tradicionalmente ocupada pelo grupo indígena Tukuna;

CONSIDERANDO os termos do Despacho do Presidente n° 39/FUNAI, de 27 de dezembro de 1996, publicados no Diário Oficial da União, de 13 de janeiro de 1997;

CONSIDERANDO que, no prazo de contestação fixado no art. 2o, § 8o, e no art. 9o, "caput", do Decreto n° 1.775/96, não houve qualquer manifestação quanto à caracterização da terra indígena, resolve:

Art. 1o Fica declarada de posse permanente dos índios a Terra Indígena TUKUNA UMARIAÇU, com superfície aproximada de 4.900 ha. (quatro mil e novecentos hectares) e perímetro também aproximado

de 38 km (trinta e oito quilômetros), assim delimitada: NORTE: partindo do Ponto 01 de coordenadas geográficas aproximadas 69°56’43” Wgr e 04°15’33” S, situado à margem esquerda do Rio Solimões; daí, segue-se por uma linha reta, passando pelos pontos de coordenadas geográficas aproximadas 69°56’41” Wgr e 04°15’32” S, junto a uma Castanheira e 69°56’24” Wgr e 04°15’28” S, junto a uma casa de farinha, até encontrar o Ponto 02 de coordenadas geográficas aproximadas 69°56T2” Wgr e 04°15’26” S, situado à 170 metros aproximadamente eqüidistante do eixo da pista de pouso do Aeroporto Internacional de Tabatinga; daí, segue-se por uma linha reta até encontrar o Ponto 03 de coordenadas geográficas aproximadas 69°55’30” Wgr e 04°15’45” S, situado à 170 metros aproximadamente e eqüidistante do eixo central da cabeceira da mesma pista; daí, segue-se por uma linha reta, acompanhando a cerca (muro) de segurança da já referida cabeceira da pista, até encontrar a linha divisória entre as áreas dos Ministérios da Aeronáutica e Exército; daí, segue-se por uma linha reta até encontrar o Ponto 04 de coordenadas geográficas aproximadas 69°55’06” Wgr e 04°15’07” S, situado próximo ao Acampamento Temporário de Selva do Batalhão de Fronteiras do Solimões; daí, segue-se por uma linha reta até encontrar o Ponto 05 de coordenadas geográficas aproximadas 69°54’20” Wgr e 04°14’45” S, situado à margem de um igarapé sem denominação, ficando a roça indígena existente no local dentro da área; daí, segue-se por uma linha reta até encontrar o Ponto 06 de coordenadas geográficas aproximadas 69°50’26” Wgre 04°13’59” S, situado próximo a cabeceira de um igarapé sem denominação, coincidente com o limite da terra indígena Évare I. LESTE: do ponto antes descrito, segue-se no sentido jusante pelo igarapé sem denominação, até encontrar a sua confluência com o Igarapé Preto, no Ponto 07 de coordenadas geográficas aproximadas 69°49’30” Wgr e 04°17’21” S, também coincidente com limite da terra indigna Évare I. SUL: do ponto antes descrito, segue-se no sentido montante do Igarapé Preto, até encontrar o Ponto 08 de coordenadas geográficas aproximadas 69°52’45” Wgr e 04°16’30” S, situado na confluência com um igarapé sem denominação, pela sua margem esquerda; daí, segue-se por uma linha reta até encontrar o Ponto 09 de coordenadas geográficas aproximadas 69°54’20” Wgr e 04°17’46” S, situado à margem esquerda do Rio Solimões. OESTE: do ponto antes descrito, segue-se pela margem esquerda, no sentido montante, do Rio Solimões, ate encontrar o Ponto 01, inicial da presente descrição perimétrica.

Art. 2o Declarar que a Terra Indígena de que trata esta Portaria, situada na faixa de fronteira, submete-se ao disposto no art. 20, § 2o, da Constituição.

Art. 3o Determinar que a FUNAI promova a demarcação administrativa da Terra Indígena ora declarada, para posterior homologação pelo Presidente da República, nos termos do art. 19 § Io, da Lei n° 6.001/73, e do art. 5o do Decreto n° 1.775/96.

Art. 4o Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

IRIS REZENDE

Publicado No Diário Oficial da União em 13 de novembro de 1997.

Documento 2: Decreto de homologação de terra indígena Umariaçu. A demarcação desta terra indígena foi homologada administrativamente em 11 de dezembro de 1998 pelo presidente da república Fernando Henrique Cardoso. A seguir o decreto da homologação."

"O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Constituição, e tendo em vista o art. 19, § 1o, da Lei no 6.001, de 19 de dezembro de 1973 e o art. 5o do Decreto no 1.775, de 8 de janeiro de 1996,

DECRETA:

Art. 1o Fica homologada a demarcação administrativa, promovida pela Fundação Nacional do Índio – FUNAI, da terr a indígena destinada à posse permanente do grupo indígena Tukuna, a seguir descrita: a Terra Indígena denominada Tukuna Umariaçu, com superfície de quatro mil, oitocentos e cinqüenta e quatro hectares, noventae nove ares e oitenta e nove centiares e perímetro de quarenta mil, quinhentos e noventa e dois metros e cento e dezessete milímetros, situada no Município de Tabatinga, Estado do Amazonas, circunscreve-se aos seguintes limites: NORTE: partindo do marco Sat-286, de coordenadas geográficas 04o15'31,672" S e 69o56'38,790" Wgr., localizado na margem esquerda do Rio Solimões, segue por uma linha reta, com azimute e distância de60o32'39" e 133,57 m, até o marco MAZ-1, de coordenadas geográficas 04o15'29,550" S e 69o56'35,020" Wgr.; daí, segue por uma linha reta, com azimute e distância de 77o38'15" e 390,24 m, até o marco M-17, de coordenadas geográficas 04o15'26,850" S e 69o56'22,650" Wgr.; daí, segue por uma linha reta, com azimute e distância de 68o18'00" e 324,85 m, até o marco M-1, de coordenadas geográficas 04o15'22,950" S e 69o56'12,850" Wgr.; daí, segue por uma linha reta, com azimute e distância de 114o43'14" e 1.262,56 m, até o marco M-2,

de coordenadas geográficas 04o15'40,180" S e 69o55'35,670" Wgr.; daí, segue por uma linha reta, com azimute e distância de 26o36'18" e 247,51 m, até o marco M-3, de coordenadas geográficas 0 4o15'32,980" S e 69o55'32,070" Wgr.; daí, segue pela margem do Igarapé Umariaçu a montante, até o marco M-4, de coordenadas geográficas 04o15'27,570" S e 69o55'36,46" Wgr.; daí, segue por uma linha reta, com azimute e distância de 294o57'260" e 872,37 m, até o marco M-5; de coordenadas geográficas 04o15'15,550" S e 69o56'02,100" Wgr.; daí, segue por uma linha reta, com azimute e distância de 42o33'55" e 823,53 m, até o marco M-6, de coordenadas geográficas 04o14'55,820" S e 69o55'44,010" Wgr.; daí, segue por uma linha reta, com azimute e distância de

103o04’49” e 1.289,96 m, até o marco M-7, de coordenadas geográficas 04o15’05,370” S e 69o55’03,260” Wgr.; daí, segue por uma linha reta, com azimute e distância de 64o22’35” e 1.565,89 m, até o marco M-8, de coordenadas geográficas 04o14’43,380” S e 69o54’17,440” Wgr.; daí, segue por uma linha reta, com azimute e distância de 78o45’50” e 1.071,34 m, até o marco M-9, de coordenadas geográficas 04o14’36,620” S e 69o53’43,350” Wgr.; daí, segue por uma linha reta, com azimute e distância de 78o43’27” e 1.147,22 m, até o marco M-10, de coordenadas geográficas 04o14’29,350” S e 69o53’06,850” Wgr.; daí, segue por uma linha reta, com azimute e distância de 78o39’16” e 1.086,48 m, até o marco M-11, de coordenadas geográfica 04o14’22,430” S e 69o52’32,290” Wgr.; daí, segue por uma linha reta, com azimute e distância de 78o39’13” e

830,17 m, até o marco M-12, de coordenadas geográficas 04o14’17,140” S e 69o52’05,880” Wgr.; daí, segue por uma linha reta, com azimute e distância de 78o39’10” e 829,18 m, até o marco M-13, de coordenadas geográficas 04o14’11,860” S e 69o51’39,500” Wgr.; daí, segue por uma linha reta, com azimute e distância de 78o39’30” e 774,40 m, até o marco M-14, de coordenadas geográficas 04o14’06,930” S e 69o51’14,870” Wgr., daí segue por uma linha reta, com azimute e distância de 78o39’44” e 1.333,15 m, até o marco MAZ-2, de coordenadas geográficas 04o13’58,440” S e 69o50’32,460” Wgr.; daí, segue por uma linha reta, com azimute e distância de

78o39’56” e 263,70 m, até o marco Sat-287, de coordenadas geográficas 04o13’56,751” S e 69o50’24,072” Wgr.; LESTE: do marco antes descrito, segue por um igarapé sem denominação, a jusante, até o ponto P-5, de coordenadas geográficas 4o17’21,020” S e 69o49’31,730” Wgr., localizado na confluência do igarapé sem denominação com lgarapé Preto; SUL: do ponto antes descrito, segue pelo referido igarapé, a montante, até marco Sat-288, de coordenadas geográficas 4o16’19,441” S e 69o53’11,150” Wgr., localizado na margem direita do Igarapé Preto; daí, segue por uma linha reta, com azimute e distância de 231o03’52” e 216,10 m, até o marco MAZ-4, de coordenadas geográficas 04o16’23,870” S e 69o53’16,610” Wgr.; daí, segue por uma linha reta, com azimute e distância de 231o15’05” e 2338,60 m, até o marco M- 15, de coordenadas geográficas 04o17’11,470 S e 69o54’15,830” Wgr.; daí, segue por uma linha reta, com azimute e distância de 231o15’58” e 625,44 m, até o marco MAZ-3, de coordenadas geográficas 04o17’24,190” S e 69o54’31,670” Wgr.; daí, segue por uma linha reta, com azimute e distância de 231o16’24” e 399,57 m, até o marco Sat-289, de coordenadas geográficas 04o17’32,306” S e 69o54’41,788” Wgr., localizado na margem esquerda do Rio Solimões; OESTE: do marco an-

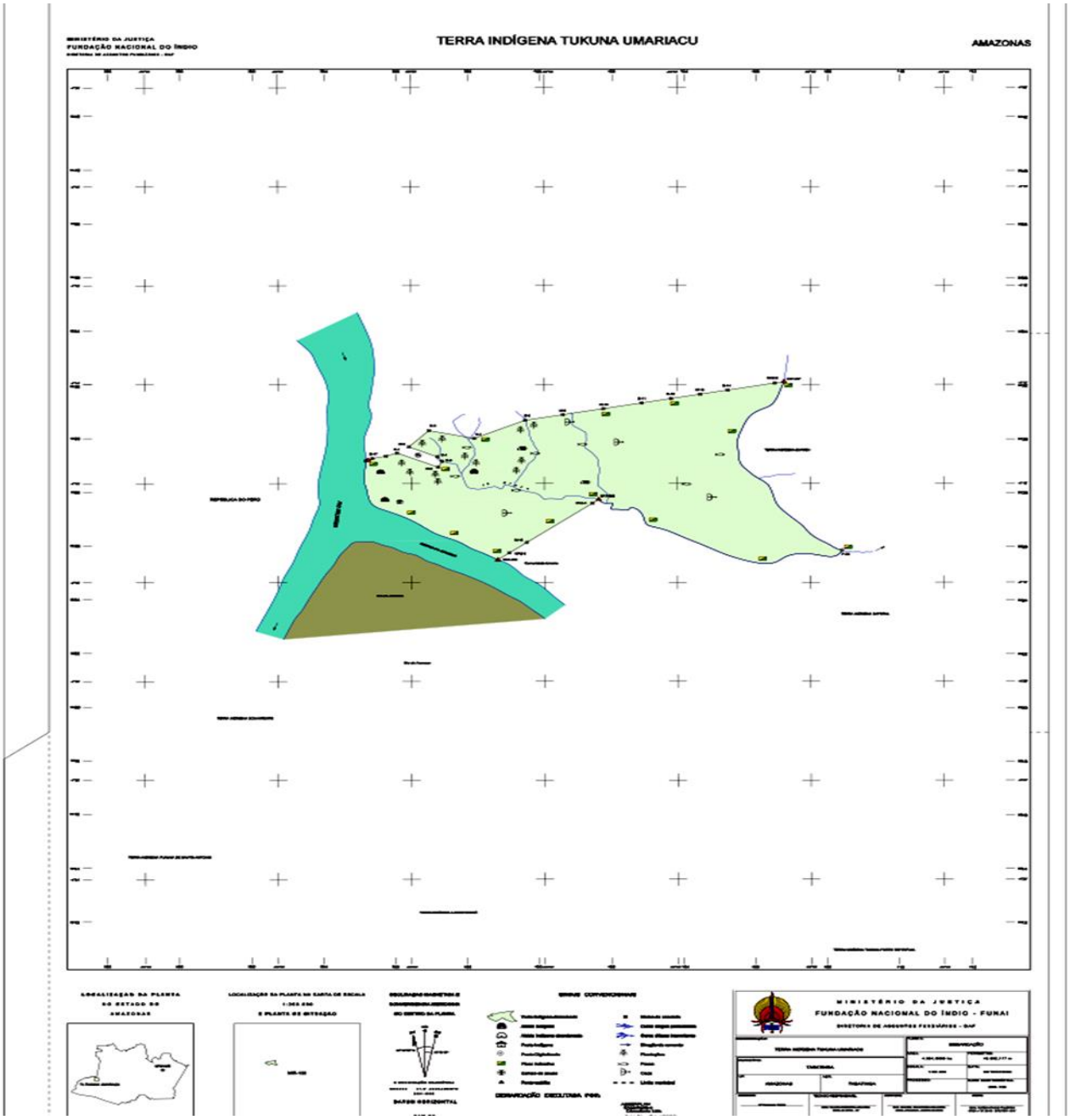
tes descrito, segue pelo referido rio, a montante, até o marco M-16, de coordenadas geográficas 04o15’32,600” S e 69o56’40,910” Wgr., localizado na margem esquerda do Rio Solimões; daí, segue por uma linha reta, com azimute e distância de 66o41’35” e 71,18 m, até o marco Sat-286, início da descrição deste perímetro. A base cartográfica utilizada refere-se às folhas: SB.19-V-B;- Escala 1:250.000 - DSG – 1980.

Art 2o A terra indígena de que trata este Decreto, situada na faixa de fronteira, submete-se ao disposto no art. 20, § 2o, da Constituição Federal.

Art 3o Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação. Brasília, 11 de dezembro de 1998; 177o da Independência e 110o da República."

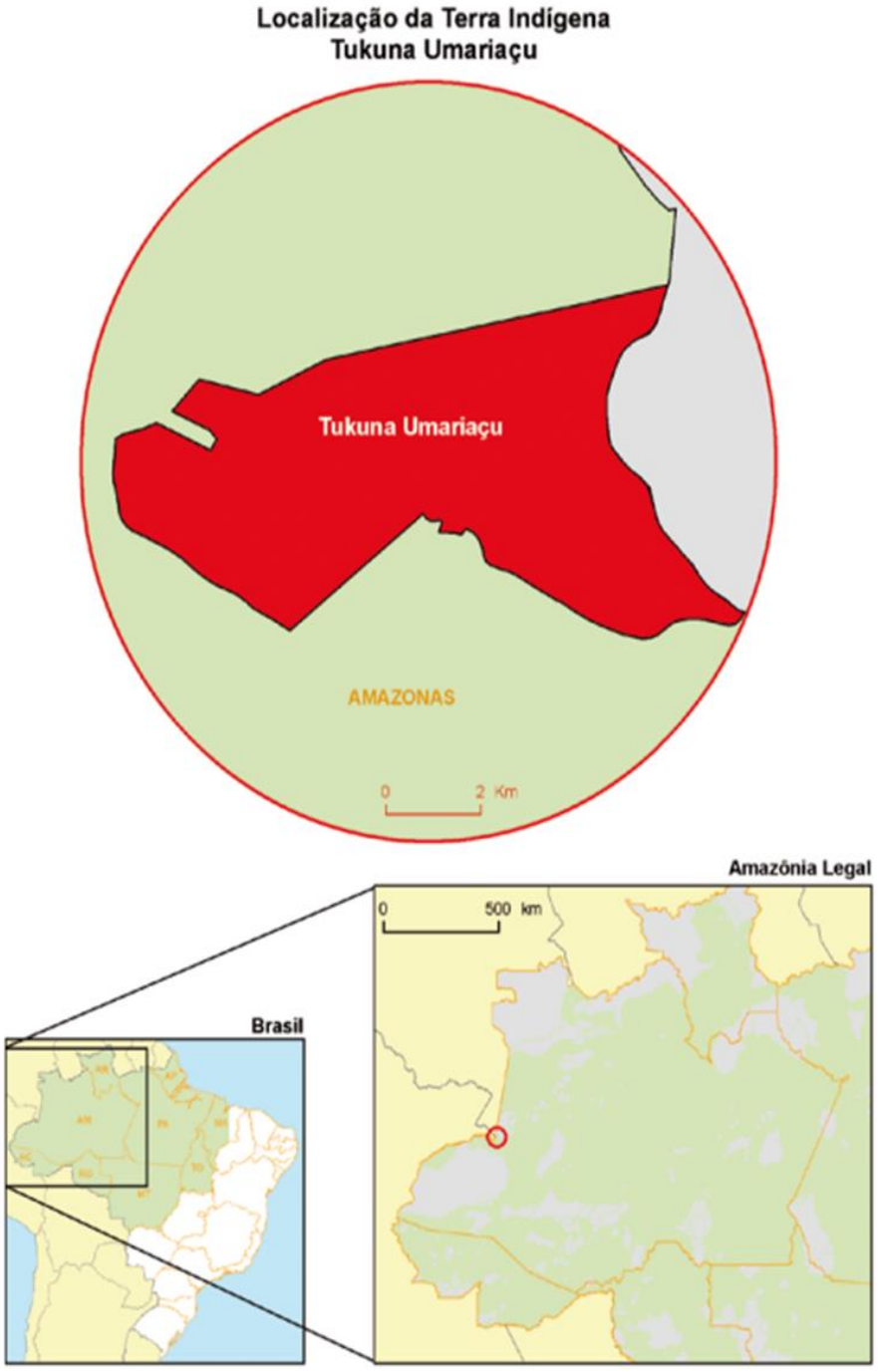
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Figura 5 : Mapa da Terra Indígena Tikuna Umariaçu



Fonte: Relatório técnico da Coletânea de Documentos da Terra Indígena Tukuna Umariaçu, PPTAL - Projeto Integrado de Proteção às Populações e Terras Indígenas da Amazônia Legal. Fundação Nacional do Índio – FUNAI/Ministério da Justiça.

Figura 6: Mapa de Localização da Terra Indígena Umariaçu no mapa do Brasil



Fonte: Relatório técnico da Coletânea de Documentos da Terra Indígena Tukuna Umariaçu, PPTAL - Projeto Integrado de Proteção às Populações e Terras Indígenas da Amazônia Legal. Fundação Nacional do Índio – FUNAI/Ministério da Justiça

Localiza-se geograficamente a 03 km da sede do município do via terrestre e a 1500 km de Manaus, capital do Estado do Amazonas em linha reta. Esta subdivide-se em duas comunidades, Umariaçu I e Umariaçu II, logo administrada por dois caciques para melhor organização política do local. Umariaçu I possui uma população de 2.375 habitantes e Umariaçu II, 5.348 habitantes, totalizando uma população de 7.723 habitantes segundo a contagem da Secretaria de Saúde Indígena (SIASI-SESAI/ARS 2023).

Ambas as comunidades possuem escolas estaduais e municipais, postos de saúde indígena mantidas pelo governo federal, igrejas das mais diversas seitas religiosas, meio de transporte terrestre e fluvial. Há uma estrada de concreto armado que liga as duas comunidades ao centro da cidade, pela qual, todas as manhãs e tardes chegam pessoas de Tabatinga e de Letícia – Colômbia em busca de pescados mais frescos e produtos do cultivo local que são mais naturais.

Umariaçu é o nome do igarapé que corta as duas comunidades ao meio. Umariaçu I, fica ao lado de quem vem da cidade de Tabatinga, e Umariaçu II, ao lado atravessando o igarapé.

O meio de sustentabilidade da grande maioria das famílias vem da agricultura familiar e da pesca. Uma parte são funcionários públicos da educação e da saúde indígena. Todos os idosos são aposentados e as famílias que se enquadram no programa do governo federal recebem o Bolsa Família.

Desde seu surgimento, a comunidade recebe emigrantes de diferentes comunidades Tikuna no Brasil da região do Alto Rio Solimões. Também chegam vários emigrantes Tikuna que vêm das comunidades indígenas do lado peruano e colombiano. Além do contato muito constante com a sociedade dominante, os moradores ainda mantêm a sua cultura através do artesanato, da música indígena, dança indígena. Na aldeia Umariaçu I, ainda realizam festa mais importante do povo Ticuna, a festa da Moça-nova.

Esta aldeia, por estar encostada no centro da cidade, é considerada ser uma comunidade polo do Alto Rio Solimões. Há um fluxo muito grande de indígenas vindos das mais diversas aldeias desta região em busca de estudos, de emprego e benefícios sociais do governo.

Portanto, entre os estudantes da atualidade, há uma enorme competitividade para entrar na universidade ou no mercado de trabalho. O aluno que teve um bom desenvolvimento nos seus estudos, estes conseguem serem aprovados nos mais diversos vestibulares oferecidos pelas universidades estaduais ou federais.

3.1 - A Cultura Tradicional

Os ensinamentos da cultura Ticuna são repassados de pai para filho nas famílias mais tradicionais, onde os filhos aprendem a fazer roça, a pescar, fazer artesanatos e obedecer a uma crença cultural e mitológica.

Nas duas comunidades, a maioria das famílias sobrevivem ainda da agricultura familiar e da pesca. Por outro lado, a terra indígena Umariaçu não possui lagos, no entanto, a pesca tradicionalmente acontece nas praias na época do verão, e nas cheias, os Ticuna de Umariaçu vão pescar nos lagos localizados em outras áreas não-indígenas ou até mesmo em território estrangeiros dos países vizinhos do Peru e da Colômbia. E quando chega o fenômeno da piracema nas cheias ou no verão, eles pescam em seu próprio território.

A caçada na mata com cachorros ou com zarabatana não acontecem mais, já foi extinta. Com o aumento da população, as matas virgens estão quase no fim, e os animais estão desaparecendo cada vez mais. Alguns Ticuna ainda praticam a caçada noturna, já com arma de fogo.

Na medicina tradicional, somente as famílias mais tradicionais fazem o uso das ervas medicinais. Com a presença da Saúde Indígena, mantida pelo governo federal, através da DSEI/ARS, os medicamentos do SUS são oferecidos gratuitamente aos usuários. Todos os moradores das duas comunidades são cadastrados e monitorados pela equipe multidisciplinar da saúde indígena nos polos de saúde, onde é feita a primeira assistência da atenção básica.

Dando referência à culinária Ticuna de Umariaçu, podemos elencar alguns cardápios que eles ainda é de preferência da maioria da população. O mais preferido é o peixe de vários tipos e tamanho, acompanhado da farinha de mandioca, a banana e a macaxeira. Geralmente são preparados como caldo de peixe, peixe assado, mojica e pupeca de peixe. No início das enchentes, quando o peixe se torna escasso e fica mais caro. Geralmente, no período de novembro a abril, muitas famílias mudam o cardápio para o tradicional brasileiro que é o frango, acompanhado do arroz, macarrão e feijão.

Falando das bebidas tradicionais do povo Ticuna, como o paiyawaru (paijuaru), o tcha'ü (caiçuma), o tchitcha (chicha), o pururuca (pororoca), entre outras, atualmente as famílias dificilmente confeccionam estas bebidas para o consumo normal. Elas se tornaram escassas também porque a atual geração não deram continuidade nos costumes dos mais antigos de produzir essas bebidas naturalmente, principalmente nos WAIYURÍ (AJURI) e na tradicional (YÜ'ÜE) FESTA DA MOÇA-NOVA, onde o PAIYAWARU era a principal bebida oferecida aos participantes. Nos dias atuais, somente Umariaçu I realiza a festa da moça-nova e,

obviamente o paiyawaru. E no Umariaçu II, a festa da moça-nova é realizada apenas como uma demonstração no aniversário da comunidade que acontece nos dias 15 de agosto de todos os anos e essas bebidas são produzidas apenas para a demonstração da cultura.

A confecção dos artesanatos também são feitos apenas pelas famílias mais tradicionais, que são utilizados nos seus trabalhos, como o wotürá, cuetchinü, tipiti, go'eperu. E para meio de transporte fluvial é feito o remo (nae'mü) e a canoa (ngue).

Dando referência à musica indígena da cultura Ticuna, atualmente se houve músicas cantadas por cantores indígenas na língua Ticuna e no português acompanhados de instrumentos musicais como o violão e o teclado. Existem Também bandas culturais, ou seja, uma banda de música, na qual os artistas utilizam apenas instrumentos musicais indígena confeccionados artesanalmente: o maracá, o tamborim, a flauta (Tchecu), o cheq-cheq, o pau-de-chuva, a casca do tracajá, entre outros. Por outro, também existem bandas com instrumentos profissionais, como a bateria, guitarra, violão, teclado, violino, sanfona, etc. E a música tradicional, o canto Ticuna, só pode ser vista e ouvida na festa da moça-nova (UTÜE), quando é realizada essa festa em Umariaçu I. A música cantada na língua Ticuna e acompanhada pelos instrumentos musicais não tradicionais, geralmente são as músicas religiosas e as músicas mundanas, que são tocadas nas festas populares (dançantes). E as bandas culturais, as letras de suas músicas falam de preservação da cultura, do meio ambiente, e dos direitos dos povos indígenas. E a banda com instrumentos profissionais, geralmente são banda de rock ou forro. Em seguida apresentamos as letras de música de algumas bandas.

1. Letra de música de cantor Ticuna acompanhado por teclado tocadas nas igrejas da santa cruz (Autor desconhecido):

Pa'ama pa tchauene,
pa'ama pa tchauene,
pa'ama pa tchauene,
pa'ama pa tchauene, tupana cu'ca taca;
nhu'mata ningune, pa'ama ya õ,
nhu'mata ningune, pa'ama ya õ.
nhu'mata ningune, pa'ama ya õ,
nhu'mata ningune, pa'ama ya õ.

Tradução para o português:

Depressa meu irmão, depressa meu irmão, depressa meu irmão, Jesus está te chamando,
Depressa meu irmão, depressa meu irmão, depressa meu irmão, Jesus está te chamando,
Enquanto está cedo, depressa, creia!
Enquanto está cedo, depressa, creia!

2. Letra de música de cantor Ticuna acompanhado por teclado tocadas nas festas populares (Autor: Nilson e Genário)

Te'é massa üe rü paderu tiĩ,
te'e massa üe rü pedreru tiĩ,
rü cugü tana au'gü, rü cugü tana au'gü, au'gü, au'gü,
rü cugü tana au'gü, rü cugü tana au'gü, au'gü, au'gü,
nge'taena cunhema pa tchorü! Tauwamatchire, nuatama.
Pa tchorü,
rü cugü tana au'gü, rü cugü tana au'gü, au'gü, au'gü,
rü cugü tana au'gü, rü cugü tana au'gü, au'gü, au'gü,
Tautama niquiaa'u yima de'netü pa mi'
erü cugü tana augü, augü, augü, augü
erü cugü tana augü, augü, augü, augü
erü cugü tana augü, augü, augü, augü, yima murawaca.

Tradução para o português:

Quem faz a massa é o padeiro
Quem faz a massa é o pedreiro
E vai te mexer, e vai te mexer, mexer, mexer, mexer,
E vai te mexer, e vai te mexer, mexer, mexer, mexer,
Onde você está meu amor! Nenhum canto, aqui mesmo meu amor.
E vai te mexer, e vai te mexer, mexer, mexer, mexer,
E vai te mexer, e vai te mexer, mexer, mexer, mexer,
Não beba o caldo de cana criança/menino.
Porque vai te torcer, e vai te torcer, torcer, torcer, torcer,
e vai te torcer, e vai te torcer, mexer, mexer, mexer, esse moedor.

3. Letra de música de cantor indígena acompanhado por banda cultural

Tchama rü maiyu tchiĩ (Banda Cultural Ai'tcha – Umariaçu II)

Tchama rü maiyu tchiĩ, amazonawani tchama'ü
gu'uma i tchautanügü, nhaã ta'tü solimõeswá
nhaa i naane, nhaa i nai'necü
nhegumata tauta nü'na i da'gu rü niagu.

pa yatugüü ta'ũ peya gu'eü ya nai, nheguta ya gu'gu
rü naane tata neagu'.
pa yatugüü ta'ũ peya gu'eü ya nai, nheguta ya gu'gu
rü naane tata neagu'.

Tradução para o português

Eu sou indígena, vivo no amazonas
todos meus irmãos, aqui no rio Solimões
esta terra, esta grande floresta
se não cuidarmos, vão se acabar
homens branco, não acabem com a terra
homens branco, não acabem com a floresta
se acabar, o mundo vai se acabar.

Umariaçu sempre se destacou em revelar artistas locais. Foi a primeira comunidade em criar músicas com letras em Ticuna nos acordes de teclados e violão. Logo em seguida, foram criadas também os grupos de dança cultural. Hoje em dia, estas músicas e estes grupos de danças existem em todas as comunidades do Alto Rio Solimões, Manaus e nas comunidades indígenas Ticuna do Peru e da Colômbia. É uma forma de manter a língua e a cultura viva, através da música, onde ela se imortaliza e se universaliza. Em Umariaçu II, foi fundada por mim a Banda Cultural Ai'tcha em 2008, um grupo de artista amadores da música indígena que entoava canções de conscientização e proteção do meio ambiente na Língua Ticuna.

Figura 7: Banda Cultural Aitcha



Fonte: Arquivo pessoal

Voltando no tempo, desde da época dos nossos antepassados, a música já fazia parte de nossas vidas. Seja ela nos rituais da pajelança no canto do pajé ou nas vozes dos cantores tribais acompanhados do tamborins (tutu) na festa da moça-nova. Estes cantos relatam sobre aconselhamento que são improvisados no momento, estritamente ligados à Festa da Moça Nova (worecütigü). O cantor narra sobre feitos acontecidos, ou sobre o que acontece no momento; e cantos ligados a outros rituais ou ligados à personagem ou eventos de narrativas mitológicas.
Estas práticas culturais atravessaram gerações, que até hoje, temos a oportunidade de ouvir e conviver com esses conhecimentos ancestrais que já mais deve ser esquecido.
A prática da pajelança ainda é frequentada pela as famílias mais tradicionais que ainda mantêm esse costume e que acreditam nos poderes sobrenatural de um ritual da pajelança. Com a chegada da saúde indígena através do Distrito Sanitário Especial de Saúde indígena (DSEI/ARS), o pajé (YUUCÜ) faz um trabalho em conjunto com equipe multidisciplinar de saúde indígena, valorizando o trabalho do pajé e respeitando a especificidade da cultura local. O pajé faz o seu trabalho de ritual e depois orienta a procurar um médico. E o médico por sua vez, faz suas consultas, prescreve receitas médicas e também orienta a procurar um pajé caso a doença persistir. Muitas famílias confiam apenas no pajé e não procuram o médico, e muitas famílias também não confiam no pajé, somente nos médicos, porque atualmente, muitos pajés

cobram muito caro para fazer um trabalho de pajelança. Muito das vezes, a doença não é curada. Porém, vale ressaltar a presença do DSEI/ARS, o qual orienta os seus usuários que existem doenças que podem ser curadas pelos pajés como as feitiçarias, espantos em crianças, espiritismos etc. E existem as doenças que podem serem curadas apenas com a medicina tradicional ou medicina ocidental, como as morbidades. As gerações mais atual, é muito difícil de procurar um pajé ou procurar uma medicina tradicional quando seus filhos estão doentes. Eles procuram o médico e vão comprar na farmácia os medicamentos receitados quando não tiver no polo de saúde indígena.

No entanto, a tradição cultural indígena é praticada apenas pela família mais tradicional, e cada ano que passa, essa tradição vai desaparecendo porque os mais antigos vão morrendo, e os seus filhos não dão continuidade nos conhecimentos tradicionais, e com a influência da sociedade dominante, adotam a cultura ocidental, substituindo a sua cultura tradicional.

3.2 - A Cultura Ocidental

Com a crescente presença da cultura ocidental na aldeia Umariaçu, observa-se um processo de desvalorização das práticas culturais tradicionais entre as novas gerações, restando sua manutenção restrita a algumas famílias com forte vínculo às raízes culturais. Um dos elementos mais visíveis dessa influência externa é a celebração de aniversários segundo os moldes ocidentais. Esses eventos são organizados com antecedência, com a distribuição de convites que informam data e local. No dia da comemoração, o espaço é ornamentado com balões, painéis decorativos, fitas e iluminação artificial. Durante o coquetel, são servidos alimentos como carne guisada, frango, bolos, bombons e refrigerantes. Em contextos familiares não vinculados a crenças religiosas cristãs, a festividade pode incluir uma celebração dançante com músicas populares nacionais e internacionais, acompanhada de consumo de bebidas alcoólicas, como cerveja, vinho, champanhe e cachaça.

Entretanto, essa incorporação de práticas culturais alheias ao universo tradicional Ticuna revela um processo de aculturação progressiva, que impacta diretamente a identidade étnico-cultural do povo. A gradual substituição das manifestações culturais originárias por elementos exógenos caracteriza uma ruptura simbólica e intergeracional com os saberes ancestrais, dificultando iniciativas futuras de resgate e revalorização cultural. Este fenômeno sociocultural exige atenção urgente, sobretudo quando se discute a preservação do patrimônio cultural imaterial e a manutenção da diversidade linguística e cultural para as próximas gerações.

Diante disso, faz-se necessário promover ações estratégicas voltadas à revitalização cultural, com foco na sensibilização da comunidade e na valorização de práticas socioculturais autóctones. A elaboração e implementação de políticas linguísticas e culturais — por meio de projetos educativos, atividades escolares, expressões artísticas (como músicas, literatura e teatro) e eventos comunitários — podem contribuir significativamente para a reconstrução simbólica da identidade Ticuna. Este é um momento propício para a reflexão coletiva e o fortalecimento de uma consciência crítica sobre os impactos da hegemonia cultural ocidental, promovendo, assim, a continuidade das tradições culturais em contextos contemporâneos.

Figura 8: Aniversariantes do mês na escola



Fonte: arquivo pessoal

Houve um impacto muito grande causado pela cultura ocidental, provocando um choque cultural dentro da cultura Ticuna. A atual geração não valoriza mais a cultura local. A língua está sendo aos poucos substituída pelo português. E o veículo de comunicação do sistema dominante fortifica cada vez mais a cultura ocidental, que domina cada vez mais a nossa juventude da atualidade.

Contudo, é necessário que haja a conscientização, a reeducação, uma iniciativa que venha impactar a favor no convívio cultural de nossos jovens para que tenham atitude de assumir e se identificar como indígenas, e levar este conhecimento da ancestralidade para as futuras gerações.

No que se diz a respeito ao esporte na aldeia Umariaçu, as modalidades esportivas mais praticados pelos esportistas amadores são: o futebol de campo, futebol de salão e voleibol, sendo nas categoria masculino e feminino, nas modalidade livre e veterana. O ano inteiro são realizados vários campeonatos destinados principalmente aos jovens, a fim ocupar os tempos ociosos. Nestes campeonatos várias comunidades da redondeza são convidadas e também comunidades não-indígenas de Tabatinga.

Nos finais de semanas, os familiares se aglomeram nos campos e nas quadras para assistir a sua equipe favorita. Na imagem abaixo, são atletas da equipe de futebol veterano Castanhal, onde estive como responsável do campeonato e atuando também como atleta.

Figura 9: Atletas veteranos da equipe Castanhal de Umariaçu I



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 10: Torcida da equipe Santa Cruz de Umariaçu II



Fonte: Arquivo Pessoal

Nos últimos 04 anos, as escolas realizaram o concurso de fanfarras, onde os jovens praticam a música através de instrumentos musicais de percussão. A comunidade e os pais dos integrantes da banda fanfarra colaboram na compra desses instrumentos. A outra parte são adquiridos pelas escolas através dos gestores das escolas. Todos os anos, na cidade de Tabatinga é realizado o concurso de fanfarra das escolas promovido pela prefeitura municipal de Tabatinga. E no último concurso em 2022, a escola estadual Almirante Tamandaré sagrou-se vitoriosa.

Figura 11: Banda Marcial Ticuna de Umariaçu



Fonte: arquivo pessoal

As duas aldeias também dão ênfase às culturas não-indígenas. Todos os anos as escolas e as comunidades promovem a festa junina. Grupos de jovens se apresentam caracterizados de caipiras nordestinos e dançam a quadrilha no som do forró nordestino.

Figura 12: Quadrilha os bonecos na roça



Fonte: arquivo pessoal do autor

A presença do alcoolismo e as drogas ilícitas na duas comunidades está cada vez mais presente, principalmente na vida dos jovens, que são acometidos pela violência e o suicídio. Apesar da legislação da Constituição Federal de 1988, Lei 6001 do Estatuto dos Índios que reza o seguinte: III - propiciar, por qualquer meio, a aquisição, o uso e a disseminação de bebidas alcoólicas, nos grupos tribais ou entre índios não integrados. Pena - detenção de seis meses a dois anos. Esta lei nunca foi levada em consideração, as bebidas alcoólica sempre existiram desde a existência destas duas comunidades. Não há nenhuma fiscalização por parte das autoridades para a repreensão dos consumidores e comercializadores. Em consequência disto, a comunidade vive um momento turbulento entre os jovens que se envolvem com situações não agradáveis à comunidade.

Com a expansão da tecnologia avançadas em todas comunidades da região do Alto Solimões: rádio, televisão e internet, as notícias e informações chegam na velocidade da luz. Com isto, outras culturas surgem entre os jovens: a cultura do rock, a cultura do funk, que trazem consigo o modismo e a linguagem dos mesmos.

Portanto, a presença da cultura ocidental está cada vez mais presente na vida dos indivíduos da comunidade de Umariaçu I e II, e aos poucos está substituindo a cultura local. Se não houver nenhuma política voltada ao resgate da cultura tradicional, o caminho mais provável é a extinção da cultura Ticuna de Umariaçu.

3.3 - As seitas Religiosas

As seitas religiosas nas comunidades de Umariaçu iniciou-se na década de 70 com a chegada da irmandade da Santa Cruz comandada por irmão José. Foi um dos líderes religiosos que conseguiu reunir os Ticuna através da crença religiosa. Segundo Soares (2021),

"É por isso que nos últimos meses de 1971, quando chegou ao alto Solimões a notícia de que um Padre Santo, fazedor de milagres, estava descendo o Solimões vindo do Peru, a população Ticuna se pôs repentinamente de alerta: os índios mais próximos das cidades da fronteira se encarregaram de espalhar a novidade nos povoados Ticuna mais distanciados e mesmo naqueles situados no meio da floresta.

À medida que o tempo passava e que a mensagem circulava de grupo em grupo, o seu conteúdo inicial também era ampliado e começava mais um momento de efervescência social. Mesmo se neste momento os sentimentos eram mal definidos e incertos, estavam persuadidos de que acontecia mais uma manifestação dos imortais em suas vidas. Em certas áreas ticuna chegou-se mesmo a comentar que o esperado era o próprio Yo´i (um dos heróis criadores). O grau de excitação aumentava sempre mais e quando souberam da chegada do referido personagem em Rondinha, no Peru, e depois em Marco e em Atalaia do Norte, muitos índios que habitavam nos igarapés, abandonaram suas habitações e se dirigiram aos povoados Ticuna situados às margens do Solimões para assistir a sua chegada.

Nem todos os Ticuna aderiram ao movimento fundado pelo Irmão José, o José Francisco da Cruz. Estes eram principalmente os habitantes das comunidades protestantes batistas, sobretudo de Campo Alegre e de Betânia, totalizando cerca de quatro mil indivíduos, e outro tanto de católicos, um certo número deles de Belém do Solimões.

A maioria das pessoas que aderiram à Irmandade da Santa Cruz ficou impressionada com os prodígios atribuídos ao Padre Santo que ouviram falar antes mesmo da sua chegada ao alto Solimões. Eis alguns exemplos: como os habitantes de um povoado o tinham expulso e ridicularizado, o Irmão José anunciou um castigo do céu; logo uma forte tempestade varreu as casas e as plantações provocando a morte de pessoas e de animais. Animais e pessoas também morreram em outro povoado por causa de uma seca anunciada pelo Irmão José visto que seus habitantes haviam-lhe negado água para beber. Numa outra ocasião, ele recusou uma galinha que alguém lhe oferecia, dizendo: "devolva a galinha pro dono, tu robô ela". Isso foi confirmado, acrescentam os informantes. Conta-se também que ele disse a uma senhora: "não se aproxime de mim, tu ta me queimando". "A mulher tinha matado o filho", acrescentam os membros da Irmandade. Além disso, comentava-se que o Padre Santo possuía estigmas, que ele não se alimentava e que não precisava dormir.

Fora os prodígios atribuídos ao fundador no começo da sua missão naquela região do Brasil, é preciso acrescentar que o cenário formado pela caravana messiânica, por ocasião da sua peregrinação na região, também contribui fortemente para o reconhecimento da sua graça carismática. Com efeito, o espetáculo fluvial que teve lugar a partir de maio de 1972 foi triunfal: quase mil pessoas, contando os brasileiros, peruanos, índios e não-índios, sobre canoas e barcos, cantavam e rezavam em voz alta. Eles

acompanhavam um homem magro, de barba longa, vestido com batina, que carregava uma Bíblia e uma cruz; o cortejo formava uma verdadeira procissão fluvial.

O caráter grandioso do espetáculo, associado à semelhança do Irmão José que viam e escutavam com a imagem que possuíam de Cristo causou um profundo impacto psicológico nos habitantes da região, principalmente entre os Ticuna. A pregação de José da Cruz, fortemente escatológica, também os impressionou que em razão de sua tradição messiânica eram sensíveis a esse tema. O Irmão José anunciava a proximidade do fim dos tempos, convidava todos a despertarem do sono espiritual enquanto houver tempo, e a viverem em comunidades, em torno das cruzes, onde então encontrariam a salvação.

Assim o fundador da Irmandade da Santa Cruz, depois de partir de sua cidade natal (Cristina, Minas Gerais) em 1962 e peregrinar em várias cidades brasileiras e em vários países sul-americanos, alcança em 1972 a calha do rio Solimões. Após um ano de peregrinação nas vilas e povoadas desta região – nas quais sempre erigia uma cruz de mais ou menos cinco metros de altura, celebrava cultos e recebia os doentes – ele atingiu o rio Içá.

Instalou-se no meio da floresta, na margem do igarapé Juí, pequeno afluente do rio Içá, num lugar que denominou de Lago Cruzador, distante aproximadamente 250 quilômetros da maioria dos povoados de seus seguidores. Nunca mais deixou esse lugar. Pensava edificar ali a sede espiritual de sua Irmandade e dali comandava os seus fiéis.

Foi nesse local que ele faleceu, no dia 23 de junho de 1982, com a idade de 69 anos. Antes de falecer, teve o cuidado de legitimar o seu sucessor, um descendente de índios Cambeba, denominado Valter Neves. Ao assumir a sua função, este nomeou uma nova diretoria administrativa da Irmandade e levou em frente o projeto do fundador de construir a Vila Espiritual da Irmandade de Santa Cruz.

As cruzes bentas e/ou erguidas pelo fundador da Irmandade - ou seus emissários - deram origem seja a uma nova dinâmica social nos povoados já existentes, seja a novos povoados, onde os seus habitantes procuram viver de acordo com a doutrina desse movimento religioso. A mais importante de todas as comunidades é, sem dúvida, aquela em que o Irmão José viveu e começou a edificar a sede da Irmandade, e onde o sucessor, seus discípulos e fiéis continuaram a sua construção: a Vila Alterosa de Jesus.

Ainda hoje existem adeptos desse movimento religioso entre os Ticuna."

Desde desta época, existem três igrejas da Santa Cruz. Uma em Umariaçu I e duas em Umariaçu II, as quais ainda mantêm o rito empregado pelo fundador. Logo em seguida, foi implantada a igreja católica em Umariaçu I, e foi uma das razões que dividiu Umariaçu em duas comunidades.

Figura 13: 1ª Igreja da Santa Cruz de Umariaçu II



Fonte: Arquivo da Igreja da 1ª congregação de Umariaçu II

Esse movimento messiânico trouxe a entrada de outras seitas religiosas, como as igrejas Batistas e Igrejas Evangélicas. Atualmente, em Umariaçu I, existem 04 igrejas evangélicas e no Umariaçu II existem também 04.

Todas as igrejas possuem suas doutrinas que orientam seus fiéis a andarem e praticar o bem, o que ajuda no comportamento dos jovens e melhorar a sua qualidade de vida e a convivência dentro da comunidade. Por outro lado, a prática da cultura, como a festa da moça-nova, é proibida sua realização por estas religiões. Em virtude disto, muitos jovens não acreditam mais nas crenças mitológicas do povo Ticuna, principalmente na divisão social dos clãs.

Apesar de ter todas estas religiões nas duas comunidades, uma parte da população ainda gosta de se divertir nas festas populares dançantes, nas festas tradicionais da moça-nova, consumir bebidas tradicionais e bebidas alcoólicas.

3.4 - A Organização Social dos Clãs

A organização social dos clãs do povo Ticuna é uma orientação mitológica feita pelos deuses Yoi e Ipi após a pesca do povo Ticuna no Igarapé Eware. Os nossos anciãos nos orientavam que não podíamos nos casar ou namorar com as pessoas da mesma nação, pois estaríamos praticando o WO'MATCHI, quando é praticado ou descumprido esta ordem.

Todos os Ticuna quando nascem, recebem um nome indígena do clã pela madrinha, que é utilizado até a sua vida inteira. Esses nomes são referentes aos traços dos elementos naturais. E nas festas da moça-nova, as pessoas são identificadas pela pintura facial dos clãs.

Oliveira (2002), baseado em Nimuendajú (1952), afirma que os clãs são transmitidos de geração em geração, ou seja, de pai para o filho divididos em dois grupos em metade dualista que tem uma explicação mitológica.

Dando referência as comunidades de Umariaçu I e II, a organização social dos Clãs Ticuna, ainda é respeitadas pela maioria das famílias mais tradicionais. Quando um membro destas nações não cumprem esta ordem, ou seja, quando se apaixonam e se casam com o mesmo clã, acontecem várias controvérsias entre as famílias envolvidas. Geralmente, os casais fogem para outras comunidades, se isolam da família, e quando conseguem se separar, são acometidos por tragédias.

No entanto, as ligações incestuosas prolongadas causam "horror e repugnância" aos parentes e podem resultar em "tragédias de sangue", com acusações públicas e mortes violentas, que são vistas, no entanto, como restauradoras do estado de normalidade (ERTHAL, 2001)

Alguns Ticuna não fazem mais o uso dos clãs, porque já não acreditam mais nessa cultura, influenciados pela cultura religiosa e a cultura ocidental. Muitas vezes a própria família já aceita esta relação conjugal, pois sentem medo de acontecer alguma coisa ruim com seus filhos. Os Clãs de Jaburu e tucano descritos por Serra (2018) na metade com penas já não passaram a existir no quadro de clãs de Umariaçu I e II.

Quadro 17- nação com pena e nação sem pena

ãtchi'igü 'com pena'		**ngetchi'igü** 'sem pena'	
ta'u**cüã'**	'clã ou nação de tucano'	aru**cüã'**	'clã ou naçãode avaí'
cowa**cüã'**	'clã ou nação de maguari'	ai**cüã'**	'clã ou nação de onça'
ngo'ü**cüã'**	'clã ou nação de arara'	tema**cüã'**	'clã ou nação de buriti'
barü**cüã'**	'clã ou nação de japó'	e**cüã'**	'clã ou nação de jenipapo'
ngu'nü**cüã'**	'clã ou nação de mutum'	naiyüü**cüã'**	'clã ou nação saúva
Yawürü**cüã'**	'clã ou nação de jaburu'		

O seguinte quadro demonstra os clãs existente nas duas comunidade de Umariaçu I e II.

Quadro 18 - nação com penas e sem penas em Umariaçu

Nação ou clãs com penas (ãtchiigüü)	**Nação ou clãs sem penas (ngetchiigüü)**
Elementos naturais	**Elementos naturais**
Arara (ngo'ü)	Avaí (aru)
Galinha (otá)	Buriti (tẽma)
Japó (barü)	Jenipapo (é)
Mangari (cówa)	Onça (ai)
Mutum (ngu'nü)	Saúva (naiyüü)
Urubu rei (ẽ'tcha)	

Segundo Oliveira (1996), os clãs do Ticuna são reconhecidos por um nome técnico, geral a todos eles, que é Kü'a, na língua Ticuna, e no português significa nação. *Isso* demonstra a consciência que eles têm do clã como unidade significativa no "sistema social tribal". Nota-se que o contato constante dos Ticuna com a sociedade nacional possibilitou a esses índios a construção de uma reflexão sobre o significado dos próprios conceitos e da aproximação de sentido desses conceitos com os conceitos ocidentais. Gruber (2011) afirma que,

"Cada um de nós Ticuna pertence a uma nação, nacüã, que em português também pode se chamar clã. Alguns animais e algumas árvores dão nome a essas nações. Assim as pessoas sabem com quem devem e com quem não devem se casar. As pessoas que pertencem às nações de avaí, jenipapo, saúva, buriti ou onça só podem se casar com pessoas que tenham nação "de penas", ãtchiü, como maguari, mutum, arara, japó ou galinha. Os filhos herdam a nação do pai. Desde o princípio foi assim. A história conta que antigamente o povo de Yo'ï estava todo misturado. Ninguém tinha nome e ninguém podia se casar. Então Yo'i preparou um caldo de jacarerana e deu um pouco para cada pessoa. Provando do caldo, a pessoa descobria a sua nação. Depois disso, as pessoas começaram a se casar. A nação de onça pintada também pode se chamar tchi'wa, seringarana. A nação de onça-vermelha, nge'ma, está relacionada com uma árvore do mesmo nome."

Oliveira Filho (1988, p. 38) afirma que "a função das nações ou das metades se limita em auxiliar na regulação do casamento", estabelecendo a proibição de contrair matrimônio não apenas dentro do mesmo clã, mas ainda, dentro da mesma metade a que esse clã pertença. Em

uma sociedade marcadamente segmentar, fica claro que as nações (clãs) e as metades não têm suas fronteiras de atuação restritas ao universo do matrimônio. Sem sombra de dúvidas, o seu arco de atuação vai além desse universo.

3.5 - A Origem Mitológica do Povo Ticuna

Segundo a mitologia do povo Ticuna, a origem se deu na pesca dos deuses Yo'i e Ipi no igarapé Eware, hoje localizado na aldeia Ticuna São Jeronimo, no município de São Paulo de Olivença.

As narrativas dos anciãos estão registrado no livro das árvores, construído pela OGPTB (Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngue) no município de de Benjamin Constant-AM no ano de 2011, (Livro das arvores 2011).

"Tetchi arü Ngu'i era mulher de Yo'i, mas ficou gestante de Ipi. Yo'i não gostou disso e resolveu castigar o irmão. Assim que a criança nasceu, Yo'i mandou Ipi buscar jenipapo, e, para pintar o menino. Quando Ipi subiu na árvore, ela começou a crescer, crescer, quase alcançando o céu. Ipi sofreu muito, mas por fim conseguiu apanhar uma fruta. Desceu da árvore transformado em tucandeira, trazendo o jenipapo na boca. Yo'i mandou Ipi ralar a fruta sem parar. Ele ralou, ralou, ralou, até que ralou seu próprio corpo. Tetchi arü Ngu 'i pegou o sumo do jenipapo e pintou o filho. Depois jogou a borra no igarapé Eware. A borra do jenipapo desceu pela água e foi parar num lugar com muito ouro. Depois tornou a subir, já transformada em peixinhos, numa grande piracema. Quando a piracema passou, Yo 'i fez um caniço e foi pescar, usando caroço de tucumã maduro. Mas os peixes, quando caíam na terra, viravam animais: queixada, anta, veado, caititu e muitos outros. Aí Yo'i usou isca de macaxeira, e com essa isca os peixinhos se transformavam em gente. Yo'i aproveitou e pescou muita gente. Mas seu irmão não estava entre essas pessoas.

Yo'i, então, entregou o caniço para Tetchi arü Ngu'i e ela conseguiu fisgar um peixinho que tinha uma mancha de ouro na testa. Era o Ipi. Ipi saltou em terra, pegou o caniço e pescou os peruanos e outros povos. Esse pessoal foi embora com Ipi para o lado onde o sol se põe.

Da gente pescada por Yo 'i descendem os Ticuna e também outros povos que rumaram para o lado onde o sol nasce, inclusive os brancos e os negro."

Atualmente, essa crença mitológica ainda é muito valorizada pelas famílias mais tradicionais da comunidade. Com a entrada das seitas religiosas e a presença da cultura dominante, essa crença vem sendo abandonado cada vez mais. Com isso, muitos Ticuna deixaram de acreditar na sua própria cultura.

3.6 - Forma de sobrevivência da Comunidade Umariaçu

Antigamente, a forma de sobrevivência dos Ticuna que habitam a Terra Indígena Umariaçu ocorria de maneira tradicional. Todos eram agricultores e pescadores, colhiam frutos da natureza e não havia comércio entre os moradores. A troca de produtos era comum: por exemplo, quando alguém chegava da pescaria, outras pessoas vinham oferecer farinha ou banana em troca de peixe. No dia seguinte, outros faziam o mesmo, e assim por diante. Esse era o processo natural de solidariedade que ocorria entre as famílias.

Com o aumento da população, as terras para o plantio tornaram-se cada vez mais distantes, e a mata virgem foi sendo reduzida. Isso dificultou o cultivo das roças e provocou a escassez da caça na reserva indígena. Em relação ao pescado, quando a comunidade ainda se localizava na várzea, havia abundância de peixes nos rios e igarapés. Com o crescimento populacional, os peixes de médio porte, como surubins, tambaquis, arengas, tucunarés, matrinchãs e outros, tornaram-se escassos. Atualmente, os peixes mais comuns são sardinhas, curimatãs, pacus, mandis e pirabutões, encontrados principalmente no período da vazante (de julho a outubro). De novembro a junho, com a subida das águas, os peixes desaparecem e só podem ser encontrados em grandes lagos. Como a reserva não possui lagos, os pescadores precisam se deslocar a outras comunidades, municípios e até países vizinhos, pois a região está situada em uma tríplice fronteira.

Atualmente, a principal fonte de renda para aqueles que não possuem empregos formais ainda são as atividades de pesca, realizadas em rios, igarapés e lagos, e a venda de produtos da roça, como farinha, banana e frutas. Outros grupos, além da agricultura e da pesca, confeccionam artesanato e criam animais, como patos e galinhas, tanto para o consumo próprio quanto para a venda. Entre os alimentos produzidos para consumo e comercialização, destacam-se: macaxeira, farinha de mandioca, ingá, pupunha, mapati, cheiro-verde, pato, galinha e diversas espécies de peixes.

Nos últimos 30 anos, com o aumento da população, algumas famílias passaram a obter empregos em escolas — como diretores, professores, merendeiras e auxiliares de limpeza — e em postos de saúde, atuando como técnicos de enfermagem, agentes de saúde e secretários. Outros passaram a receber benefícios sociais, como aposentadoria rural, Bolsa Família, auxílio-maternidade, Cartão Cidadão, entre outros.

3.7 - A importância da língua portuguesa e Ticuna em Umariaçu

A aprendizagem da língua portuguesa sempre foi e sempre será um desafio para os Ticuna. Para os Ticuna, o português é uma língua de poder, de prestígio e de domínio da sociedade envolvente. Todos os Ticuna tem a obrigação de aprender e se comunicar nesta língua, pois todos os conhecimentos acadêmicos e ocidentais são ensinados a partir dela. E as leis brasileiras, pela qual os indígenas se defendem em busca de seus direitos, são escritas na língua portuguesa. Deve-se levar em conta qual é o papel da língua portuguesa assume nas comunidades indígenas, e que é um instrumento de crescimento pessoal e social.

A escola tem papel fundamental de desenvolver o ensino da língua portuguesa desde dos anos iniciais até o ensino médio, pois as oportunidades do mercado de trabalho e do ingresso às universidade se dão através da interação com a sociedade dominante, onde o domínio da fala e da escrita são muito importantes. Deve ser considerado também que o indígena Ticuna, por mais que ele atinja um nível alto do domínio do português culto, ele já mais deixará de falar a sua língua materna. Quando ele estiver em ambiente de seu trabalho fora da comunidade, ele falará na língua portuguesa. E quando ele estiver na comunidade falando com seus irmãos, ele falará na língua Ticuna. Ou seja, o Ticuna é bilíngue na língua materna e língua portuguesa.

Por outro lado, todos os moradores de Umariaçu sabem também que a língua Ticuna é muito importante para o fortalecimento de sua cultura, que é uma representação da característica de seu povo. Isso sempre foi cultivado pelas lideranças e professores indígenas, que nunca pode ser deixado de lado e mostrar para a atual geração que tanto a língua portuguesa quanto língua Ticuna são instrumentos importantes de sobrevivência e resistência no atual mundo onde estamos inseridos. Sempre estamos na busca de fortalecer a nossa língua materna, tanto na oralidade quanto na escrita, através da escola e do convívio social. Nós Ticuna temos a oportunidade de aprender a falar as duas línguas, a língua materna e o português. Então, o nosso cenário do nosso cotidiano tanto na escola quanto fora dela é sempre de bilinguismo. De fato, temos que refletir que o aluno indígena tenha uma formação política e social, mas também mantenha os seus valores e saberes culturais de seu povo. Nisto vemos a importância da educação intercultural que é muito necessária para a formação da atual geração.

É necessário que o conhecimento promovido pela escola prossiga o rumo do desenvolvimento intelectual prestando atenção nos dois mundos. Formar nossos jovens para escrever, ler e interpretar em língua portuguesa, mas também para registrar o conhecimento e saber do próprio

mundo. Para redigir na língua portuguesa, entendendo a complexidade do mundo e a realidade que nos cerca em termos políticos, econômicos e científicos. É importante que os estudantes compreendam essas diferentes narrativas. Aprendam os registros que essa língua traz; que façam dissertações de temas diversos; que aprendam a argumentar, uma linguagem de defesa e de justificativa de grande valor para nós, ensinar nossos jovens, pois alguns deles serão líderes em nossa comunidade.

Não podemos negar que a língua portuguesa de fato tem uma necessidade e de extrema importância nas nossas vidas, mas devemos ter cuidados para que, essa necessidade, não nos escravize e deixemos de falar a nossa língua. É obvio que dominar a escrita da língua portuguesa nos proporciona certa independência política. Mas, não devemos esquecer que a nossa língua é a nossa raiz, nosso maior patrimônio. Não somos nada sem a nossa língua. Dominando a complexidade da língua portuguesa, podemos registrar o mundo do branco, ler seus códigos, de modo independente e sermos protagonistas do registro dos nossos próprios saberes.

3.8 - A importância da preservação da cultura em Umariaçu

A figura do indígena Ticuna de Umariaçu atualmente é, um falante bilíngue em Ticuna e em Português, que usa as tecnologias, possuem automóveis, moram em casa de alvenaria ou de madeira, tem empregos fixos e possuem cursos superiores. O Ticuna nesta configuração, é aquele que conseguiram seus objetivos na vida que hoje se destacam na comunidade como os professores, enfermeiros e médicos.

A importância de se manter a cultura viva dentro da comunidade Umariaçu é um desafio, pois o contato com a sociedade e a cultura dominante é muito intenso. Em virtude disso, é um tema muito discutido dentro da comunidade pelas lideranças, pois através da cultura é que se dá a continuidade da existência de sua tradição e de sua língua que é a principal identidade cultural. Para mim, manter a cultura viva, é praticar os costumes sem demonstração, ou seja, a cultura fazer parte de seu cotidiano. Isto é, plantar a cana ou macaxeira e depois fazer a bebida típica. É pescar ou caçar para depois comer uma comida típica. E saber tecer um paneiro ou um remo para depois serem usados nas atividades diárias. Estas atividades são realizadas somente pelas famílias que se dedicam exclusivamente à roça e à pesca, pois são famílias que não são empregados dos governos. Mas existem aqueles que são empregados, porém, nos feriados e finais de semanas se dedicam à fazer a estas atividades.

A presença da cultura dominante é muito presente na vida das crianças, dos adolescente e dos adultos, se não haver uma conscientização por parte da família, da escola e dos governantes, as próximas gerações não saberão sobre a cultura Ticuna. A atual geração dos Ticuna de Umariaçu que hoje, a maioria deles não sabem confeccionar um artesanato ou saber de uma história contada pelos seus anciões. A única cultura que ainda existe na comunidade é a Língua Ticuna, a representação dos clãs e a crença na cura do pajé pelas famílias mais tradicionais. Então isso é muito preocupante, porque um povo que não tem cultura, não tem valor.

Para tanto, é necessário que haja uma iniciativa por parte da comunidade, onde as instituições locais como escolas, igrejas, polo base da saúde indígena busquem alternativas através de projetos específicos de valorização da cultura Ticuna. Tão somente assim, a identidade cultural deste povo, especificamente esta comunidade terá uma cultura viva, principalmente a sobrevivência da língua materna. Um povo sem língua, é um povo sem cultura e um povo sem cultura, é um povo sem identidade, e ai, seria fim do povo Ticuna.

3.9 - A educação escolar indígena na aldeia Umariaçu

A educação escolar indígena no Brasil tem alcançado, desde a década de 1970, avanços significativos no que se refere à legislação que a regulamenta. Atualmente, existem leis bastante favoráveis ao reconhecimento da necessidade de uma educação específica, diferenciada e de qualidade para as populações indígenas. No entanto, na prática, ainda persistem inúmeros conflitos e contradições a serem superados.

Na região do Alto Rio Solimões, a educação escolar indígena teve início em meados dos anos 1980. Com a promulgação da Constituição Federal de 1988, os próprios indígenas, pertencentes a diferentes regiões e etnias, passaram a se organizar em movimentos em defesa de seus direitos garantidos em diversos artigos da Carta Magna do país.

A educação escolar indígena é uma modalidade da educação básica que assegura às comunidades e povos indígenas a recuperação de suas memórias históricas, a reafirmação de suas identidades étnicas, bem como a valorização de suas línguas e conhecimentos tradicionais.

Atualmente, essa modalidade de ensino é respaldada pela Constituição Federal de 1988, em seu artigo 210, § 2º, que estabelece que o ensino fundamental será ministrado em língua portuguesa, garantindo-se às comunidades indígenas o uso de suas línguas maternas e de seus próprios

processos de aprendizagem. Complementarmente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), em seu artigo 78, determina que a educação escolar indígena deve ser bilíngue e intercultural, contribuindo para a reafirmação das identidades étnicas, a recuperação das memórias históricas, a valorização das línguas e saberes tradicionais, e possibilitando o acesso às informações e conhecimentos valorizados pela sociedade nacional.

Segundo RCNEI (1998), a escola indígena deve ser,

a) **Comunitária:** Porque conduzida pela comunidade indígena, de acordo com seus projetos, suas concepções e seus princípios. Isto se refere tanto ao currículo quanto aos modos de administrá-la. Inclui liberdade de decisão quanto ao calendário escolar, à pedagogia, aos objetivos, aos conteúdos, aos espaços e momentos utilizados para a educação escolarizada.

b) **Intercultural:** Porque deve reconhecer e manter a diversidade cultural e linguística; promover uma situação de comunicação entre experiências socioculturais, linguísticas e históricas diferentes, não considerando uma cultura superior à outra; estimular o entendimento e o respeito entre seres humanos de identidades étnicas diferentes, ainda que se reconheça que tais relações vêm ocorrendo historicamente em contextos de desigualdade social e política.

c) **Bilingue/multilingue:** Porque as tradições culturais, os conhecimentos acumulados, a educação das gerações mais novas, as crenças, o pensamento e a prática religiosos, as representações simbólicas, a organização política, os projetos de futuro, enfim, a reprodução sociocultural das sociedades indígenas são, na maioria dos casos, manifestados através do uso de mais de uma língua. Mesmo os povos indígenas que são hoje monolíngues em língua portuguesa continuam a usar a língua de seus ancestrais como um símbolo poderoso para onde confluem muitos de seus traços identificatórios, constituindo, assim, um quadro de bilinguismo simbólico importante.

d) **Específica e diferenciada:** Porque concebida e planejada como reflexo das aspirações particulares de povo indígena e com autonomia em relação a determinados aspectos que regem o funcionamento e orientação da escola não-indígena.

No ano de 1986, foi fundada a Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngue (OGPTB), que promoveu diversos cursos de formação voltados aos professores Ticuna da região do Alto Solimões. Essas ações educacionais representaram um marco importante para a valorização da cultura e da língua indígena dentro do ambiente escolar. As iniciativas da OGPTB seguiram as diretrizes estabelecidas na Constituição Federal de 1988, que reconheceu os direitos culturais e linguísticos dos povos indígenas, e tiveram como principal respaldo legal a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), sancionada em 20 de dezembro de 1996. Outros documentos importantes que orientaram esse processo foram o *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas* (1998), que passou a nortear a construção de currículos específicos, bilíngues e interculturais.

Antes dessas conquistas, o ensino formal na comunidade de Umariaçu teve início de maneira não adaptada às realidades locais. Na década de 1970, a Marinha do Brasil implantou a primeira escola da comunidade, chamada Escola de Primeiro Grau Almirante Tamandaré. Localizada às margens do Rio Solimões, essa escola representava uma estrutura educacional imposta externamente, com um currículo padronizado, alheio à cultura Ticuna. O processo de erosão das barrancas do rio levou ao desaparecimento da escola original, o que motivou a construção de uma nova sede em área mais segura. Em 1975, com a mudança da comunidade da várzea para a terra firme, a escola também foi transferida, acompanhando a reorganização espacial e social do povo Ticuna.

Durante esse período inicial, as escolas eram geridas pela Marinha do Brasil e seguiam o currículo de instituições não indígenas. Os professores enviados para lecionar eram, em sua maioria, monolíngues em português, oriundos de outras regiões do país, sem qualquer preparo para atuar em contextos culturais distintos. Como consequência, os alunos Ticuna eram obrigados a aprender exclusivamente em português desde os primeiros anos de escolarização. A alfabetização na língua materna não era considerada. Muitos alunos encerravam seus estudos na 4ª série, pois a continuidade escolar exigia deslocamentos até Tabatinga, o que implicava custos, distâncias e barreiras culturais que se tornavam intransponíveis para muitas famílias.

Com a chegada da FUNAI à região, iniciou-se uma mudança significativa. Foram contratados os primeiros monitores bilíngues, que começaram a atuar como professores nas escolas municipais. Esses educadores indígenas, mesmo ainda sem uma formação pedagógica

completa, desempenharam papel crucial na mediação linguística e cultural entre a escola e os alunos. Eles passaram a ensinar em português, traduzindo os conteúdos para a língua Ticuna, embora ainda estivessem submetidos a um currículo genérico e não adaptado às especificidades indígenas.

Esse período pode ser visto como uma transição entre o ensino exógeno e um projeto educacional mais autônomo e situado. Ainda que limitado, ele contribuiu para que os estudantes Ticuna passassem a compreender melhor a língua portuguesa, ainda que com dificuldades na expressão oral e escrita.

A grande virada na educação formal indígena em Umariaçu ocorreu em 2004, quando o Estado do Amazonas passou a atender às reiteradas reivindicações dos movimentos indígenas da região. A partir de então, iniciou-se uma nova fase do ensino na comunidade, agora com políticas específicas voltadas às escolas indígenas. A criação de escolas com currículos próprios, adaptados à cultura Ticuna, representou um avanço histórico. Hoje, a comunidade conta com duas escolas estaduais que atendem do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental e também o Ensino Médio, além de cinco escolas municipais que oferecem desde a Educação Infantil até o 9º ano do Ensino Fundamental. No total, são mais de seis mil estudantes matriculados, e cerca de 90% do corpo docente é formado por professores indígenas da própria etnia Ticuna.

O ensino formal passou a incluir, obrigatoriamente, o ensino da língua Ticuna nas séries iniciais, promovendo a alfabetização bilíngue. Todos os professores são fluentes em Ticuna e Português, o que permite que o processo de ensino-aprendizagem ocorra de forma intercultural, respeitando e valorizando o modo de vida da comunidade.

A importância do ensino formal para a comunidade de Umariaçu vai além da simples escolarização. Ele representa uma ferramenta de fortalecimento identitário, de preservação cultural e de empoderamento político. Por meio da escola, a língua Ticuna, que é o principal símbolo da identidade do povo, é valorizada e preservada. A escola também proporciona o acesso ao conhecimento científico e aos instrumentos da cidadania, permitindo que os jovens indígenas possam participar ativamente da sociedade mais ampla sem renunciar à sua origem.

A valorização da língua portuguesa, por sua vez, não é vista como uma ameaça, mas como uma necessidade estratégica. Os pais compreendem que o domínio do português é fundamental para que seus filhos possam acessar o ensino superior, prestar vestibulares e concursos, e dialogar

com outras instâncias da sociedade nacional. Assim, a convivência entre as duas línguas se dá de forma complementar, e não excludente.

Hoje, todos os alunos da comunidade sabem ler e escrever em Ticuna e em português, resultado de uma política educacional que respeita o bilinguismo e a interculturalidade. A escola, portanto, cumpre seu papel social ao garantir o direito à educação formal com base nos valores e nas tradições do povo Ticuna, preparando as novas gerações para atuarem tanto em seus próprios contextos culturais quanto no mundo mais amplo.

Contudo, o desafio da escola indígena permanece: diante do contato constante com a sociedade envolvente e a hegemonia da língua portuguesa, é fundamental que o ensino formal continue sendo uma força de resistência, garantindo que a língua Ticuna não apenas sobreviva, mas floresça como símbolo de orgulho e identidade de seu povo.

4 - **A SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DE UMARIAÇU**

Desde a chegada dos primeiros habitantes às comunidades de Umariaçu I e II, o contato linguístico entre o português e a língua Ticuna já se fazia presente, especialmente por meio dos exploradores que transitavam pela região. Apesar do contato intenso com a sociedade envolvente e da proximidade com cidades fronteiriças, a situação linguística dessas comunidades permanece singular: quase todos os moradores continuam sendo falantes da língua materna.

Com o crescimento populacional, aumentaram também as demandas sociais que não podiam ser supridas exclusivamente no interior da área indígena, como as relacionadas à saúde, educação e comercialização de produtos. Diante dessas necessidades, os Ticuna passaram a adotar o português como segunda língua e o espanhol como terceira, devido à localização fronteiriça entre Brasil, Colômbia e Peru, o que favorece a circulação de pessoas entre os três países.

Atualmente, a relação dos Ticuna dessas comunidades com a sociedade não indígena é amistosa. No entanto, cresce uma preocupação quanto à vitalidade da língua materna, especialmente pelo enfraquecimento do seu uso em algumas famílias. A instalação de escolas, postos de saúde e igrejas, somada ao contato direto com profissionais não indígenas, intensificou a necessidade de aprender o português. Além disso, a introdução de tecnologias

como a rádio, a televisão e a internet contribui para a inserção do português e de outras línguas estrangeiras, como o inglês, no cotidiano dos Ticuna.

Apesar de todo esse contato com outras línguas, a língua Ticuna não está ameaçada de extinção nas comunidades de Umariaçu. Nem a proximidade com centros urbanos, nem a convivência com falantes de português ou espanhol parece comprometer sua continuidade. Os falantes dessas línguas são minoritários e, muitas vezes, aprendem o Ticuna como segunda língua, como ocorre com não indígenas que se casam na comunidade ou com profissionais como professores, enfermeiros e médicos, além de estrangeiros vindos dos países vizinhos.

Quando os Ticuna se encontram nas cidades de Leticia (Colômbia), Santa Rosa (Peru) e Tabatinga (Brasil), a comunicação entre eles ocorre majoritariamente em Ticuna, demonstrando o valor que dão à sua língua de origem. Entre os Ticuna que fixaram residência nessas cidades, a língua predominante dentro das famílias continua sendo a materna, embora haja alternância de códigos com o português. A preservação da língua entre os filhos depende diretamente da atitude dos pais: quando estes valorizam a língua materna, os filhos a aprendem naturalmente. Por outro lado, quando a língua não é incentivada, os filhos tendem a usar apenas o português, realidade observada em algumas famílias dentro das comunidades indígenas.

Com a presença do português e do espanhol, muitos Ticuna tornaram-se bilíngues ou trilíngues. Algumas palavras do português foram incorporadas à língua Ticuna por meio de adaptações fonológicas, e o uso de empréstimos linguísticos é frequente nas narrativas na língua materna. Apenas os monolíngues Ticuna, geralmente os mais velhos, que tiveram pouco contato com a sociedade dominante, e as crianças muito pequenas, fazem pouco uso de empréstimos.

O uso constante de empréstimos linguísticos entre os jovens reflete uma preocupação das famílias e das escolas em preparar os alunos para serem bem-sucedidos fora da comunidade. Esse fenômeno se intensifica devido ao contato precoce com o português nas escolas, igrejas, comércios, meios de comunicação e, mais recentemente, nas redes sociais.

A língua Ticuna tem se enfraquecido especialmente entre os jovens, que costumam se comunicar em português nas redes sociais. O uso da língua materna nesses espaços é raro, ocorrendo mais comumente quando grupos de jovens desejam que suas mensagens não sejam compreendidas por falantes de outras línguas.

Dominar o português, falar, compreender e escrever bem, tornou-se um dever e uma obrigação para os estudantes e para a escola, dada a necessidade de disputar espaço com os não indígenas. Algumas famílias, preocupadas com a qualidade do ensino da língua portuguesa, optam por

transferir seus filhos de escolas indígenas para escolas não indígenas, com o argumento de que estas preparam melhor seus filhos para enfrentar os desafios do mundo moderno.

Apesar disso, o uso do português nas comunidades Ticuna é visto como uma necessidade prática imposta pelas exigências sociais e políticas atuais, especialmente nas áreas da saúde e da educação. No entanto, essa realidade não representa, necessariamente, uma ameaça à preservação da língua materna, sobretudo entre as famílias tradicionais e conscientes de seus direitos culturais e linguísticos.

4.1 - Castanhal e Comara: o contato linguístico e cultural nas fronteiras de Umariaçu I

Castanhal é o nome de uma das ruas da comunidade indígena Umariaçu I. O nome remete a um tempo em que a região era densamente povoada por grandes castanheiras. Essa área marca o início de Umariaçu I, que faz limite com a comunidade não indígena conhecida como Comara (Comando Aéreo Militar).

Figura 14: Bairro da Comara



Fonte: Google Mapas

Segundo relatos de moradores Ticuna mais antigos, Umariaçu I originalmente começava onde atualmente se localiza a Comara. Com a construção do aeroporto de Tabatinga, as autoridades militares afastaram as moradias dos Ticuna da região, classificando-a como área de risco. Pouco

tempo depois, essa mesma área foi ocupada por migrantes oriundos de outros municípios do Alto Rio Solimões, dando origem ao atual bairro da Comara.

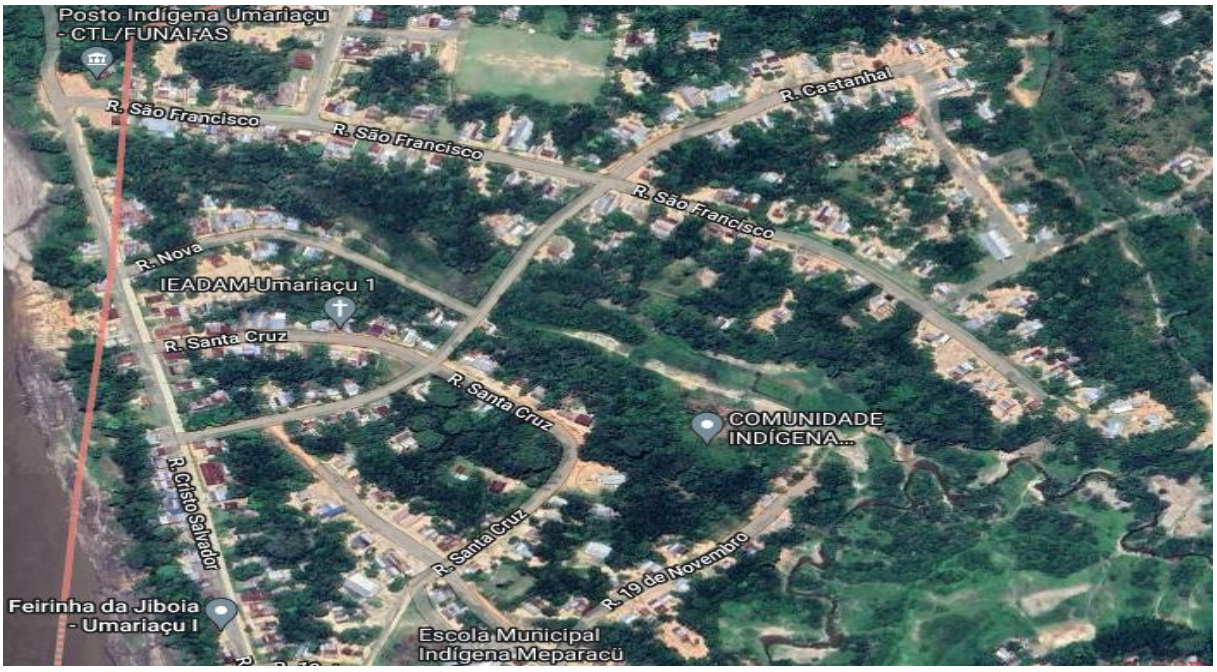
Desde esse período, o contato linguístico entre os primeiros moradores do Castanhal e o português já era intenso. Além disso, casamentos entre indígenas e não indígenas — brasileiros, peruanos e colombianos — tornaram-se comuns, o que promoveu uma forte miscigenação cultural e linguística nesse local.

O intercâmbio entre Castanhal e Comara sempre ocorreu de maneira natural, manifestando-se nas relações comerciais, esportivas, culturais, políticas e educacionais. As duas comunidades mantêm uma convivência contínua e dinâmica.

As famílias com pais não indígenas brasileiros geralmente falam apenas o português. Já as famílias oriundas de migrantes peruanos e colombianos também falam português, mas com traços fonéticos do espanhol. Por outro lado, os filhos de casais indígenas que não se misturaram com não indígenas continuam utilizando a língua materna Ticuna no cotidiano.

No bairro da Comara, há uma escola onde aproximadamente 90% dos alunos são indígenas oriundos de Umariaçu I e II. Apesar disso, a escola segue o currículo da educação não indígena. Muitos pais optam por matricular seus filhos nessa instituição por conta da proximidade com suas residências. Outros justificam a escolha afirmando que o ensino do português é mais eficaz, e que os estudantes apresentam melhor desenvolvimento linguístico em comparação às escolas indígenas, conforme relatos de pais residentes em Umariaçu I e II.

Figura 14: Mapa do Bairro Castanhal – Umariaçu I



Fonte: Google Mapas

No cotidiano dos moradores do bairro — desde crianças até os adultos —, o idioma predominante é o português. No entanto, trata-se de uma variedade marcada por influências do espanhol e da língua Ticuna. A escola que as crianças frequentam é não indígena, e nela o ensino ocorre exclusivamente em português, sem espaço para a cultura ou a língua tradicional do povo Ticuna.

Como consequência, observa-se que, neste bairro, a cultura Ticuna foi praticamente extinta. A presença da cultura dominante, especialmente entre os jovens, é marcante, o que torna a comunidade extremamente vulnerável a diversos problemas sociais enfrentados atualmente. Não há, até o momento, iniciativas, nem por parte da comunidade, nem das autoridades, voltadas ao resgate ou à revitalização da cultura e da língua indígena local.

Essa situação nos provoca grande preocupação, pois um povo indígena sem cultura e sem língua é um povo invisibilizado diante da forte dominação do mundo ocidental. A cultura dominante nunca nos reconhecerá verdadeiramente como indígenas se não houver iniciativas próprias para garantir a preservação de nossa identidade.

5 - QUEM SÃO OS ATORES QUE ALTERNAM OS CÓDIGOS NAS NARRATIVAS TICUNA NA ALDEIA UMARIAÇU?

5.1 O Ticuna brasileiro

O falante Ticuna brasileiro, conforme abordado nesta pesquisa, é aquele indígena que cresceu integralmente no contexto da aldeia, que sai para as cidades de Tabatinga (Brasil) ou Leticia (Colômbia) em busca de suas necessidades, tendo nesse contexto, o contato com as línguas oficiais destas cidades. Outros contatos linguísticos se dão por meio da escola, da televisão, do rádio ou da internet. Esses falantes são, em sua maioria, bilíngues, utilizando o Ticuna como língua materna (L1) e o português como segunda língua (L2). Observa-se, em suas práticas linguísticas cotidianas, a alternância de palavras e expressões em português durante enunciados predominantemente em Ticuna, caracterizando um fenômeno de alternância de código. A seguir, são apresentados trechos transcritos de conversas espontâneas de falantes Ticuna, coletados em interações familiares e em contextos do dia a dia do pesquisador.

1: Tchama rü **Tabatchĩgawá** tchaũ tchorü **conta** tchame'ẽẽ **pagametuüpa**

Tradução: eu vou à Tabatinga ajeitar minha conta no banco antes do pagamento.

2: **Filho**, nuatama rü ã'u' **mamãetagutama**. Eu não vou demora chegar.

Tradução: Filho, fique aqui mesmo com a mamãe. Eu não vou demorar a chegar.

3: **Pois é**! Ngemani ngea tchama nü'ü tchiu'u. **Entendeu!**

Tradução para o português: Pois é! É isso que estou falando. Entendeu!

4: Pa **professoregü**, nhaã torü **planejamento** rü **cada trinta yia** taniĩ.

Tradução: Professores, esse nosso planejamento vai ser cada trinta dias.

5: Pa duugü, **politchica** rü wena ngema nenaũ. Ngiã tana **segura** i wüi **lado polítchicu**, **yireita** urüena **esquerda**.

Tradução: Pessoal, a política vem ai de novo. Vamos assegurar um lado político, direita ou esquerda.

Obs.: As palavras em negritos são as alternâncias de código realizados na falas do Ticuna brasileiro.

5.2 - O Ticuna colombiano ou peruano

O Ticuna colombiano ou peruano, é aquele que se naturalizou brasileiro na aldeia Umariaçu, e tem como base de seu idioma a língua Ticuna, mas, em suas falas cotidianas, alterna palavras em espanhol na língua de base.

1: "Tchorü **cutcha**reemaa tchiata'e **Leticia**gu."

Tradução para o espanhol: Voi a Leticia vender mi sarta de cucha.

Tradução para o português: Vou a Leticia vender minha enfieira de bodó.

Códigos alternados para o espanhol:

cucha: nome do peixe bodó em espanhol

Leticia: cidade de Leticia na Colômbia.

2: "**Mami**, nunangecaa ngema **ĩbudo** rü ngema **pociyu**."

Tradução para o espanhol: "Mamá, tráeme el embudo y el pocillo

Tradução para o português: mamãe, me traz o funil e a xicara.

Códigos alternados para o espanhol:

Mami: mamãe

Embudo: Funil

Pocillo: xicara

3: “Dama **lune**gu rü nata’utá i ***trabajo*** ngerü **festivo** nii.”
Tradução para o espanhol: **"Este lunes no va a haber trabajo, es festivo."**
Tradução para o português: nesta segunda não haverá trabalho porque é feriado.
Códigos alternados:
Lunes: segunda-feira
Trabajo: trabalho
Festivos: feriado

5.3 - As lideranças indígenas

As lideranças indígenas são, em geral, pessoas com maior experiência na resolução das questões que envolvem as comunidades, atuando por meio de articulações com instituições governamentais em níveis municipal, estadual e nacional. Nesse contexto, é papel dessas lideranças utilizar a língua portuguesa nas interações com autoridades externas, sendo o português a língua predominante em todas as tratativas formais. Entre essas lideranças, destacam-se o cacique da aldeia, o professor, o profissional de saúde, o vereador, o pastor, entre outros que compõem a estrutura organizativa da comunidade.
Em reuniões internas com a população ou no cotidiano da aldeia, essas lideranças recorrem à língua materna, o Ticuna, embora frequentemente se observe a alternância de código em suas narrativas. A seguir, apresentamos trechos de falas gravadas durante reuniões de lideranças na comunidade de Umariaçu I.
1: “...ngeru ngema **muwimetu ĩyígena** tama **nafaciu ninasegui**…”
Tradução para o português: ...porque esse movimento indígena não é fácil seguir...
Códigos Alternados:
Muvimetu: movimento
Iyigena: indígena
Nafacil: é fácil
Ninasegui: de seguir

2: “...daa **prefeitu** tüna **opurtunidayi** naãtá ngeguma na**eleitu**gutá…”
Tradução para o português: ...esse prefeito vai nos dar oportunidade quando for eleito...
Neste dado apresentamos um empréstimo do português na palavra”, onde estas as palavras são adaptadas com os afixos Ticuna.

Daa **prefeitu**: esse prefeito
Oputunidayi: oportunidade
na**eleitu**guta: quando for eleito

5.4 Os jovens da atualidade

A juventude atual cresceu em um mundo fortemente marcado pela presença da tecnologia. A linguagem dos sistemas de informação e das tecnologias contemporâneas introduz, na base linguística dos jovens, vocábulos do português e estrangeirismos oriundos do meio digital. Como resultado, a alternância de código ocorre com frequência nas interações cotidianas, seja em conversas entre amigos, no ambiente familiar ou em grupos de WhatsApp. A seguir, apresentamos trechos de conversas entre jovens, registrados em caderno de campo.

1: "na**lentu**utchi daa tchorü **celulá**."
Tradução para o português: está muito lento esse meu celular.
Códigos alternados:
Na**lentu**utchi: está muito lento
Celulá: celular

2: "cu'rü **internetchi** naguaru **recarga**ã"
Tradução para o português: a sua internet acabou a recarga..
Códigos alternados:
Internetchi: internet
Recargaã: recarga do celular

3: "paa yicama tchorü **imeiuwá** namu ngema **eyitau concursuarü**."
Tradução para o português: depois você manda pro meu e-mail esse edital do concurso.
Códigos alternados:
Imeuwá: no e-mail
Eyital concursuarü: edital do concurso

5.5 Os alunos indígenas que estudam em escolas não-indígenas

Os alunos indígenas que estudam em escolas não-indígenas convivem diariamente com a língua portuguesa. Ao retornarem para o ambiente familiar, onde predominam as interações

em língua Ticuna, esses alunos tendem a alternar palavras em português dentro da estrutura da língua materna. As palavras em português, em geral, são pronunciadas de forma bastante próxima à sua forma escrita, conforme as normas da língua portuguesa. A seguir, apresentamos a fala de uma aluna indígena, matriculada em uma escola não indígena, durante uma conversa com seu pai.

1: "**papai**, tchorü **diretor** nü'ü iu'gu rü mo'ü nangema i **reunião** tcho'rü **salawá**"
Tradução para o português: Papai, o meu diretor falou que amanhã tem reunião na minha sala.
Códigos alternados: papai; diretor; salawá: na minha sala.

2: "**Papai**, **colaboração** nangemani **dia das criançaca'**."
Tradução para o português: Papai, tem colaboração para o dia das crianças.
Códigos alternados: papai; colaboração; dia das criançaca': para o dia das crianças.

3: "Tchorü **caderno de português** rü marü naguatüni!"
Tradução para o português: acabaram as páginas do meu caderno de português.
Códigos alternados: caderno de português

5.6 Os feirantes

Nas comunidades de Umariaçu, há feirantes que atuam no comércio local, vendendo seus produtos tanto para os indígenas da própria aldeia quanto para visitantes oriundos da cidade. Nessa dinâmica, ao oferecerem seus produtos, os feirantes precisam se comunicar em duas línguas: a língua materna (Ticuna) e o português, a fim de atender às duas clientelas distintas. Em casos mais raros, utiliza-se também o espanhol, considerando a presença de alguns clientes provenientes do Peru ou da Colômbia. A seguir, apresentamos trechos transcritos de interações cotidianas de feirantes durante suas atividades comerciais.

1: "**patrão, *vente reales*tama** wüire i pacú**."**
Tradução: Patrão, só vinte reais uma enfieira de pacú.
Códigos alternados:
Patrão;
vente realestama: só vinte reais (*alternado para o espanhol*)

2: "**patrão**, **leva logo**. Naitanüni!"

Tradução: Patrão, leva logo. Tá barato!

Códigos alternados:

Patrão, leva logo.

3: "nhaa torü **venda** rü **ĩportãtchi** daa torü **comunidayiaü**, ngerü renda nunange taca**."**

Tradução: Esta venda é importante para a comunidade, porque traz renda para nós.

Códigos alternados:

Venda;

Ĩportãtchi: importante

Comunidayiaü: para a comunidade

4: "tama name **naaumetaütchiĩ** i norü **preço**, ngerü **clientegü** rü **nanareclamagü**."

Tradução: não é bom aumentar o preço de mais, porque os clientes reclamam.

Códigos alternados:

Naaumetaütchiĩ: aumentaram de mais

Preço:

Clientegü: os clientes

Nanareclamagü: estão reclamando

5: promoção patrão, nhumarecatama**."**

Tradução: promoção patrão, só hoje.

Códigos alternados: **promoção patrão**

6. "**Patron, promocion de pescau, solo vente reales**! Ta'ucaa **napierdeü** pa ya i nhaã **pescau** arü **precio**."

Tradução: Patrão, promoção de peixe, só vinte reais! Não perca rapaz, esse preço do peixe.

Códigos alternados:

Patron, promocion de pescau, solo vente reales.

Napierdeü: perder

Pescau: peixe

Precio: preço

6 - REVISÃO DA LITERATURA

Para embasar nossa pesquisa, realizamos um levantamento bibliográfico, onde selecionamos vários autores que defendem a tese de nosso tema. Não tivemos acesso à livros de bibliotecas, pela dificuldade da localização geográfica da pesquisa. No entanto, recorremos a textos em PDF que fazem parte de material de estudo do autor durante o período de curso do mestrado. Outros materiais foram extraídos de dissertações e artigos científicos disponíveis na internet. Todos esses matérias deram um norte para conduzir a nossa investigação, pois é uma problemática muito comum, pois passa despercebido ao longo dos anos. E é a primeira vez que alguém investiga sobre a alternância de código dentro da cultura Ticuna.

Os tópicos a seguir dentro da revisão bibliográfica, mostra a ideia da sequência de fatores que possibilitam o enfraquecimento da língua e da cultura Ticuna da comunidade indígena Umariaçu no atual contexto onde ela está inserido.

6.1 - O **contato das línguas portuguesa e Ticuna na região do Alto Rio Solimões**

Na região do Alto Rio Solimões, onde estão concentrados o maior número da população Ticuna, o contato linguístico com o português se deu a partir do dinamismo da exploração dos invasores europeus. Conforme Freire (2004), o português adentrou na região amazônica já no século XVII, trazida por missionários, soldados e funcionários da Coroa Portuguesa. E aproximadamente nos anos de 1697, Hüttner (2007) afirma que os Carmelitas vieram com uma missão para o Alto Solimões, com o objetivo fazer um trabalho comandado pela coroa portuguesa de ensinar aos indígenas desta região a música, a catequese e principalmente a língua portuguesa.

Pela distância geográfica relatadas pelos colonizadores em comparação às demais regiões do país, pelas fracassadas missões de domesticação dos indígenas da região pela resistência destes povos em aceitar as imposições trazidas por eles, e principalmente pela crise da coroa portuguesa, a língua portuguesa foi introduzida no Amazonas de forma muito lenta segundo Freire (1983). A introdução da língua portuguesa não aconteceu de forma pacífica, mas sim de forma violenta, através de grande conflitos entre invasores e indígenas que resistiam e fugiam destes ataques. Uma das estratégias dos invasores para que o português fosse falado pelos indígenas era a proibição de suas línguas e a imposição da língua geral.

Somente a partir da metade do século XIX, segundo Freire (2004), o português passou a predominar na região amazônica. Muitos povos tradicionais desapareceram, em virtude da severa imposição, e nesse processo de segregação, surgiam novos indígenas falantes da língua portuguesa e assim várias línguas foram substituídas pelo português. E no caso da Língua Ticuna, continuou sendo falada intensamente em toda região do Alto Solimões, em virtude de muita resistência e luta de seus povos.

6.2 - **O Contato linguístico do português com a língua Ticuna na aldeia Umariaçu**

É sabido que o contato linguístico nas populações indígenas ocorreu desde os primeiros contato com os invasores vindo de outros continentes em busca de riqueza aqui no Brasil no ano de 1500. Eles obrigaram a falar a sua língua para puderem dominá-los, como também foram obrigados a aprender a língua mais falada na região, o Tupi Guarani, que foi introduzida como a língua geral.

Na visão de alguns autores, devem ser considerados como causadores do contato linguístico, toda as condições históricas, politica, culturais e sociais que desencadeiam determinadas práticas como por exemplo, as práticas comerciais, exogamias, movimentos migratórias e invasões territoriais.

Para Carneiro (2014) baseado nos estudos de Thomason e Kaufmann (1988), deve-se levar em conta a relação histórica da população em situação de contato linguístico para compreendermos a mudança linguística desse povo, porque uma língua depende de outra língua, que pode ser estudada a história de contato na qual de onde ela veio e onde está inserida atualmente. Ele destaca ainda que, segundo Thomason e Kaufmann (1988) que deve- se:

"Começar um estudo sobre contato linguístico observando-se a diferença no que diz respeito a empréstimos – incorporação de elementos estrangeiros em uma língua nativa de um grupo de falantes, a qual é passível de passar por transformação pelo acréscimo de traços incorporados e interferência linguística. Assim, entende-se que a situação de contato linguístico cria possibilidades de alteração tanto na língua tida como dominante como na dominada, caracterizando uma heterogeneidade linguística a partir de uma influência mútua entre os diferentes indivíduos falantes, o que, consequentemente, pode levar a uma perda linguística para alguns indivíduos falantes de uma determinada língua, principalmente os mais jovens, bem como pode causar, também, alterações, em parte, na identidade destes indivíduos. Para os autores, a interferência linguística se inicia com a fonética e a sintaxe, podendo abranger, em alguns casos, a morfologia."

Na região do Alto Rio Solimões, o contato linguístico ocorreu pela catequese em português realizada pelos missionários, pela vinda de imigrantes nordestinos falantes monolíngues de português para trabalharem na extração do látex, onde escravizaram e dominaram os Ticuna da região. Na aldeia de Umariaçu, a situação não foi diferente, o contato linguístico com o com o português se deu também com os ditos patrões, os regatões e mais tarde com a população de Tabatinga. Umariaçu foi umas das primeiras aldeias que foi povoada em virtude de vários fatores, como por exemplo, a seita religiosa da Santa Cruz, tendo como o seu pastor missionário não-indígena falante do português, o irmão José, vindo do estado de Minas Gerais-MG, que se instalou nesta aldeia juntando vários seguidores não-indígenas e famílias Ticuna vindas de outras aldeias da região aderindo esta religião.

Outro fator que trouxe outras pessoas para morarem no Umariaçu foi a sua localização perto da cidade. Em virtude disto, o contato como o português em Umariaçu aconteceu mais cedo do que as outras aldeias já existentes rio abaixo nesta região. O contato linguístico acontece quando outra língua de fora entra em contato com uma língua vernácula, como por exemplo, a língua materna dos Ticuna que teve o contato com o português, a língua majoritária do país.

Essa interação de línguas do indígena Ticuna com o português dos exploradores, e logo mais tarde com o português da cidade de Tabatinga fez com que houvesse uma aquisição da segunda língua falada na aldeia, que gerou uma variedade do português hoje falado em Umariaçu. Atualmente, todos os moradores de Umariaçu a partir dos 12 anos de idade são bilíngues na língua Ticuna e na língua portuguesa. Nas escolas indígenas, pela obrigatoriedade da língua portuguesa no currículo escolar, o contato com a língua nacional começa já na alfabetização, onde os alunos são alfabetizados de forma bilíngue, Ticuna e português.

Conforme Weinreich (1953), o contato entre línguas ocorre quando estas são usadas de maneira alternada em uma situação comunicativa entre falantes de uma comunidade. Esses falantes são concebidos pelo autor como peças fundamentais no que diz respeito ao próprio processo de contato. Dessa forma, conforme o autor, surge o bilinguismo, visto como a prática de usar alternadamente duas línguas, e a pessoa envolvida nessa prática é chamada de bilíngue.

6.3 - Consequências do contato linguístico

São várias as consequências causadas pelo contato linguístico. Uma das consequências mais graves, além da perda da cultura, foi o desaparecimento de muitas línguas nativas do Brasil,

que hoje, os povos que sobreviveram a dizimação dos exploradores são monolíngues em português, outros buscam resgatar a língua materna de seu povo. No caso do povo Ticuna, o contato linguístico não foi muito drástico, mas mesmo assim, houve uma mudança no seu linguajar por conta do choque cultural.

Não podemos esquecer que a língua indígena é motivo de preconceito e discriminação pela população não-indígena quando falado em ambiente fora de seu contexto. Os Ticuna costumam falar na sua língua materna ou quando falam na variedade do português falado por eles em frente de alguns não-indígena, e por isso, são motivo de bulling. Isto causa o enfraquecimento desta língua pelos falantes, porque o Ticuna se sente envergonhado ao falar em público em Ticuna ou em português com medo de errar ou ser xingado. Estas situação acontecem muito com os alunos indígenas que estudam nas escolas não-indígenas dentro do município e nas universidades com os alunos de graduação. Muitas vezes o aluno tem que trancar o seu curso por motivo de ter dificuldade de falar ou escrever o português corretamente.

No entanto, por mais que o indígena Ticuna desenvolva bem o português, sempre falará a variedade do português adquirido por ele, e quando ele for usar a sua língua materna ao dialogar em ambiente interno com seus parentes, ele irá alternar para a língua portuguesa, porque ele domina as duas línguas, português e a língua Ticuna.

6.4 - Empréstimo Linguístico

Toda língua que tem um contato com outra língua, a mesma sofre uma mudança a sua existência. A língua e cultura não são estáticas, elas mudam conforme o contato com outras culturas. Numa língua sempre haverá traços de uma outra língua numa língua base, aquela que sofreu um contato linguístico com uma dominante ou de maior prestigio. Nestes contextos, surgem os empréstimos linguísticos, isto é, quando usamos palavras de uma língua em outras línguas, ou seja, quando incorporamos o léxico de outra determinada língua numa língua materna. São as influências recebidas de outras línguas numa língua nativa. Com o contato linguístico da sociedade dominante, a língua Ticuna sofreu alteração no seu vocabulário a partir da interação dos sujeitos nos diferentes contextos daquela época. Muitas palavras do português fizeram parte no vocabulário dos Ticuna até os dias de hoje, pois foram incorporados na língua base.

Podemos dizer, portanto, que os empréstimos linguísticos acontecem a partir dos contatos entre as culturas diferentes na interação de seus falantes, sendo aplicadas palavras e expressões de uma língua em outra. Seja para nomear coisas, situações, processos ou

comportamentos que, no geral, não possuem uma palavra em nossa língua como referência. Felipe (1978 p. 418), destaca Sapir (1969) que,

"as línguas do mundo podem, em princípio, sofrer influências do ambiente quanto ao seu "assunto ou conteúdo", ou seja, seu léxico. No léxico de uma língua, em função de sua maleabilidade histórica e social, estão alocadas todas as ideias, crenças e formas de conhecimento de um povo. É pelo léxico e, consequentemente, pela semântica das palavras que o subjaz, que somos capazes de entender a riqueza material da comunidade que o utiliza, bem como o nível de importância que esta comunidade dá às coisas e seres que nomeia."

A língua apresenta toda característica de seu povo na qual onde ela predomina. Sapir (1969) menciona que o léxico da língua é que demonstra o contexto físico e social dos sujeitos falantes de uma determinada língua. O léxico completo de uma língua, pode se inferir em suma, como o demonstrativo cultural e social de uma sociedade.

Portanto, os empréstimos linguístico, são palavras provenientes de outras língua que são incorporadas quando os falantes de uma língua base estiverem dialogando um determinado assunto que tenham elementos culturais desta língua de empréstimo. Felipe (2020) destaca que,

"Haugen (1950), ao tratar da questão dos empréstimos, os conceitua como a tentativa de reprodução, numa determinada língua, de padrões pertencentes à outra língua. Esta tentativa, que não é, segundo o autor, uma simples imitação, consiste na tentativa de reprodução natural da palavra original. Assim, ao ser transferido da língua fonte para a língua receptora, durante o processo de empréstimo, tal item lexical sofre um processo de reanálise, uma adequação ao padrão silábico ou uma adaptação fonológica e gramatical. Dessa forma, na tentativa de reproduzi-lo, o falante pode substituir um traço fonológico por um padrão similar em sua língua, em virtude da comparação que faz entre os dois sistemas linguísticos."

6.5 - Adaptação de palavras das línguas de contato na língua base

Quando uma língua materna entra em contato com uma língua dominante ou de maior prestígio, como ocorre com a língua Ticuna em relação ao português, na visão de alguns personagens da comunidade, por ser uma língua majoritária do pais, e através dela acessar vários benefícios da sociedade dominante, é comum que os falantes passem a incorporar vocábulos da língua dominante em seu idioma nativo. No caso dos Ticuna, o contato direto com a língua dos exploradores levou à introdução de palavras do português na língua de base.

Dessa forma, nas interações cotidianas em Ticuna, especialmente ao tratarem de temas relacionados à sociedade envolvente, os falantes utilizam termos do português integrados à sua língua. Esse fenômeno não apenas reflete a influência da cultura dominante, mas também evidencia a identidade dos Ticuna como membros de uma etnia indígena que está inserida no contexto sociocultural da nação brasileira. Segundo Trask (2004, p. 164),

"A relação entre língua e identidade se dá através do "papel que tem a língua no sentido de conferir ao indivíduo uma identidade e de incluí-lo num grupo". O autor relaciona as marcas linguísticas de identidade com o fato de que "toda vez que alguém fala, dá às outras pessoas informações importantes sobre o tipo de pessoa que é, sua procedência, a classe social à qual pertence, e até mesmo seu sexo e sua idade".

Dessa forma, a identidade linguística está relacionada à individualidade de cada pessoa, manifestando-se por meio de comportamentos linguísticos específicos nos contextos étnico, nacional e social em que o indivíduo está inserido. Pode-se afirmar que a identificação de um falante com os membros de sua comunidade linguística constitui a base de sua identidade.

Nesse sentido, Orlandi (1990) aponta que, sob a perspectiva da Análise do Discurso, a identidade do sujeito é construída por meio de sua relação com o grupo ao qual pertence. Isso implica que o falante pode, ao longo do tempo, deixar de utilizar certos elementos linguísticos ou incorporar novos significados à sua língua de base.

Avançando nessa abordagem, do ponto de vista fonológico, essa identificação também se manifesta na pronúncia, que pode se tornar mais ou menos semelhante à dos demais membros de sua comunidade linguística.

Quanto os Ticuna conversam entre si assuntos somente de sua cultura, não é necessário o emprego de palavras de outra língua(português), porque a língua Ticuna é completa para desenvolver bem o assunto em discussão. Porém, quando eles tratam assuntos referentes à sociedade dominante, nesse caso, a língua Ticuna se tornará incompleta, pois muitas palavras oriunda da cultura dominante não possuem tradução na língua materna.

Desse modo, é inevitável a inclusão de palavras da língua de contato, ou seja, a utilização da adaptação fonológica. Para Castro (2001,p. 2) a "língua humana muda de forma inevitável e [...] essa mudança não busca nenhum fim inexorável e bom", em outras palavras, a língua está

em constante transformação, empregando palavras novas ao seu léxico, e extinguindo as que se tornam obsoletas.

Uma comunidade como Umariaçu e demais comunidade indígenas do Brasil, que fica encostada no centro da cidade, e a cada tempo que se passa, a população vem aumentando, e as necessidades em todos os sentidos vem surgindo. E nessa dinâmica da busca de seus direitos sociais e políticos, surgem novos autores indígenas bilíngues como caciques, professores, representantes da saúde e da educação e outros líderes que compõem a comunidade, que buscam esta política social junto às instituições governamentais. Nesta luta, a discussão com as instituições governamentais, as tratativas, os documentos oficiais são feitas em português, e quando dão retorno para a comunidade, este dialogo é realizado na língua materna, porém, misturada com o português brasileiro.

Partindo do pressuposto da figura do professor Ticuna, eu me incluo como parte do objeto da pesquisa. Sou professor indígena da etnia Ticuna, tenho como a língua materna a língua Ticuna, o português e o espanhol como a língua de contato. Sou fluente na língua português e o espanhol apenas entendo. Desde quando passei a frequentar uma escola, a língua portuguesa já fez parte do meu cotidiano. Hoje me considero bilíngue, tendo como base de minhas conversas dentro da família e na comunidade a Língua Ticuna. O português é a minha segunda língua, pois todas as instituições governamentais que ficam fora da minha comunidade atendem na língua nacional brasileira. Neste contexto, sou obrigado a falar o português brasileiro fora da minha comunidade. Atualmente, estou trabalhando no DSEI/ARS, onde trabalho com médicos e enfermeiros que falam na língua portuguesa, sendo que eu, falo uma variedade do português. E com os indígenas Ticuna que procuram o nosso apoio, falamos na língua materna, porém, adaptamos muitas palavras do português na nossa fala para melhor desenvolver o nosso assunto que envolve questões das demandas da saúde indígena que é impossível tratar somente na língua Ticuna. No entanto, parte do meu vocabulário está preenchido com as palavras do português, porque no contexto do meu trabalho tanto na escola como no DSEI/ARS, utilizamos palavras do português que não possuem tradução na nossa língua materna.

Nesse contexto linguístico, a língua Ticuna é uma língua sobrevivente que é capaz de absorver toda essa carga externas de palavras sem afetar o entendimento da conversa entre os falantes, porque todos eles entendem e falam uma variedade do português, em virtude da presença do português desde o início na vida das pessoas.

Existem muitos Ticuna que adaptam palavras por preferência na sua base de fala, porque ele convive diariamente com estas palavras, e assim deixam de utilizar as palavras que possuem

traduções na língua materna. A seguir apresentamos algumas conversas captadas no dia-a-dia dos falantes, onde o falante dá preferência às palavras do português adaptando-as na sua língua de base numa conversa entre vários indígenas Ticuna.

a) Pa amigugü, ngia tana**resouvi** wuicana ngema **assunto**.

Poderia ser falada assim:

Pa tchamacügü, ngia tana **we'ãtchiee** wüicana ngema **natchiga**.

Resolvi=we'atchiee

Assunto=natchiga

b) Pa **irmãos**gü, ngema **reunião** rü **quarta-feiraguta** ni tchana**realizaü.**

Poderia ser falado assim:

Pa **tchauenegü**, gnema **ngutaquee** rü **yü'üarü tamaepügu** tani tchana**ü'ü**.

Irmãos = tchauenegü

Reunião = ngutaquee

Quarta-feira = yüü arü tamaepü

Realiza = ü

Na cultura Ticuna de Umariaçu, desde os primeiros contatos com o mundo exterior, muitas palavras da língua portuguesa foram incorporadas à língua Ticuna por meio de processos de adaptação. Isso ocorreu porque a cultura Ticuna passou por transformações significativas, especialmente com a introdução de objetos e costumes que anteriormente não faziam parte de seu cotidiano e que, com o tempo, tornaram-se parte de sua realidade social.

Essas palavras, em sua maioria, não possuem tradução direta na língua Ticuna, uma vez que os objetos ou conceitos que representam não existiam na cultura tradicional. Os primeiros vocábulos de origem portuguesa introduzidos na sociedade Ticuna referem-se, principalmente, a produtos industrializados trazidos pelos exploradores nos primeiros contatos. Esses elementos modificaram profundamente aspectos da cultura local.

Tais palavras foram "ticunizadas", ou seja, passaram por um processo de adaptação fonológica à estrutura da língua Ticuna. Por essa razão, apresentam muitas semelhanças com as palavras originais em português, com a adição de fonemas específicos para se ajustarem à fonologia nativa.

Segundo Alberto (2021), os empréstimos lexicais provenientes do português brasileiro geralmente sofrem alterações em sua forma escrita, incorporando novos segmentos vocálicos para se adequarem ao ritmo e à estrutura fonológica da língua Ticuna.

"Portanto, a sílaba da palavra que entra por empréstimo no Ticuna é adaptada à sua gramática... Ou seja, a sílaba malformada em Tikuna é alterada para se tornar bem formada nesta língua. Para isso, uma vogal é adicionada. Esta vogal é mais frequentemente uma vogal posterior, mas há outras vogais que podem ser inseridas, como na palavra /prato/, que se tornasse [p[ɔ]ɾatu] ou [p[a]ɾatu]... necessariamente tendem a passar por uma fase de ressilabificação, o que significa dizer que na língua tikuna, enquanto a recepção de novos segmentos é permitida, a forma de origem também será restringida pela língua para que dessa forma a gramática dela seja respeitada. "

Apresentamos nos quadro a seguir, algumas palavras emprestadas do português brasileiro que já sofreram adaptação fonológica na língua base do Ticuna na forma falada em Umariaçu. E por considerar que a língua Ticuna é uma língua tonal, mostraremos também a altura tonal destas palavras numa escala de notas maiores de DO a SI nas teclas de um piano, sendo DO=1, RE=2, MI=3, FA=4, SOL=5, LA=6 e SI=7.

a) As palavras que possuírem as consoantes **(s, ch**,) seja no início, no meio ou no final das silabas passarão a ser **/tch/ = [ʧ]**. Se a mesma palavra terminar em **r** formarão novas silabas com as vogais **a** ou **u**. E quando as palavras terminarem em **o** serão pronunciadas com **u**.

Quadro 19: adaptação fonológica **/s/ para [ʧ]**

Português	Tikuna	Fonética	Altura tonal
A**ç**ú**c**a**r**	a**tch**u-ca-r**a**	**[a**ʧ**u**ka**ɾa]**	4.5.2.2
Cimen**to**	**tch**i-me-t**u**	**[**ʧ**imetu]**	4.5.2
Sapato	**tcha**-pa-tu	**[**ʧ**apatu]**	4.4.1
Me**sa**	Me-**tcha**	**[metʃa]**	5.2
Ar**r**o**z**	a-r**u-tchu**	**[a**ɾ**u**ʧ**u]**	5.4.2

b) As palavras que possuírem os encontros consonantais consoantes **pr, tr e dr** nas silabas, a primeira consoante receberá uma vogal formando uma silaba.

Quadro 20 - adaptação morfológica: inclusão da vogal nas silabas mal formadas

Português	Ticuna	Fonética	Altura tonal
Pra-to	**Po-r**a-to	[p ɔ ɾ a t u]	5.5.2
Me**tr**o	me-t**u**-ru	[m e t u ɾ u]	5.2.2
Pe**dr**o	Pe-d**u**-ru	[p ɛ d u ɾ u]	5.2.2

c) As palavras que tiverem as consoantes **l** nas silabas, serão substituídas por **r**. e os **ch** serão transformadas em **tch.**

Quadro 21 - adaptação morfologica /l/ para /ɾ/ e / ʃ / para [ts]

Português	Ticuna	Fonética	Altura tonal
pane**l**a	pa-ne-**r**a	[panera]	4.5.2
Chine**l**o	tchi-ne-**r**u	[**ʧ**ineru]	4.5.2

d) As palavras que possuírem **r** após vogal na primeira silaba e final das silabas terminadas em **r**, serão acrescidos uma vogal, formando uma nova silaba. E os **o**, serão transformados em **u.**

Quadro 22 - adaptação morfologica inclusão de vogal nas silabas mal formadas

Português	Ticuna	Fonética	Altura tonal
A**r**-tu**r**	A-r**a**-tu-r**u**	[araturu]	4.4.2.5
Mo-to**r**	mu-tu-r**u**	[muturu]	4.2.5
Dou-to**r**	du-tu-r**u**	[dutuɾu]	4.5.2

6.6 - A alternância de código

A alternância de código (*code-switching* – CS) é um fenômeno recorrente em comunidades bilíngues e multilíngues, caracterizado pela troca entre duas línguas no mesmo enunciado ou diálogo. Em grupos como a comunidade Ticuna, esse processo ocorre com frequência, muitas vezes de maneira inconsciente, refletindo tanto a dinâmica sociolinguística quanto aspectos culturais e identitários do grupo. Essa alternância pode ocorrer em diferentes níveis gramaticais

da palavra, da frase ou da oração, e pode ter diferentes motivações e implicações linguísticas e sociais.

Cook (1991) estima que, em situações de conversa espontânea, a alternância ocorre em cerca de 84% dos casos em nível de palavra, 10% em nível de frase e 6% em nível de oração. Por exemplo, um falante Ticuna pode dizer: *"Eu vou para a escola, tchaica"* (sendo *tchaica* a palavra Ticuna para "sozinho"), demonstrando um CS intrasentencial em nível de palavra. Já em outro contexto, pode-se observar um CS intersentencial, como em: *"Eu terminei minha tarefa. ¡Ahora puedo descansar!"*, onde há a mudança entre sentenças em português e espanhol.

Segundo Grosjean (1982), o bilíngue é aquele que interage com o mundo por meio de múltiplas línguas, utilizando-as com funcionalidade e flexibilidade em diferentes contextos. Essa habilidade de alternar códigos linguísticos é, muitas vezes, uma escolha estratégica, carregando intencionalidades comunicativas, afetivas ou identitárias.

Dabène e Moore (1995 apud MOZZILLO, 2009) propõem uma classificação ampla para o *code-switching*, segmentando-o em três categorias principais: intrasentencial, intersentencial e entre enunciados. O CS **intrasentencial** pode ser unitário, como no exemplo anterior (*"Eu vou para a escola, tchaica"*), ou segmental, como em *"Ela me disse que mañana vamos al mercado"*, onde partes inteiras de cada língua se alternam. Esse tipo pode ou não apresentar adaptação à língua de base. O CS **intersentencial** ocorre entre sentenças diferentes, como em: *"Terminei a lição. Now I can rest."* Já o CS **entre enunciados** acontece após um longo trecho em uma língua antes de retornar à outra, como numa conversa em português que, após vários minutos, retoma o espanhol: *"Bueno, como decía antes..."*

Cada tipo de alternância apresenta motivações distintas: pode servir para reforçar um argumento (persuasão), causar humor (efeito cômico), provocar, mudar o assunto, ou ainda afirmar identidade e pertencimento ao grupo. A presença de interlocutores falantes de outras línguas ou a mudança do ambiente também influenciam a decisão de alternar códigos, como apontam Fisher (1972 apud MOZZILLO, 2009) e Myers-Scotton (1992).

Contudo, quando essa alternância não respeita as estruturas gramaticais das línguas envolvidas, ela pode ser classificada como interferência linguística. De acordo com Berthold, Mangubhai e Batorowicz (1997), isso acontece quando as regras de uma língua são indevidamente aplicadas à outra, o que pode comprometer a clareza da comunicação.

No campo educacional, Cook (1989) vê o *code-switching* sob outra ótica: como uma ferramenta didática. Em aulas de línguas estrangeiras, a alternância pode ser orientada de modo planejado, promovendo uma dinâmica onde professor e aluno trocam de papéis e de códigos. Isso contribui

para um ambiente mais interativo, favorecendo a aprendizagem comunicativa e contextualizada.

Uma distinção relevante dentro dessa temática é a que separa o *code-switching* do empréstimo linguístico. Frizzo e Krug (2021, p. 237), apoiando-se em Treffers-Daller (2005), esclarecem que o empréstimo corresponde à adaptação permanente de termos estrangeiros à língua de base. Como exemplo, temos palavras como *"mouse"* e *"internet"*, que se tornaram parte do português. Grosjean (1982) também enfatiza que o empréstimo está mais relacionado à incorporação lexical, enquanto o *code-switching* se caracteriza como uma escolha funcional do falante. Hamers e Blanc (2000, p. 270) reforçam essa ideia ao afirmarem que o empréstimo não é uma estratégia ativa, ao contrário do CS, que é uma prática consciente e situacional.

Conclui-se, portanto, que a alternância de código é um fenômeno linguístico complexo e multifacetado, com implicações profundas para o entendimento do bilinguismo e da identidade linguística de comunidades em contato de línguas. Quando usada estrategicamente, a alternância enriquece a comunicação e expressa nuances culturais; quando mal estruturada, pode gerar interferências. Assim, reconhecer suas formas, motivações e limites é essencial tanto para linguistas quanto para educadores e falantes bilíngues.

6.7 - Morte Linguística

Com a invasão dos europeus em busca de riqueza aqui na nossa região, muitas povos foram dizimados juntamente com suas línguas. E com elas, deixaram de existir suas culturas e suas sabedorias dos ancestrais. Uma enorme perca que nunca mais pude ser revertido ao longo de nossa existência. Kersch (2011) apud Terborg (2011) afirma que,

"No documento *Vitalidad y peligro de desaparición de las lenguas*, a UNESCO (2003) deixa claro que a diversidade linguística integra o patrimônio da humanidade, já que cada língua traz embutida a sabedoria cultural de um povo. Logo, o desaparecimento de uma língua implica uma perda irrecuperável para a humanidade."

A meu ver, a morte linguística acontece quando uma língua nativa desaparece, quando nenhum integrante daquele grupo utiliza para se comunicar com os demais. São casos das línguas indígenas que desapareceram com a chegada dos exploradores. Uma língua fica extinta quando é substituída por outra língua, e os falantes desta língua nativa morrem sem ser ensinadas para outras gerações.

“A compreensão da metáfora da morte de uma língua pode ser concebida por meio de diferentes perspectivas. Heller-Roazen (2010) considera que uma língua, após ter feito seu percurso de vida, alcança um limite no qual ela deixa de ser ela própria, fazendo referência ao processo vivido pelos seres orgânicos. Esse limite tem sido nomeado como morte. O pesquisador defende que, frequentemente, o fim de uma língua não se dá de forma repentina, mas gradualmente e por vezes imperceptivelmente. Sendo assim, as línguas não morrem, mas transformam-se em outras. “Aquilo que alguns caracterizam como um momento de morte, em muitos casos, não é acontecimento algum, mas um limiar pelo qual cada idioma deve passar em sua inevitável ‘transição de um sistema linguístico a outro” (Heller-Roazen, 2010, p. 60).”

Um dos fatores determinantes para que as línguas sejam extintas são os contatos linguísticos entre duas línguas: uma de maior e a outra de menor prestigio. No caso aqui no Brasil, muitas línguas nativas desapareceram pela imposição da língua portuguesa na busca de controle e poder sobre as populações nativas. Muitas línguas nativas foram extintas de vez, mas por outro lado, muitas delas estão sendo resgatadas pelos pesquisadores, linguistas ou pelos próprios integrantes da etnia.

No caso da língua Ticuna, desde dos primeiros contatos, ela sempre resistiu. Segundo os historiadores, os Ticuna que viviam nessa região se refugiavam nos altos dos igarapés e nas matas fechadas para fugir dos invasores. Outros subiram o rio e se instalaram no Peru e na Colômbia.

Hoje, em todas as aldeias Ticuna, os moradores são falantes da língua Ticuna, até mesmo aqueles que se instalaram nas cidades em busca de melhoria continuam falando na sua língua. Por outro lado, todos falam ou entendem a língua portuguesa. E em todas as aldeias Ticuna, o ensino da língua materna faz parte do currículo especifico, por isso, a alfabetização é feita primeiramente na língua materna.

Com a presença da língua portuguesa e espanhola na escola e nos outros contextos, a língua Ticuna está se modificando na sua forma de falar e escrever, principalmente pelos jovens da atualidade. O uso da alternância de códigos usadas em situações desnecessárias, outros lendo e escrevendo e lendo a língua Ticuna de forma errada.

Portanto, surge esta preocupação sobre esta questão. Por mais que a língua Ticuna seja falada pela totalidade de sua população, ela vem sendo modificada aos poucos. É necessário que haja mais políticas públicas voltada para a preservação da língua Ticuna, para que no futuro, os nossos descendentes não percam a sua língua materna.

7– METODOLOGIA

3.1 Forma da coleta de dados

A coleta de dados desta pesquisa, a princípio se deu a partir do momento que se fez necessário coletar o material para extrair informações necessárias para esta pesquisa. Para obter os dados, utilizamos as técnicas da entrevista e gravação de áudio dos participantes, gravação de áudios de reuniões de professores de Umariaçu, áudios da conferência do movimento indígena realizado na aldeia indígena Betânia Mecürane no município de Santo Antônio do Iça – AM sobre saúde indígena, áudio de conversa da minha família. Consistiu também na observação e anotação de determinados trechos de conversas ou debates de pessoas em diferentes ambientes e áudios de grupos de Whatsaap, onde os integrantes se interagem para discutir diversos assuntos que acontecem nas comunidades indígenas.

Outro foco da pesquisa foi a comunidade Castanhal, situada dentro da comunidade indígena Umariaçu I, que visou buscar compreender a situação linguística das pessoas.

Para embasar estes dados, levantamos também a pesquisa bibliográfica que embasou esta pesquisa.

7.1 - Delimitação do estudo

A pesquisa teve como foco a comunidade Castanhal, situada dentro da comunidade indígena Umariaçu I, com o objetivo de compreender a situação linguística das pessoas dessa localidade. Além disso, foram incluídos dados provenientes de outras comunidades indígenas, como a aldeia Betânia Mecürane, no município de Santo Antônio do Içá – AM.

7. 2 -Tipo de pesquisa

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de base etnográfica, que buscou compreender práticas linguísticas em contextos reais por meio da observação, entrevistas e registros de interações orais. Além disso, houve uma pesquisa bibliográfica que fundamentou teoricamente a análise dos dados.

7.3 - População e amostra

A população participante inclui membros da comunidade Castanhal, integrantes de grupos familiares, professores indígenas de Umariaçu e participantes da conferência do movimento indígena em Betânia Mecürane. A amostra foi intencional e compreendeu falantes envolvidos em interações sociais em diferentes contextos, como reuniões, grupos de WhatsApp e conversas informais.

7.4 -Instrumentos e coleta de dados

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas, gravações de áudio de conversas familiares, reuniões de professores, áudios da conferência indígena e interações em grupos de WhatsApp. Também foram realizadas observações diretas com registro de trechos relevantes de conversas e debates em diferentes ambientes. Os dados foram complementados por pesquisa bibliográfica que deu suporte à análise.

8 - DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Nesta seção, apresentamos os dados coletados durante a pesquisa qualitativa, obtidos por meio de anotações de conversas em caderno de campo, gravações de áudio realizadas em reuniões de lideranças indígenas, registros de áudios de grupos de WhatsApp e anotações de trechos de falas no ambiente familiar do pesquisador. Os participantes são indígenas da etnia Ticuna, cuja língua base é a língua Ticuna. A língua portuguesa é utilizada como segunda língua, enquanto o espanhol ocupa o lugar de terceira língua, considerando que a comunidade está localizada na região da tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru. Nesse contexto, observa-se uma situação de trilinguismo, na qual os falantes demonstram competência comunicativa para emitir e compreender mensagens nas três línguas.

A língua portuguesa, dentro da comunidade, é mais amplamente praticada pela população mais jovem, especialmente devido ao seu contato direto com o mundo da leitura e da escolarização. As lideranças indígenas também fazem uso frequente do português, uma vez que precisam se comunicar com autoridades externas brasileiras — que falam exclusivamente essa língua — e lidar com documentos oficiais redigidos apenas em português. Já o espanhol é utilizado principalmente pelos Ticuna oriundos do Peru e da Colômbia, mas também é empregado por Ticuna brasileiros em situações de interação cotidiana, como no comércio e nas relações interpessoais. Neste contexto multilíngue, apresentamos, a seguir, trechos de falas de vendedores ambulantes em situações de comércio local, áudio de gravação de reuniões de lideranças, áudio de grupo de WhatsApp de jovens, bem como registros de interações no ambiente familiar do pesquisador, envolvendo falantes Ticuna colombianos naturalizados no Brasil.

Os dados foram coletados em diversas situações do cotidiano, como momentos de descontração, discussões familiares, reuniões comunitárias e momentos de lazer dos falantes. Para cada conjunto de dados, apresentamos o perfil dos falantes e o contexto em que a fala ocorreu. Transcrevemos apenas os trechos principais das conversas em que ocorre a alternância de código (AC).

Para cada dado coletado, realizamos a tradução para o português, com destaque para os elementos de alternância de código e as modificações ocorridas na língua base. Cada trecho foi classificado de acordo com o tipo de alternância identificado (**Intrassentecial**: alternância dentro da mesma frase; **Interssentencial**: alternância entre frase; **Entre enunciados**: mudança

de código após um longo trecho em uma língua e **unitária** quando empregada na língua base conforme lida e escrita no português), sendo todas as alternâncias acompanhadas das respectivas análises sobre os fatores que motivaram suas ocorrências. A fim de facilitar a análise, os dados mais extensos foram fragmentados em sentenças menores, permitindo uma apresentação mais clara das traduções e uma identificação precisa dos segmentos com alternância de código.

Ressaltamos que alguns dados se enquadram simultaneamente em mais de uma categoria de alternância, assim como há trechos que contêm **empréstimos linguísticos** oriundos do português e do espanhol. Nesses casos, apresentamos explicações detalhadas para cada ocorrência, evidenciando os processos linguísticos envolvidos.

Dados 01:

Trechos de áudios de gravação em reuniões de lideranças indígenas

Falante: Cacique da aldeia Betânia, município de Santo Antônio do Içá-AM. Indígena da Etnia Ticuna, falante da Língua Ticuna e fluente na língua portuguesa, 67 anos.

Contexto: apresentação na reunião regional sobre a lotação de coordenadores da FUNAI/ARS e DSEI/ARS

Língua base: Língua Ticuna

Língua de alternância: Língua portuguesa

“Nu'magüe pa **liderãsagü** rü **caciquigü**! Mo'ẽítchi na’ca nhaã **putunidayi** daa torü **cumunidayigu** ngu'ú. Nhaã torü **luta sauyica'** rü torü **yireitu sociaugüca'**. Nhaã **mumetu** nawá i ngemagü'ũ rü au'rima **naĩpotãtchi**. Torü **pisidẽtchi ya Lula** rü tüna nanaã i nhaã **putunidayi**, **nanaocupagüüca'** i **setorigü**, **Funaiwá** rü **Sesaiwa nanacomandagüũca**”.

Tradução: Bom dia lideranças e caciques! Obrigado pela oportunidade de realizar aqui na nossa comunidade. Essa nossa luta pela saúde e nossos direitos sociais. Esse momento que estamos é muito importante para nós. Nosso presidente Lula nos deu essa oportunidade, para ocuparmos os setores, na FUNAI e na SESAI, para comandarmos.

Nestes dados, as palavras em negrito sofreram as **AC** a nível de palavras na apresentação do cacique, as quais foram adaptadas à língua base do falante através do empréstimo linguístico do português brasileiro. Estas palavras, sofreram adaptação morfológica e fonológica, pois sofreram mudança na sua forma de escrita e pronuncia quando lidas nas orações. Neste contexto, foram usadas as palavras do português necessárias, pois as mesma não possuem

tradução na língua Ticuna: ***oportunidade, comunidade, direitos sociais, momento, importante, presidente e setores***. E também foram usadas as palavras do português desnecessárias, pois as mesma possuem tradução, e foram utilizadas por preferência do falante: **liderança e cacique = ã'egacü; luta = nu e comandar = mugü/fagü.** Os nomes próprios e os nomes das instituições geralmente não possuem tradução na língua Ticuna: **Lula, Funai e SESAI.**

Aqui podemos conferir a proposta de Treffers-Daller (2005, p. 1472), que o empréstimo "... é frequentemente visto como a integração (adaptação ou incorporação) de elementos vindos de uma língua dentro de outra língua", ou seja, a adaptação de uma palavra de outra língua na língua base (GROSJEAN, 1982).

Dados 02

Falante: A.P.F 24 anos

Contexto: Atleta irritado com a marcação do jogo pelo árbitro da partida.

"hei!**Arbitro**! meã **namarca** tacó! ta'ũ wüi **time cufavorecemareĩ**!

Tradução: "hei, arbitro! marca direito colega! Não favoreça um time!

Códigos alternados:

hei! Arbitro

meã namarca = marca direito

time, cufavorecemareĩ = favorecer um time

Tipo de alternância de código: intrasentencial

Neste trecho, o atleta fala com o arbitro na língua Ticuna, porém, ele alterna as palavras do português na língua base. As palavras que ele alterna possuem tradução na língua Ticuna, fazendo um **empréstimos desnecessário**. Ele poderia ter falado assim.

Hei! Arbitro! Mea **yafe** tacó! Ta'u **wüitucumüwa cuümareü!**

Marcar = yafe

Time = Wüitucumüwá

Favorecer = ümareü

As palavras **arbitro, time** e **favorecer** não sofreram adaptações, pois apresenta a proposta defendida por Darbène e Moore (1995), que as classificam os *code-switching intrasetencial* em **segmenta**l, quando a frase desempenha várias funções, e unitário, quando apenas um elemento é afetado.

Dados 03

Falante: S.T. S. 48 anos. Bilíngue em Português e Ticuna.

Contexto: Presidente de time fazendo orientações aos seus jogadores

"tama name ni pa **jogadores**, pena **peryii** perü **chuteira**, perü **meião**, perü **camisa**. Custa caro pessoal, ninguém nos dá de graça!"

Tradução: "não é bom jogadores, vocês perder a chuteira de vocês, meião de vocês, camisa de vocês. Custa caro pessoal, ninguém nos dá de graça."

Códigos alternados:

Pa jogadores

Chuteira: chuteira

meião e camisa.

Tipo de alternância de código: unitária e intrasentecial ao mesmo tempo

Neste trecho podemos conferir que na primeira sentença que o falante alterna para o portugues as palavras na forma unitária na língua base, logo em seguida, termina a explicação somente no português. Segundo a proposta de Cook (1991):

"...a alternância de código mais frequente é a intra-sentencial unitária, que consiste na inserção de uma única palavra da outra língua no discurso. Essa palavra, quando inserida, pode ou não se adaptar à estrutura fonológica do idioma base. De acordo com Grosjean (1982), a língua de base utilizada numa conversação entre bilíngues é determinada por fatores tais como a situação, o assunto, sua função e os participantes da interação"

Dados 04:

Falante: Líder Indígena: F.G.C 48 ANOS. Professor com formação superior, fluente em português e falante da língua Ticuna.

Contexto: mensagem de conscientização aos parentes Ticuna usando o grupo de WhatsApp.

"...numagũe, cãna, yiemagü naticuna i igüü, aurima nameetchi cana torü **presidente arü pronunciamento rede nacionauwá** i nge'maü. Noturü yiema muepücüna tamana nüü i cua'ü, ngeguma feiqui a igu rü tanayaumare, tiaõotchi cana.

Tradução: Bom dia, né, nós que somos Ticuna, é muito bom né, o pronunciamento do nosso presidente em rede nacional que está ai. Mas, muitas vezes a gente não sabe quando é fake, a gente acredita demais.

Yiemataa nüü tacua i **movimento da yireita** rü aurima **nacontra** namaa i **pobreza** nhaü cana, **pobri** ii... erü taugutama nhaa naanewa i **quinhentos e poucos anos** nua nangüü ngea **grupo da direita, da elite**, **grupo dominante** rü taugutama na wüee **pobre** nangeta tanguu.
Tradução: Nós sabemos que o movimento da direita é muito contra à pobreza, assim né?, somos pobres,... porque nunca nesta terra que quinhentos e poucos anos aqui chegaram o grupo da direita, da elite grupo dominante, nunca um pobre vai chegar onde.

Então, ngemani ngema **torü presidente Lula** üü, **nanaquebra**, **nanainova**, ngewacaü i **pensamento**. Nhema **pensamento socialista** cana, guãü cuda'u rü guewá nguu... nhema muuma i Ticuna rü tama nüü nacua'. Na ngema i Ticunamee, tama nüü tacua ni ngeta nina ũ'ũ. Bemana **europawa** nenaũ, be'na ngetaacü natchu. Nhuãtchi ticunatanüwatama namaüü nhaücana, nhematama nataiya rü tauma nüü nhemayani.
Tradução: Então, isso é que o nosso presidente Lula Faz, faz a quebra, inova, novo pensamento. Esse pensamento socialista né?, que vê a todos e chega a todos. Isso muitos Ticuna não sabem. Talvez ele vêm da europa, talvez nasceu onde. Mas vive entre os Ticuna né?, Fica com fome ai mesmo e não tem nada.

Aicatchi **da direita** ya igu rü **empresariotchi** niĩ, rü tacü niĩ rü **nanaempreeditchi** i meĩ rü tautchima nataya rü tautchima nidawe rü tautchima **bolsa familiaü nadepende**... nhã direito i nhaã **politicas publicasgü** rü ngewacaütchima tatanüwa nangugü...tümatanüwa nangu yiema i ngearü **condições'ãẽ.** Natauma torü **escola** i meĩne, na tauma torü nümagürü nawa nayaene rü yicama **escola pública universidadiwa** nangu nacü nangupetütanüü, erünaacü meinewa ninaĩ...**então**, nhema yiĩ.

Tradução: Se fosse da direita de verdade, seria empresário, ia empreender algo bom, não ia passar fome e não ficaria doente e não dependeria do bolsa família. Esse direito e essas políticas públicas novas chegou no nosso meio. Nós não temos nossa escola boa como eles, onde eles crescem e depois estudam na escola pública, chegam na universidade eles passam porque vem de uma escola boa. É isso ai.
Tipo de AC: Intrasentecial e unitária

O falante por possui curso superior e ser professor domina bem o português. Podemos notar que o falante usa alternância de código a nível de palavras dentro de uma oração várias vezes

dentro da mensagem que ele passa. Por ser fluente na língua portuguesa, as palavras alternadas são bem pronunciadas conforme o português padrão. Ocorreram também as alternâncias unitárias, as que não sofreram as alterações morfológicas e fonológicas, ou seja, foram empregadas na língua base como se ouve no português. Conforme Cook (1991), a alternância de código mais freqüente é a intrassentencial unitária, que consiste na inserção de uma única palavra da outra língua no discurso. Essa palavra, quando inserida, pode ou não se adaptar à estrutura fonológica do idioma base.

Dados 05

Falante: Líder Indígena: S.F.T 49 anos. Falante da língua materna e fluente na língua portuguesa.

Contexto: O falante lança convite a nível regional no grupo de WhatsApp para uma escuta do governo federal para implantação de uma universidade indígena.

" Éh, dücaa tchauenegü, numagüe!, nhaã eüwá. Rü nhemaca moeütchi, éh!, Mendonça, parente!, éh, Fernandes Mendonça. Rü aicumaütchini a tchorü inüwa i nhaã wüi curü colocação rü nhemaacü yiema Alto Solimõeswá nhemagüe rü daegü tiĩ: yiema Tabatchingawa ngemagüe rü mhumatchi éh, Benjami Costant i nhumatchi São Paulo de Olivensawá ngemagüe nhumatchi Amaturáwá ngemagüe rü Santatoni do Içá rü Tonantinswá ngemagüe...Tchama rü peü tchaconvoca rü dia vinte cinco inamarca i governo federal, tá! Governo Federal rü wüi cunsuta naü nangetatá natoaũ yima universidayi a marüma ina yiscutchigüne, táh!... Nhumarü tüü nainütchaü i governo Lula através do Ministério dos Povos Indígenas, rü tüna niaca ni ngeü areagu yiiü natoü yima wüi ya universidade marü inayiscutchigüne...

Tradução

" éh... olha meus irmãos, bom dia, essa manhã. Então, obrigado, éh!, Mendonça, parente! Éh, Fernandes Mendonça. É verdade, no meu pensamento, a sua colocação e assim, aqueles que estão no Alto Solimões são esses: aqueles que estão em Tabatinga, e também em Benjamin Constant e também aqueles que estão em São Paulo de Olivença, também, aqueles que estão em Amaturá e também aqueles que estão em Santo Antônio do Içá e aqueles que estão em Tonantins. Eu convoco vocês, dia vinte cinco o governo federal marcou tá!, O governo Federal faz uma consulta onde vai ser implantada essa universidade que já está em discussão, tá!... agora o governo Lula quere nos escutar através do Ministério dos povos Indígenas, vem nos perguntar em qual área será implantada essa universidade que já está em discussão.

Neste trecho, o falante adapta por várias vezes as palavras do português na língua base utilizando o empréstimo linguistico. No primeiro momento ele realiza a alternância de código intrasentecial unitária defendida por com Grosjean (1982). No segundo momento da fala ele alterna para o português numa oração completa, buscando melhor apresentar a sua ideia. Neste caso, ele reproduz uma alternância de código a nível de oração.

Dados 06

Falante: A.B.V, 65 anos, Ticuna colombiano, naturalizado brasileiro, falante da língua Ticuna e espanhola.

Contexto: O falante pede para sua filha levar pra ele as colheres para a sua mãe lavar

Língua base: Língua Ticuna

Língua de alternância: Língua espanhola

"Pa *hija*, nua nacaa yima **cucharagü rü mamãe** tiayaugü**!"**

Tradução: Filha, traga as colheres que a mamãe vai lavar!

Códigos alternados:

Hija (espanhol): filha

Cucharagü (espanhol): colheres

Mamãe (português)

Neste dado, acontecem as **AC** a nível de palavra, **intrasentecial unitária**, pois as palavras não sofreram adaptações morfológica. O falante usa o espanhol e o português para fazer a alternância adaptando-as à língua de base para indicar os nomes dos objetos. Neste caso, ele alternou por preferência, pois as palavras alternadas possuem tradução na língua Ticuna. Cutchara (espanhol)/colher (portugues); cuyera (ticuna) **e** mamãi (portugues) = mamã(ticuna)

Dados 07

Falante: A.B.V, 65 anos, Ticuna colombiano, naturalizado brasileiro, falante da língua Ticuna.

Contexto: o falante pede para sua filha levar o funil para ele colocar gasolina na moto.

Língua base: Língua Ticuna

Língua de alternância: Língua espanhola

"Pa **hija**, nuna ngecaa ngema **imbudu** rü **gasolina** tcha**mete motu**gu"

Tradução: Filha, traga este funil, vou colocar gasolina na moto.

Códigos alternados:

Hija (espanhol); filha (português)

Imbudo (espanhol)**;** funil (português)

Gasolina: gasolina (espanhol ou portugues)

Tcha**mete:** vou meter

Motugu**:** na moto

Neste trecho, acontecem também as AC intrasentecial unitária numa conversa com sua filha. O falante alternou as palavras para o espanhol por necessidade, pois as palavras ***imbudo*, Gasolina** e **moto**, não possuem tradução na língua Ticuna. E as palavras ***hija* (filha) e tchamete (vou meter)** que possuem tradução na língua Ticuna (**tchau'acü = filha**) e (**bacutchi = colocar**), mas ele deu preferência ao espanhol.

Dados 08

Falante: A.B.V, 65 anos, Ticuna colombiano, naturalizado brasileiro, falante da língua Ticuna.

Contexto: o falante aconselha a sua filha para seguir adiante e aproveitar a oportunidade.

Língua base: Língua Ticuna

Língua de alternância: Língua espanhola

"... Pa tchauacü, ta'ũ na***pierde***ũ i ***oportunidad*** i nhaã ***govierno*** **Lula**arü...".

Tradução: Minha filha, não perca a oportunidade deste governo Lula.

Códigos alternados:

Ta'ũ na***pierde***ũ: não perca

Oportunidad: oportunidade

Govierno: governo (espanhol)

Lulaarü: do Lula

Neste trecho, ocorreram as **AC a nível de palavras**, onde o falante alternou os códigos para o espanhol por necessidade de tradução das palavras na língua base.

Dados 09

Falante: J.R.M, 32 anos (cônjuge), Ticuna brasileira, falante da língua Ticuna, tendo a língua 2 a língua portuguesa.

Contexto: pede para sua filha trazer o ventilador.

"Pa tchauacü, nuna ngecaa yima **ventilador** rü nanaiãneitchi."

Tradução: Minha filha, me traga esse **ventilador**, pois está muito quente.

Neste dado, a falante pronunciou as palavras alternadas conforme o português padrão, e foram empregadas na língua base sem alteração morfológica e fonológica. Neste caso, a AC classifica-se como unitária.

Nos dados 7, 8 e 9, ocorreram as alternâncias de códigos **intra-setenciais unitárias** porque as palavras alternadas foram pronunciadas conforme o português padrão. Segundo Dabène e Moore (1995 *apud* MOZZILLO, 2009), essa classificação, o **intra-sentencial** pode ocorrer sob as formas: **unitária** (apenas um elemento da frase) ou **segmental** (segmentos de cada língua se alternam). Também se confirma a ideia de Cook (1991), quando afirma que o fenômeno de alternância de código pode ser utilizado como um mecanismo de fundamentação no desenvolvimento linguístico do aprendiz de uma língua estrangeira, já que o mesmo pode transitar pelas duas ou mais línguas e utilizar aquela que lhe for mais apropriada para uma determinada situação.

Dados 10

Falante: R.M.V, 56 anos, (sogra), Ticuna colombiana, naturalizada brasileira, falante da língua Ticuna e analfabeta.

Contexto: Orientação ao filho.

"Taũta nagu cugaugüütá i **papa**arü **maradera**."

Tradução: Não vai rasgar a **malhadeira** do **papai**.

Palavras alternadas:

Maradera (malhadeira)

papaarü (do papai)

Neste trecho apresentamos um empréstimo do PB, pois a palavra malhadeira não tem tradução na lingua Ticuna. As palavras **maradera e papa** foram adaptação da língua Ticuna, pois a mesma não possui o domínio padrão da língua portuguesa. São os casos do Ticuna mais conservadores.

Dados 11

Falante: A.P.F 23 anos. Estudante do ensino médio, bilíngue em Ticuna e português.

Conrexto: Atleta de futebol passando orientações no intervalo de jogo de futebol.

"Pessoal, escuta só. Yi'emagürü **amadores** tiĩgü, tama namẽ **arbitro**ũ i **reclama**ütchií! **Entenderam?"**

Tradução: "Pessoal, escuta só. Nós somos amadores, não é bom reclamar muito do arbitro!"

Língua de alternância: portuguesa

Codigos alternados:

Pessoal, escuta só;

Amadores: amadores

árbitroũ: do arbitro

Reclamaütchií: reclama muito

Tipo de alternância: intersentecial.

Neste dado podemos observar que os mais jovens pronunciam bem as palavras do PB quando empregadas na sua língua base. E nessa conversa, ele começa falando no português, e logo em seguida passa para o Ticuna, terminando com uma pergunta no português.

Dados 12

Falante: R.M.V, 56 anos (sogra), Ticuna colombiana, naturalizada brasileira, falante da língua Ticuna.

Contexto: A mãe aconselhando a filha seguir em frente com os estudos.

"...Ngemani cumaã nüü tchiuu pa tchauacü**. No pare de estudiar, siga adelante!..."**

Tradução: Isso que eu falo pra ti minha filha. Não pare de estudar, siga em frente!

Língua de alternância: espanhol

Códigos alternados: No pare de estudiar, siga adelante!

Neste trecho, a falante inicia uma oração na língua Ticuna e completa a ideia com outra oração no espanhol. Neste caso é uma **AC intersentencial.**

Dados 13

Falante: R.M.V, 56 anos (sogra), Ticuna colombiana, naturalizada brasileira, falante da língua Ticuna.

Contexto: a mãe fazendo aconselhamento sobre investimento nos filhos.

"...Ngema *dinero* **papai pegu** *invierte***ü**, nawei na*resultado*ãũ, *no gastemos en vano*...".

Tradução: esse dinheiro que o papai investe em você, tem que ter resultado, não vamos gastar em vão.

Língua de alternância: espanhol

Códigos alternados:

Dinero: dinheiro

Papai: em português

invierteü: investir

Naresultadoãũ: ter resultado

*No gastemos en van*o: não vamos gastar em vão

Neste trecho, a falante adapta as palavras do espanhol na língua base na primeira oração e em seguida, inicia completando a ideia da oração no espanhol. Nesse caso também, ocorreu uma **AC intersentencial.**

Dados 14

Falante: R.M.V, 56 anos, (sogra), Ticuna colombiana, naturalizada brasileira, falante da língua Ticuna.

Contexto: a mãe fazendo aconselhamento sobre educação dos filhos.

"...Nhama *tiempo*wá**, la vida no es fácil**. Ngu'ricatamani *adelante*watá cuũ gaü..."

Tradução: nesse tempo, a vida é fácil. Somente o estudo levará você para frente.

Língua de alternância: espanhol

Códigos alternados: tiẽpuwá, adelantewá

*Tiempo*wá: nesse tempo

*Adelante***wá:** para frente

Neste trecho, a falante alterna as palavras para o espanhol apenas por preferência, pois as palavras alternadas apossuem tradução na língua base. Também ocorre a **AC intersentencial**, onde as palavras alternam de uma língua para outra dentro de uma mesma sentença.

Dados 15

Falante: R.M.V, 56 anos, (sogra), Ticuna colombiana, naturalizada brasileira, falante da língua Ticuna.

Contexto: Faz pergunta ao sobrinho Andrés, se está entendendo a conversa.

Língua de alternância: espanhol

"Ei, Andrés, usted entendes lo que estamos hablando? **Na nüü cuinüü pa André ngema nüü i tiugügüü?"**

Tradução: Ei Andrés, você entende o que estamos falando? Você escuta Andrés, o que estamos falando?

Tipo de Alternância: intersentencial, pois a falante inicia a oração na língua espanhola e finaliza a mesma ideia com outra a oração na língua Ticuna.

Dados 16

Falante: R.M.V, 56 anos, (sogra), Ticuna colombiana, naturalizada brasileira, falante da língua Ticuna.

Contexto: Oferece comida ao Andrés.

Língua de alternância: espanhol

"**Coma Andrés**, **nhaani pãu**, daama tani a **uevo**, nhaa tani i **pescau**. Natchibü!"

Tradução: Come Andrés, aqui está o pão, pra cá está também o ovo, aqui está também o peixe. Come!

Códigos alternados: Pãu (pão), pescau (peixe)

Tipo de Alternância: Intersentecial, pois a falante alterna as duas línguas ao mesmo tempo na mesma sentença. Inicia sua fala no espanhol e termina em Ticuna.

Dados 17

Falante: R.M.V, 56 anos, (sogra), Ticuna colombiana, naturalizada brasileira, falante da língua Ticuna.

Contexto: na mesa do café a falante dando ordem ao Andrés comer.

Lingua de alternância: espanhol

"...Coma Andrés! **no tengas verguenza**. Taũ cuaneü pa Andre, tá cutaiya."

Tradução: Come Andrés! não tenha vergonha. Não tenha vergonha Andrés, senão vai ficar com fome.

Tipo de Alternância: Intersentecial, pois a falante alterna as duas línguas ao mesmo tempo na mesma sentença.

Nos dados 11 a 17, foram classificadas como alternância de códigos do tipo intersenteciais, pois, todas elas inicia uma fala numa língua terminando em outra. De acordo com a

classificação de Poplack (1980), A mudança inter-sentença ocorre nas fronteiras de uma oração ou sentenças, sendo que cada uma delas é produzida em uma língua diferente. Ela pode ocorrer, também, entre turnos de fala dos participantes da conversação.

Nos dados 18 a 24, os trechos apresentados terão como base a proposta defendida por Dabène e Moore (1995 *apud* MOZZILLO, 2009), onde os autores afirmam que as alternâncias de códigos do tipo entre enunciados se dá quando um enunciados implica em alternar depois de um longo período da conversação na outra língua, porém no mesmo diálogo. Aqui nosso caso, a língua de base será a língua Ticuna, e a língua de alternância será o português. Todos os falantes são lideranças indígenas, que falam em reuniões para uma população bilíngue em Ticuna e Português, por isso, eles se sentem à vontade em alternar várias vezes a nível de palavras ou a nível orações.

Dados 18

Falante: G.C, 65 anos, liderança na saúde indígena da aldeia Vendaval, falante da língua Ticuna e fluente em português.

Contexto: Discursando em reunião sobre a saúde indígena de sua região.

Língua de alternância: português

"… não é só nós aqui na região do Alto Solimões, são trinta e quatro regiões, que o governo reconheceu a gente. **Trĩta i cuatro ni nhema nueĩ paceriaca'** sexta conferencia **nacionauwá nueĩ. Ngemacani düwa a ng'u i ngema**…"

Tradução: "...não é só nós aqui na região do Alto Solimões, são trinta e quatro regiões, que o governo reconheceu a gente. Trinta e quatro é que brigaram pela na sexta conferência nacional. Por isso que se realizou isso…"

Língua de alternância: portuguesa

Códigos alternados:

Triĩta i cuatro: trinta e quatro

Paceriaca': pela parceria

Nacionauwá: no nacional.

Tipo de alternância: Intersentencial

Neste trecho, o falante usou a lingua portuguesa como a base de fala, e terminando a ideia na língua Ticuna.

Dados 19

Falante: G.C, 65 anos, liderança na saúde indígena da aldeia Vendaval, falante da língua Ticuna.
Contexto: Discutindo na reunião sobre a saúde indígena de sua região.
Língua de alternância: português

"...nhanarügü üpa ya **prefeitu**gü: **órgão de vocês, têm muito dinheiro, SESAI**, nhanarügü. Ngetá ninaũ'ũ nhema porá ni **cadayia namelhora** i torü **sauyi**?. **Através da luta de muitos parentes**. Mu'ũma tüna nangu i torü yireitu. Tacümü i yi'emagü i sauyi ĩyigena, tama iraüwá ninada."

Tradução: os prefeitos falavam assim antigamente: órgão de vocês, têm muito dinheiro, SESAI, falavam assim. De onde vem essa força que cada dia melhora a nossa saúde indígena? Através da luta de muitos parentes. Muitos direitos nossos nós conseguimos. A nossa cultura e a saúde indígena, não veio de pouca coisa.

Códigos alternados:
Prefeitugü: os prefeitos
Cadayia: cada dia
Yireitu: direitos
ĩyigena: indígena
Tipo de alternância de código: Intersentencial
Neste trecho, o falante usa a língua materna como a língua base, e o português para alternar as palavras.

Dados 20

Falante: S.M.S., 38 anos, coordenador distrital do DSEI/ARS, falante da língua Ticuna.
Contexto: explicando a situação da atual gestão em reunião.

"… perü muturu nibüe arü **peça**aã', **ai tem que pedir peça**. Nhunhacütá namaa quide'aü wüi duũũ, **sistemamare** i i'ĩ? **Daí a gente fica brigando**. Nhema **empresa** tama tü'ü na**serve**, nhemarica nina**serviĩ**, nherü paama tü'ü inangu, **até moto**gu rü **carro**gu, **porque é perto**."

Tradução: o motor de vocês quebra a peça, ai tem que pedir peça. Como é que se fala com uma pessoa que é um sistema? Daí a gente fica brigando. Essa empresa não serve para nós, só serve pra lá, porque chega rápido pra gente, até de moto e de carro, porque é perto.

Língua de alternância: portuguesa

Códigos alternados: motor**,** peça**,** sistema**,** empresa**,** serve**,** moto**,** carro.

Tipo de AC: **Intrasetencial** e **Intersentencial**

Neste trecho, o falante tem a base de língua a sua língua materna. Por ser fluente na língua portuguesa, ele faz empréstimo linguístico do PB várias vezes, logo passa para o português numa oração completa e depois ele pro Ticuna e terminando no português na mesma explicação.

Dados 21

Falante: S.M.S., 38 anos, coordenador distrital do DSEI/ARS, falante da língua Ticuna.

Contexto: explicando a situação da atual gestão em reunião para os profissionais indígenas e não-indígenas.

Língua base: Língua Portuguesa

"… medicamento pessoal, vou até começar com questão do medicamento, cana!**. Hoje, desde quando eu entrei,** nagu tchiücuügu, **eu tive problema com o medicamento, cobra medicamento,** ü'ü rü nata'u**, só que a gente tem que saber,** nhe'irüü nhema ü'ü **pode SESAI** naca ta'eí**…** dois mil i dezoitogucürá nata'u i processo**, ninguém tinha uma ata vigente. Eu tinha que fazer um. E eu tinha um farmacêutico que não conseguia desenvolver esse processo.** Tama nanaconsegui tchona nanaãäü i nhema processo**. Eu tive que trocar. Já foi feito um novo processo e já foi aprovado um milhão e seiscentos de medicamento. Vão entregar trinta e três empresas.** Trinta e três ĩpresagü tani naagügü i nhema i ü'ü."

Tradução: "… medicamento pessoal, vou até começar com questão do medicamento, né! Hoje, desde quando eu entrei, quando entrei, eu tive problema com o medicamento, cobra medicamento, não tem medicamento, só que a gente tem que saber, qual é o medicamento que a SESAI tem que comprar...desde dois mil e dezoito não teve um processo, ninguém tinha uma ata vigente. Eu tinha que fazer um. E eu tinha um farmacêutico que não conseguia desenvolver esse processo. Não conseguia me entrega esse processo. Eu tive que trocar. Já foi feito um novo processo e já foi aprovado um milhão e seiscentos de medicamento. Vão entregar trinta e três empresas. Trinta e três empresas que irão entregar os medicamentos.

Língua de alternância: portuguesa

Códigos alternados: dosmiu i dezoitugucürá; processu; Tama nanaconsegui; ĩpresagü.

Dosmiu i dezoitugucürá: dois mil e dezoito

Processu: processos

Tama nanaconsegui: não consegue

Ĩpresagü: empresas

Tipo de alternância de código: intersentencial

Neste dado, o falante tem como base a língua portuguesa, pois ele está falando para dois públicos. Para os falantes da língua Ticuna e para os falantes da língua portuguesa. Podemos notar que as alternações tentam traduzir uma afirmação dita antes.

Dados 22

F. P. M. 62 anos, professor indígena da etnia Ticuna, falante da língua Ticuna e portuguesa.
Contexto: discussão em reunião sobre a política local discutindo para lideranças Ticuna
Base de língua: Língua Portuguesa

"...o que eu quero dizer com essas minhas palavras, chega de mão-de-gato aqui nessa casa. É casa dos munícipes de Tabatinga que paga imposto**, nhatcharügü, cãna!"**

Tradução: "tacü ngema nüü tchiu'utchaũ nhaã tchorü de'amaã, chega de mão-de-gato aqui nessa casa. É casa dos munícipes de Tabatinga que paga imposto, **disse assim, né**!"

"Enquanto, nós educadores, passamos quatro ou oito horas na sala de aula para sustentar a nossa família, **yiema, muepücüna, pa Santo!** sabe, então pra quê a gente elege um vereador?,pra quê a gente vota no prefeito? **tücürũũ tanaelegi?"**

Língua de alternância: Ticuna
Códigos alternados: tana elegi
elegi: eleger
Tipo de Alternância de código: **intersentencial**
Neste dado, o falante discursa para lideranças indígenas em português. Todo o público entende a língua portuguesa e são falantes da língua materna. Quando o falante alterna para a Língua Ticuna, ele sabe que todos estão entendendo, ou seja, todos são bilíngues na língua materna e no português.

Dados 23

F. P. M. 62 anos, professor indígena da etnia Ticuna, falante da língua Ticuna e portuguesa.
Contexto: discussão em reunião sobre a política local.
Língua de base: Língua Portuguesa

"...Muito tempo eu pensei, vamos dar troco! **Nucüma yiema tauema tanaprecisa i prefeitu, torü naturezawátama tama'e,** ninguém precisava do prefeito, mas ele precisa do pobre. Mas a politica tai de novo, e vamos dar o troco neles. Ninguém vota! **Nhiã porá yigüna taãgü. Nherü notücüama tawotagümare, yicama tama tü'ü na fa'tchaügü i prefeitu rü weriadu."**

Tradução: "...Muito tempo eu pensei, vamos dar troco! Antigamente nós não precisava dos prefeitos, nós vivemos na nossa natureza mesmo, ninguém precisa do prefeito, mas ele precisa do pobre. Mas a política está ai de novo, e vamos dar o troco neles. Ninguém vota! Vamos nos dá força. Porque votamos atoa, depois eles não nos ajuda, os prefeitos e vereadores."

Língua de alternância: portuguesa
Códigos alternados: prefeitu; naturezawatama; tawotagümare; veriadugü
Prefeitu: prefeito
Tawotagümare: votamos à atoa
Veriadugü: vereadores
Naturezawatama: na natureza

Neste dado, o falante tem como a base a língua portuguesa. Ele faz alternância de código na língua Ticuna, pois é um nato na língua materna. Ele explana para as lideranças Ticuna que são bilíngues em Ticuna e no português. Por isso, ele fala o maior tempo no português, sabendo que o público entende perfeitamente a sua mensagem.

Dados 24
J.G.R 45
Língua de base: Língua Ticuna
Língua de alternância: portugues/espanhol
"...olha peixe hermanos! Pescau! Pescau... na itanü i tchoni pa duugü**! Só hoje tá barato."**
Tradução: olha peixe irmãos! Peixe! Peixe! Está barato o peixe pessoal! Só hoje tá barato.
Contexto: feirantes oferecendo seus produtos aos clientes no mercado peixe em Umariaçu.
Neste trecho o feirante domina as três línguas: Ticuna, português e espanhol. Ele alterna para as ambas línguas porque ele direciona aos Ticuna, aos visitantes brasileiros não-indígena e aos colombiano e peruanos que falam o espanhol.
Tipo de alternância de código: **intersentencial.**

Nos últimos cinco dados, podemos perceber que os falantes possuem uma certa habilidade para realizar as alternâncias para dirigir ao público a sua mensagem. Temos aqui a mudança de código em sentença distintas, onde cada uma é produzida em uma língua diferente. A mudança intra-sentença ocorre no interior de uma mesma sentença ou fragmento. De acordo com Romanie (1995), este tipo de mudança requer uma certa fluência nas duas línguas, pois envolve mais ricos sintáticos e morfológicos, ou seja, o indivíduo deve em uma mesma enunciação combinar morfemas gramaticais e lexicais de línguas diferentes.

Podemos notar também nos trechos que os falantes que no calor da emoção em cada situação, eles foram motivados em realizar estas alternâncias. E podemos comprovar a ideia de Cristal (1987), quando ele afirma que existem vários motivos que levam à alternância de código, por se tratar de um fenômeno. Ele cita que, entre muitos outros, a possibilidade de o falante não se sentir suficientemente capaz de se expressar numa determinada língua e, em consequência, mudar para outra tentando compensar essa deficiência. Isso pode acontecer, conforme atestam vários bilíngues, quando o falante se sente aborrecido, enraivecido, cansado, distraído ou com preguiça de buscar a palavra na língua base, por qualquer razão.

9 - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados desta pesquisa revelaram que a alternância de código na comunidade indígena Umariaçu é um fenômeno profundamente enraizado no cotidiano linguístico dos falantes Ticuna. De modo geral, constatou-se que essa prática ocorre predominantemente de forma inconsciente e está diretamente relacionada ao contexto sociolinguístico característico da tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru.

Quanto ao primeiro objetivo específico, as situações comunicativas em que a alternância de código se manifesta são diversas: desde interações informais entre familiares e amigos, até situações mais formais como reuniões comunitárias, aulas e discursos públicos. A presença das línguas portuguesa e espanhola nesses contextos evidencia a influência de fatores externos, como a educação formal em português e o contato com falantes de espanhol nas zonas de fronteira.

No que se refere ao segundo objetivo específico, observou-se que os grupos etários mais jovens apresentam maior frequência de alternância de código, especialmente nas modalidades intrasentencial e unitária. Esse padrão sugere um processo de maior integração às línguas dominantes por parte das gerações mais novas, potencialmente impulsionado pelo uso intensivo de tecnologias, redes sociais e pela escolarização em língua portuguesa.

O terceiro e quarto objetivos específicos, que tratam da identificação e caracterização dos tipos de alternância, também foram alcançados com êxito. A alternância intrasentencial foi a mais recorrente, seguida pela alternância intersentencial e, em menor escala, pela alternância entre enunciados — esta última observada principalmente entre lideranças e falantes com maior escolarização. Esses dados confirmam que a alternância de código não é homogênea, mas varia em função do grau de bilinguismo, da intenção comunicativa e do contexto sociocultural em que se insere.

Por fim, ao tratar do quinto objetivo, a análise dos dados permitiu uma reflexão mais aprofundada sobre a alternância de código não apenas como uma interferência linguística, mas como uma prática adaptativa diante de um cenário multilíngue. Essa perspectiva aponta para a necessidade de se repensar estratégias de valorização da língua Ticuna que dialoguem com a realidade bilíngue (ou trilíngue) dos falantes, reconhecendo a alternância como parte integrante de sua identidade linguística contemporânea.

10 – POSSÍVEIS EXTENSÕES PARA AS ESCOLAS INDÍGENAS

Neste tópico, trataremos do produto resultante desta dissertação, vinculada a um mestrado profissional. Essa modalidade tem como principal objetivo promover proposições que possam ser aplicadas nas instituições onde atuam os pesquisadores, levando os resultados do estudo ao ambiente de trabalho. Com isso, busca-se contribuir diretamente com a comunidade foco da pesquisa, oferecendo respostas concretas à problemática investigada. Dessa forma, o trabalho acadêmico ultrapassa os limites da teoria e passa a exercer um papel efetivo no desenvolvimento local e na transformação da realidade estudada.

No que se refere ao nosso tema, inicialmente trataremos dos empréstimos da língua portuguesa que foram identificados e adaptados nos dados analisados. Em determinados trechos (dados), observou-se que o falante do Ticuna utilizou termos da língua portuguesa de forma desnecessária, uma vez que existem equivalentes disponíveis na língua Ticuna. Quando o falante opta por esses empréstimos sem necessidade funcional, realiza uma alternância motivada por preferência, o que pode revelar uma certa desvalorização da língua materna.

Diante disso, como proposta de intervenção, sugerimos a realização de um seminário voltado à comunidade escolar, com o objetivo de discutir e evidenciar que a língua Ticuna é completa e plenamente capaz de expressar ideias em diferentes contextos. A iniciativa busca fortalecer a consciência linguística dos falantes, incentivando a valorização e preservação da língua materna.

Por último, sugere-se neste mesmo seminário proposto acima, que a comunidade escolar, em colaboração com o pesquisador, elabore uma lista de vocábulos equivalentes em língua Ticuna para substituir os empréstimos lexicais do português que ainda não possuem tradução consolidada, objetivando o processo de padronização linguística dentro da comunidade. Essa seleção lexical seria discutida em assembleia com a participação de docentes e discentes, visando a validação coletiva das formas sugeridas. A partir da aprovação, esses itens lexicais passariam a integrar o léxico de uso corrente da comunidade escolar. Tal iniciativa contribuiria para a redução da dependência de empréstimos linguísticos e promoveria a valorização e o fortalecimento da língua Ticuna tanto no contexto educacional quanto no cotidiano comunitário.

Esta dissertação propõe uma política linguística construída a partir de uma iniciativa da própria comunidade, considerando que os principais interessados na preservação da cultura e da língua materna do povo Ticuna são próprios moradores da aldeia. O objetivo é garantir que as futuras gerações mantenham viva essa língua ancestral. Afinal, a pressão da sociedade e do mundo globalizado impõe a necessidade de preparação e adaptação constantes para a nossa sobrevivência, sem que isso signifique abrir mão de nossa identidade linguística e cultural.
Portanto, este estudo reforça a importância de políticas linguísticas que respeitem e fortaleçam a língua Ticuna, reconhecendo as práticas de alternância de código como parte do repertório legítimo dos falantes. A continuidade e vitalidade da língua Ticuna dependem não apenas de sua transmissão entre gerações, mas também de sua valorização nos espaços institucionais e sociais onde se articula a vida cotidiana dos Ticuna.

Com base nos resultados desta pesquisa e nos objetivos alcançados, recomenda-se:

1. Desenvolver políticas públicas específicas para o ensino bilíngue e intercultural, que considerem a realidade multilíngue da comunidade Umariaçu e promovam a valorização da língua Ticuna como língua de instrução e identidade.
2. Produzir e distribuir materiais pedagógicos em Ticuna, integrando práticas reais de alternância de código para que os aprendizes se reconheçam nos conteúdos escolares e desenvolvam consciência linguística crítica.
3. Investir na formação de professores indígenas bilíngues, capacitando-os para atuar em contextos onde o uso simultâneo de mais de uma língua é uma prática comum e legítima.
4. Criar espaços de uso público da língua Ticuna, como programas de rádio, vídeos educativos, plataformas digitais e redes sociais voltadas à juventude indígena, incentivando o uso ativo da língua nos meios contemporâneos.
5. Realizar novas pesquisas sobre os impactos fonéticos e fonológicos da alternância de código, com foco na pronúncia, entoação e adaptação morfológica dos termos estrangeiros na fala Ticuna, contribuindo para uma documentação linguística mais abrangente.
6. Monitorar o uso da língua Ticuna entre as gerações mais jovens, a fim de acompanhar tendências de uso, perdas e possíveis mudanças estruturais que possam impactar sua vitalidade a médio e longo prazo.

11 – CONCLUSÃO

A pesquisa apresentada teve como objetivo principal analisar os impactos da alternância de código entre o Ticuna, o português e o espanhol na comunidade indígena Umariaçu, com especial atenção às implicações dessa prática para a vitalidade da língua Ticuna. Os dados analisados evidenciaram que a alternância de código constitui um fenômeno recorrente, multifuncional e sistemático, presente em diversos contextos comunicativos e entre diferentes faixas etárias, com maior frequência entre os falantes mais jovens.

Por um lado, a alternância de código não deve ser compreendida como um sintoma de erosão linguística, mas sim como uma prática sociolinguística adaptativa e estratégica, que emerge das dinâmicas do contato linguístico em contextos multilíngues. Os falantes Ticuna, ao alternarem entre línguas, não rompem com sua matriz linguística ancestral, mas constroem sentidos, negociam identidades e reafirmam sua pertença étnico-cultural diante das múltiplas pressões socioculturais. A presença do português e do espanhol, embora represente um desafio à manutenção do Ticuna, também pode ser interpretada como uma oportunidade para o desenvolvimento de um bilinguismo funcional e para a emergência de novas formas híbridas de expressão cultural.

Entretanto, é motivo de preocupação quando a alternância de código evolui para um deslocamento linguístico, em que o português ou o espanhol passam a ocupar, de modo sistemático, os domínios anteriormente reservados à língua Ticuna — sobretudo no âmbito familiar e intergeracional. Tal tendência pode acarretar o enfraquecimento da transmissão linguística natural, comprometendo a continuidade da língua materna como instrumento de identidade, memória coletiva e coesão sociocultural. Diante disso, torna-se fundamental a atuação das lideranças comunitárias e das instituições escolares na promoção de práticas de revitalização e manutenção linguística.

Neste sentido, a pesquisa reforça a necessidade da formulação e implementação de políticas públicas de preservação cultural e linguística voltadas para as línguas indígenas, com enfoque na língua Ticuna. Tais políticas devem ter caráter intersetorial e perene, com ações planejadas que incluam projetos socioculturais, oficinas de letramento bilíngue, produção de literatura indígena, registro de saberes tradicionais, incentivo à musicalidade étnica, entre outras estratégias que promovam a valorização e a funcionalidade da língua nos mais diversos domínios sociais.

A língua não é apenas um meio de comunicação, mas um marcador identitário profundo que articula o pensamento, a visão de mundo e o modo de ser de um povo. Por isso, sua preservação não deve ser vista como um ato isolado, mas como um compromisso coletivo com as gerações futuras. A continuidade e a revitalização da língua Ticuna dependem não apenas de sua transmissão entre gerações, mas de sua legitimação e visibilidade em espaços institucionais, culturais e educacionais. Só assim será possível garantir que essa língua ancestral, portadora de saberes milenares, continue viva e pulsante no coração de seu povo.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Luis Eduardo; ZORIA, José. Experiencias locales en la protección de los conocimientos tradicionales indígenas en la Amazonia colombiana. *Revista Colombia Amazónica*.

ACUÑA, Cristóbal de. *Novo descobrimento do grande rio das Amazonas*. Rio de Janeiro: Agir, 1994.

BATES, H. W. *Um naturalista no rio Amazonas*. Tradução Regina Régis Junqueira. Apresentação Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, [s.d.].

BATOROWICZ, K. *Bilingualism & multiculturalism: study book*. Toowoomba: Distance Education Centre, University of Southern Queensland, 1997.

BERTHOLD, M.; MANGUBHAI, F.; BATOROWICZ, K. *Bilingualism & Multiculturalism: Study Book*. Toowoomba: Distance Education Centre, University of Southern Queensland, 1997.

BONIFÁCIO, P. S. B. *Contato linguístico Tikuna-Português no Alto Solimões – Amazonas: um estudo sobre a variedade de português falada por professores Tikuna*. 2019. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República, [2016].

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Brasília, DF: MEC, 1996.

CAMACHO GONZÁLEZ, Hugo Armando. *Nuestras caras de fiesta*. Bogotá: Instituto Colombiano de Cultura, 1996.

CARNEIRO, José de Ribamar Dias. *Povos e línguas indígenas no Maranhão*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2014.

CARVALHO, F. O. On the genetic kinship of the languages Tikúna and Yurí. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 1, n. 2, p. 247-268, 2009.

CASTRO, Gilberto de. O fardo furado do estrangeirismo. In: FARACO, C. A. (Org.). *Estrangeirismos – guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001.

COOK, V. Reciprocal language teaching: another alternative. *Modern English Teacher*, v. 16, n. 3-4, p. 48-53, 1989.

COOK, V. *Second language learning and language teaching*. Melbourne: Edward Arnold/Hodder Headline Group, 1991.

ERTHAL, Regina Maria de Carvalho. Museus indígenas: articuladores locais de 'tradições e projetos políticos'. In: ERTHAL, Regina Maria de Carvalho; SAMPAIO, Patrícia Melo (Org.). *Rastros da Memória: histórias e trajetórias das populações indígenas na Amazônia*. Manaus: EDUA, 2006.

FELIPE, Paulo Henrique. Empréstimos do português na língua Mehináku (Arawak). São Paulo: Estudos Linguísticos, 1978.

FREIRE, J. R. B. *Rio Babel: a história das línguas na Amazônia*. Rio de Janeiro: Atlântica, [s.d.].

FRIZZO, Krug; HORST, [nome incompleto]. Code-switching na comunidade Kaingang da Terra Indígena Guarita. *[Revista]*, v. 12, n. 1, 2021. ISSN 2179-0027. DOI: [não fornecido].

GROSJEAN, F. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

GROSJEAN, F. Studying bilinguals: methodological and conceptual issues. *Bilingualism: Language and Cognition*, v. 1, p. 131–149, 1998.

GUMPERZ, John J. *Discourse Strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HELLER-ROAZEN, D. *Ecolalias: sobre o esquecimento das línguas*. Campinas: Unicamp, 2010.

HÜTTNER, E. A Igreja Católica e os Povos Indígenas do Brasil: os Ticuna da Amazônia. [S.l.: s.n.], [s.d.].

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). Disponível em: http://www.socioambiental.org. Acesso em: [data de acesso].

ISA – Instituto Socioambiental. *Ticuna*. SOARES, 2021. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ticuna#Movimentos_messi.C3.A2nicos. Acesso em: 19 jul. 2024.

MINISTERIO DE CULTURA (Peru). *Consulta previa*. 2019. Disponível em: http://consultaprevia.cultura.gob.pe/por-que-la-consulta-previa/. Acesso em: 4 dez. 2019.

MUYSKEN, Pieter. *Bilingual Speech: A Typology of Code-Mixing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. A busca da salvação: ação indigenista e etnopolítica entre os Tikuna. In: OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de (Org.). *Ensaios em Antropologia*. Campinas: Unicamp; São Paulo: Cortez, 1990.

OLIVEIRA, Ivone de Lourdes. Dimensão estratégica da comunicação no contexto organizacional contemporâneo: um paradigma de interação comunicacional dialógica. 2002. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Ação indigenista e utopia milenarista: as múltiplas faces de um processo de territorialização entre os Ticuna. In: ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida Rita (Orgs.). *Pacificando o branco: cosmologias do contato no Norte-Amazônico*. São Paulo: UNESP, 2002.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O mito como história: um problema de tempo, realidade e outras questões. *Mana: Estudos de Antropologia Social*, v. 1, n. 1, p. [sem paginação], out. 1995. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Museu Nacional/UFRJ.

ORLANDI, E. P. *Terra à vista: discurso do confronto – velho e novo mundo*. São Paulo: [s.n.], [s.d.]. p. 277-310.

POPLACK, Shana. Sometimes I'll start a sentence in Spanish y termino en español: Toward a typology of code-switching. *Linguistics*, v. 18, p. 581-618, 1980.

RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

RODRIGUES, Aryon D. As línguas gerais sul-americanas. *Papia – Revista de Crioulos de Base Ibérica*, v. 4, n. 2. Brasília: Thesaurus Editora/UnB, 1996.

SAPIR, E. Língua e ambiente. In: _____. *Linguística como ciência: ensaios*. São Paulo: Livraria Acadêmica, 1969.

SOARES, M. F. *O suprassegmental em Tikúna e a teoria fonológica*. 1992. Tese (Doutorado) – UNICAMP, Campinas.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. Tradução e adaptação de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

TIMONEDA, A. R. *Tradução: Uma Abordagem Teórica*. Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação, Ano 5 - Edição 2 – Dezembro de 2011-Fevereiro de 2012.

VILLAREJO, Avencio. *Así es la selva*. 4. ed. Iquitos: Centro de Estudios Teológicos de la Amazonia, 1988.

WEINREICH, U. *Languages in contact: findings and problems*. New York: Linguistic Circle of New York, 1953. *"A alternância de código é o uso de dois (ou mais) códigos linguísticos pelos mesmos falantes durante uma mesma interação verbal, funcionando como um recurso comunicativo que pode expressar identidades sociais, relações de poder, ou ainda facilitar a comunicação em determinados contextos."* (VILLAS BÔAS, 2004, p. 33)